

Um Outro Olhar
Volume V

Coletânea de Homílias de J.B. Libanio, S.J.

Organização:

Marta Martins de Aguiar

Maria Alice de Moraes Fonseca

Regina Maria Melo Marinho Ferreira

Capa e ilustração: Márcia Viana

Índice remissivo: João Batista Pereira Ferreira

Execução Gráfica:
BIG Editora Gráfica
(31) 3416.7896

1ª Edição

Contato:
Marta Martins
(31) 9611.2186
martatins@yahoo.com.br

Valéria
(31) 3461.1079
(31) 3461.5446

APRESENTAÇÃO

Uma ação revestida de grande simplicidade, mas ao mesmo tempo plena de sabedoria em sua essência e capaz de levar inspiração a tantas pessoas. Assim foi a iniciativa de um grupo de alunas ao gravar e editar as homilias proferidas pelo vigário da paróquia de N.S. de Lourdes, na cidade de Vespasiano e que traduz a própria missão de João Batista Libanio, como cristão e intelectual, engajado e comprometido com a libertação dos trabalhadores, pobres e excluídos.

Penso que o espírito da obra do padre Libanio foi representado com muita propriedade numa conversa entre Alceu Amoroso Lima e Leonardo Boff. Certa vez, contou-me Leonardo, Alceu afirmou que à sua própria geração coube a tarefa de promover o encontro da Igreja com a universidade e os acadêmicos. A missão de recristinianizar os espaços intelectuais envolveu um diálogo aberto com outras concepções da vida e da pessoa, a partir de nomes como Marx, Freud ou Sartre. Nesse contexto de debate entre Igreja e academia, foram construídas no país a Pontifícia Universidade Católica, a editora Agir, a revista “A Ordem”. Havia no entanto naquele momento uma dimensão apologética ou de proselitismo, como reconhece o próprio Alceu.

Já a geração de Leonardo Boff, prosseguiu Amoroso Lima, foi capaz de dar um importante passo à frente, atingindo o estágio onde a mais fina intelectualidade mergulhou diretamente no coração da pobreza, sob a luz e inspiração de nomes como Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin, Louis-Joseph Lebret, e também de brasileiros como o próprio Alceu após sua “segunda conversão”, Dom Helder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Pedro Casaldáliga, Dom José Maria Pires, Edgar da Mata-Machado e, de maneira especial, Henrique de Lima Vaz. Essa geração, contando com o vigor de Leonardo Boff, Clodovis Boff, Frei Betto, João Batista Libanio e tantos outros, foi capaz de confrontar a existência da pobreza abjeta ali mesmo, onde ela se manifesta de forma mais dramática e injusta, evangelizando pelos pobres e para os pobres através das Comunidades Eclesiais de Base, da Teologia da Libertação e das pastorais.

Assim é João Batista Libanio: um dos maiores teólogos e pensadores do Brasil, cujas palavras e reflexões repercutem pelo mundo inteiro e, ao mesmo tempo, um intelectual orgânico, próximo do povo, místico, um verdadeiro pregador na melhor tradição de Santo Antônio de Pádua, tão próximo e atento às necessidades quotidianas das pessoas e das famílias. Detentor de títulos doutorais, autor de vasta obra literária, incluindo os livros “Discernimento e Política” e “Introdução à Vida Intelectual”, professor de teologia no Instituto Santo Inácio, em Belo Horizonte; com essas brilhantes credenciais acadêmicas e intensa produção intelectual, era de se esperar que dedicasse seu tempo nos sábados e domingos a leituras, escritos, orações e reflexões pessoais. Em vez disso, todos os finais de semana o padre Libanio desloca-se de Belo Horizonte para a cidade de Vespasiano, onde exerce o sacerdócio, servindo a paróquia local. Trata-se de claríssimo exemplo de intelectualidade aplicada à prática, por meio do serviço amoroso à comunidade.

Tive o privilégio de aprender muito com o padre Libanio. Cada vez que leio seus textos e livros ou escuto suas palavras, percebo as importantes influências que dele recebi para minha formação, a partir de seus ensinamentos nos campos

intelectual, religioso e de serviço público. Homem da mais alta erudição, João Batista Libanio sempre foi um exemplo da importância da dedicação intelectual e do aprendizado com Platão, Aristóteles, Agostinho e Hegel, que foram, nas suas próprias palavras, algumas das maiores inteligências que passaram pela terra. Ao mesmo tempo, como mostram os textos de suas homilias, ele nunca deixa de trazer referências dos grandes pensadores nos termos mais simples e acessíveis a todos, consoante com a convicção de que o dever do intelectual é compartilhar reflexões e conclusões com o próximo.

Seu exemplo de vivência religiosa nos mostra ainda que a presença do Príncipe da Paz em nossas vidas deve ser compartilhada no convívio diário. Assim ele o faz, ao olhar nos olhos de cada fiel no momento da apresentação do corpo de Cristo na Eucaristia. Sua permanente exortação ao serviço aos mais pobres e necessitados nos lembra de que a essência da humanidade é o encontro com os demais. Nesse sentido de comunhão, nunca perdeu de vista a perspectiva do diálogo inter-religioso, apontando como podemos ser ainda mais cristãos a partir do convívio fraterno com os ensinamentos das religiões afro-brasileiras, indígenas, do budismo, do islamismo, do judaísmo e de outros tantos caminhos para o sagrado e o transcendente. De forma muito importante, incorporou também o diálogo com os não crentes, marxistas e todos os que procuram o sentido maior da vida e o compromisso com a construção de um Brasil e de um mundo mais decentes e dignos, onde todos tenham assegurados os mesmos direitos e oportunidades, para assim multiplicar seus talentos e participar do mistério da vida e da aventura humana.

Já no campo da política e do serviço público, o padre Libanio sempre me transmitiu com clareza a mensagem de que, para o cristão, o coração do poder é o coração do serviço. Hoje em dia, ele nos alerta para os riscos da globalização – a ação do Império Romano de nossos dias – que enquanto prega a abolição das fronteiras para o capital internacional, está longe de globalizar e universalizar os direitos fundamentais da pessoa, os direitos sociais, o respeito ao meio ambiente, a construção da paz e, principalmente, a distribuição da riqueza. Este momento impõe-nos o desafio de ampliar valores éticos do melhor pensamento cristão, fundados na defesa da dignidade humana, no primado da vida, na construção do bem comum, no cuidado com os pobres, na justiça social. Ensina o padre Libanio que nós fazemos o caminho do nosso próprio sofrimento se não formos capazes de vestir o nu, dar água ao sedento, alimentar o faminto, acolher uma criança de rua e até mesmo dizer uma palavra de consolo aos que têm lágrimas nas faces, conciliando assim a dimensão do coletivo e do particular na promoção do bem comum, muito fortes nos ensinamentos e na vida de Jesus.

Encerro minhas breves palavras expressando meu afeto e profunda admiração por João Batista Libanio e grande felicidade pela publicação da série “*Um Outro Olhar*”, agora em seu quinto volume, que me possibilita desfrutar de sua presença cotidiana em minha vida. Ainda que nem sempre eu possa ouvir suas palavras fisicamente, em função de minha própria busca e trabalho pelos valores éticos e pela defesa dos que mais precisam, sinto-me como se estivesse presente e escutasse cada uma de suas homilias por meio desses livros, em comunhão de valores com os fiéis presentes às suas missas e com os demais leitores de seus textos.

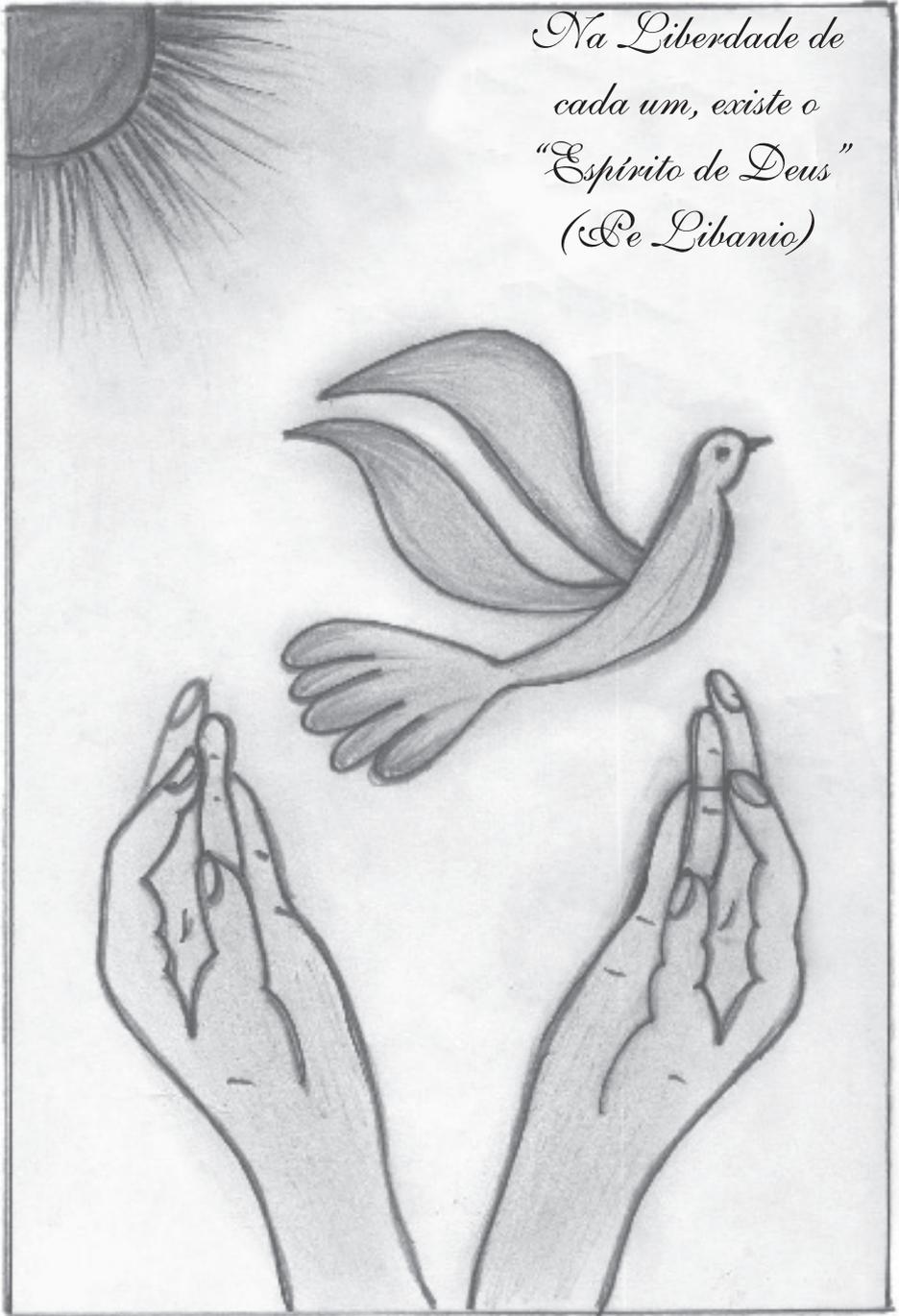
A bênção, padre Libanio.

Patrus Ananias

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>		<i>Pág.</i>
01-A renovação que nos oferece um ano novo.....	09	24-Vencer a acomodação buscando horizontes mais amplos.....	57
02-A estrela que nos conduz à verdade do Menino.....	11	25-Refletindo a vida.....	59
03-Construindo solidariedade.....	13	26-Deus nos criou para sermos eternos.....	61
04-Transfigurar-se é renunciar ao comodismo.....	15	27-A dimensão cristã do perdão.....	63
05-O Jesus do cotidiano e da glória	17	28-O tempo não faz o amor.....	66
06-A originalidade do perdão de Deus.....	19	29-O valor de quem se gasta pelo Reino de Deus.....	68
07-Deus Pai entrega seu Filho à história.....	21	30-Nós somos a vinha do Senhor...	70
08-Deus age através de nossas ações.....	23	31-Homem e mulher constroem felicidade juntos.....	72
09-A presença que é certeza e união	25	32-Nossa resposta aos convites de Deus.....	74
10-A vida sem o Espírito Santo.....	26	33-A transformação passa por dentro de nós.....	76
11-Crescemos na reciprocidade.....	29	34-Os verdadeiros modelos para os jovens.....	78
12-Valemos pelo que somos.....	31	35-Nas bem-aventuranças, um novo retrato de Deus.....	81
13-Deus nos revela o mistério trinitário.....	33	36-Eu me construo nas minhas relações.....	84
14-O tribunal da consciência.....	35	37-Responsabilidade cidadã.....	86
15-Só crescemos na verdade de nós mesmos.....	37	38-Pequenas utopias.....	88
16-Um amor que estrutura os nossos amores.....	40	39-Maria irradia o amor de Deus Pai.....	90
17-O longo trabalho de fazer crescer a semente.....	42	40-As presenças de Cristo no nosso cotidiano.....	92
18-Alegrar-se com todas as alegrias.....	44	41-Pela palavra criamos solidariedade.....	94
19-A felicidade nas coisas simples.	46	42-Preparar para a festa já é festa...	96
20-Jesus se mostra divino na extrema humanidade.....	48	43-Ser profeta no cotidiano.....	98
21-Ser pai é desacomodar e encorajar.....	50	44-Somos testemunhas da luz.....	100
22-Na assunção, a totalidade de Maria.....	52	45-Deus prefere o silêncio da noite	102
23-A porta estreita.....	55	46-A sacralidade da família.....	104
		47-Fé e religião no terceiro milênio	107
		48-Qual o futuro do Cristianismo?	118

*Na Liberdade de
cada um, existe o
"Espírito de Deus"
(Pe Libanio)*



A RENOVAÇÃO QUE UM ANO NOVO NOS OFERECE (Lc 2, 16-21)

O ano de 97 já passou. Já estamos em 98 e, toda vez que atravessamos um novo ano, parece que alguma coisa diferente acontece em nós. É um dia que não é exatamente como os outros. Não será como hoje, por exemplo – 1º. para 2 de janeiro, nem 2 para 3 ou 3 para 4. Parece que, de 31 de dezembro para 1º. de janeiro, alguma coisa acontece. E por que acontece alguma coisa em nós? Qual a diferença? Se olharmos os astros, não veremos diferença nenhuma. Tudo já está previsto e calculado pelos astrônomos, cientificamente controlado. E por que, de repente, passa de 31 para 1º. e acontece alguma coisa? Somos seres diferentes. Não somos apenas matemáticos, científicos. Esse é o grande equívoco da modernidade.

A revolução da modernidade começa no século XVI, com Descartes no século XVII, com Kant no século XVIII. Essa revolução cultural acreditava que, uma vez conhecendo a realidade, nós a dominaríamos. Para eles, tudo o que não fosse estritamente racional, lógico, matemático era superstição, ignorância, atraso. Acontece que o atraso continua até hoje. Chegamos em 1997 e, nos países mais avançados, onde há tecnologia de ponta, a passagem de ano ainda mexe com as pessoas. Elas celebram, cantam, abrem bebidas, soltam fogos. E por que isso? Tenho a impressão de que a passagem de ano mexe com um arquétipo muito profundo do ser humano. Ontem eu falei do conhecido para o desconhecido e hoje vou falar do antigo para o novo.

Nós temos uma experiência de que, de vez em quando, precisamos libertar-nos, despojar-nos daquilo que vamos acumulando. O ser humano vai incrustando em si mesmo suas experiências, sobretudo as coisas negativas. São como uma espécie de musgo que vai colando ao nosso corpo, como se alguém nunca tomasse banho e criasse uma crosta tremenda. De vez em quando, é preciso pegar uma bucha e arrancar toda essa sujeira para sentir-se novo. São experiências biológicas, psíquicas, sociológicas. As biológicas, necessitamos lavá-las. Com as psíquicas, fazer o que fazem as psicanálises. As pessoas pagam caro para se deitar num divã e recordar, arrancar todo o passado, contar para um analista que pode até estar dormindo enquanto você fala, tentando libertar-se. Muito antes do senhor Sigmund Freud (*), os gregos já tinham descoberto isso. Eles tinham um famoso teatro. O que eram as peças de Sófocles, Eurípedes, Ésquilo naquele grande teatro de Dionísio, em Atenas (**)? O povo ia assistir, participar de uma peça teatral para viver uma experiência profunda de dor, de sofrimento, de vida, de morte. Para que, vivendo essa experiência, se libertasse dela e voltasse aliviado para casa. Isso os gregos chamavam de catarse.

O ser humano necessita de uma espécie de catarse, isto é, de limpeza, de purificação psicológica. Isso, no sentido puramente sociológico, puramente

psicológico. De vez em quando uma nação necessita gritar, festejar. Por isso, de quatro em quatro anos se realiza uma Copa. Quando ganha a Copa, o brasileiro fica aliviado por alguns meses, até que vem um plano econômico e piora tudo de novo. Mas tudo isso pertence um pouco à nossa experiência humana.

A Igreja é sábia e sabe disso. Ela introduz, nesse jogo, a sua palavra mais profunda ainda. Não só de libertação psicológica, de um peso que ficou do ano passado. A Igreja nos oferece – por isso tivemos as celebrações penitenciais – um perdão radical. De tal maneira, que todas as nossas negatividades de 97 desapareçam. Essa talvez seja a alegria maior para nós, cristãos: sabermos que, ao ultrapassarmos a fronteira de 97 para 98, todo o pecado, toda a culpa, vai cair. Da culpabilidade, dos encargos psíquicos, não nos libertamos facilmente, mas de culpa, não fica nada, se entregarmos tudo isso ao perdão de Deus. Podemos sempre começar novos, totalmente novos e renovados no novo ano, principalmente, porque ele é dedicado ao Espírito Santo. E mais ainda: a Igreja tem primado pela ternura. Ela coloca neste dia – o primeiro do ano – a festa de Maria, Mãe de Deus. Antigamente, era a festa da circuncisão, inclusive o Evangelho fala disso: “O Menino foi circuncidado e lhe deram o nome de Jesus...” Esta era a festa de 1º. de janeiro: através do nome, Jesus recebia a missão e era circuncidado, como todo judeu. Após o Vaticano II (***) , com a reforma litúrgica, Paulo VI lembrou que, se já celebramos Jesus, no dia 25, hoje celebraríamos a sua mãe. Substitui a festa de Jesus pela de Maria, escolhendo o título mais bonito que ela tem, Mãe de Deus – *Theótocos*, em grego.

Gostaria de recordar, como recordei na missa de ontem, como nasceu esse título. Nasceu no ano de 431, na cidade de Éfeso, na atual Turquia. Os poucos bispos daquela época se reuniram para responder a um homem chamado Nestório. Ele dizia que Maria era apenas mãe do homem Jesus, mas não era mãe de Deus. Nestório separava, colocando como que dois *jesuses* – o Jesus da Terra, filho de Maria, puro homem; e o Jesus divino, apenas Filho do Pai, não de Maria. Os bispos e teólogos daquela época, após muitas discussões, chegaram à conclusão que, em sendo mãe do homem Jesus, Maria também era mãe do Homem Deus, Jesus. E, nesse sentido, era Mãe de Deus. Quando o Concílio termina de proclamar essa verdade, o povo animado sai pelas ruas, carregando velas. Começam a cantar e rezar: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, os pecadores, agora e na hora de nossa morte”. Aí nasce a segunda parte da Ave-Maria, uma vez que a primeira parte pertence à própria Bíblia – é a anunciação do anjo à Maria. Essas duas partes juntas constituem a oração que aprendemos desde criança, e com a qual termino essa homilia. Amém. (01.01.98)

(*) médico austríaco, criador da Psicanálise.

(**) referência a personalidades do teatro grego.

(***) Concílio Vaticano II, convocado por João XXIII, e realizado em Roma entre 1962/1965.

A ESTRELA QUE NOS CONDUZ À VERDADE DO MENINO (Mt 2, 1-12)

Quando terminamos de ouvir uma narração histórica, um relato, a nossa curiosidade está saciada, termina a nossa reflexão. Se eu disser, por exemplo: Juscelino Kubsticheck foi presidente do Brasil, inaugurou Brasília, terminou a história. Mas eu penso, pergunto: mas por que foi Brasília, o que significou isso? Começam as perguntas. E não atinamos com o sentido verdadeiro. Uma narração é mais que uma narração. Ela quer passar um conjunto de cenas que se relacionam com nossa vida, e por isso têm sentido.

O Evangelho de hoje fala em magos – reis, talvez. Pensamos em três, porque trouxeram três presentes. Mas um poderia trazer os três presentes, ou não trazer nenhum. Isso não quer dizer nada. Nos perdemos nesses pormenores e não perguntamos o que quer dizer essa passagem. Que símbolo central está por trás? Que mensagem está nos passando?

Sabem quem são os Magos? Somos nós aqui. Aqui está cheio de *magos e magas*, mesmo que não vestidos a caráter. Magos somos nós. Isso é o que interessa. E o que os magos fizeram? Procuraram encontrar um sinal. Onde procuraram o sinal? Procuraram no céu, na astronomia, na astrologia, porque era um mundo rural, um mundo antigo. Não iriam procurar numa cidade grande, não iriam procurar nos jornais, não iriam procurar na TV Globo, porque nada disso existia naquela época. Eles só podiam procurar nos astros. Encontram uma estrela. E hoje conseguimos ver alguma estrela no meio da fumaça de nossas cidades? Mas a nossa pergunta prossegue: onde aparecem as estrelas hoje? Não é mais no céu. As estrelas aparecem na História. A história humana é que vai nos mostrando quais estrelas nos guiarão.

Há dois tipos de estrelas, esse é o grande problema. Por isso é tão difícil nos orientar. Há as que nos levam até Herodes. Nos perdemos e não achamos o Menino. Repararam que a primeira estrela que os magos encontraram não os levou a Jesus? Eles não acharam Jesus e foram a Herodes. Há estrelas que estão nos levando para caminhos onde não está o Menino. É por isso que andamos perdidos, desvairados, atrás de Herodes e Herodíades. Quem são os Herodes de hoje? Vocês ligam a televisão e ela está cheia de Herodes estragando, destruindo a simbologia das crianças. Herodes pode ser mulher como pode ser homem. Liguem a televisão num domingo. Vejam os *faustões da vida* e tentem encontrar o Menino, Maria, José. Não encontrarão. Encontrarão outras coisas. Este é o nosso grande engano: pensar que vamos encontrar.

Os magos também não encontraram o que procuravam e o que fizeram? Leram as Escrituras. Aí a primeira grande lição: a Palavra de Deus nos indica o caminho. Não procurem em Herodes, procurem naquele Livro. Lá vocês encontrarão muito mais. Procurem nos Salmos, nos livros Sapienciais. Procurem

nos Evangelhos, nas cartas de Paulo e aí encontrarão o Menino. No momento em que encontramos esse Menino, iremos nos dirigir a Belém. Aí aparece a estrela. Deixemos a futilidade, a vulgaridade, a vacuidade. Deixemos as estrelas que desnor-teiam a nossa existência e aí encontraremos a única verdadeira estrela que nos conduz.

O Evangelho diz que ela parou onde estava o Menino. Ela pára. Mas onde está esse Menino? Essa é a pergunta. Procuramos o Menino Jesus e não encontramos. Mas, antes de partir, Ele nos disse onde estaria – essa é a grande revelação. Para que não o procurássemos debalde, em vão, o Menino disse onde estaria. Primeiro estaria aqui onde estamos, e nesse ponto vocês acertaram, porque Ele está presente nesta celebração. Todas as vezes que vocês se reunirem para celebrar, tenham certeza absoluta de que aí estará o Menino. Em outros lugares, não sei. Mas aqui, sim. Ele já disse que está! Estará amanhã, no batizado das crianças, estará no momento em que um doente precisar de uma unção, estará no momento em que um jovem receber o sacramento do Crisma, estará no momento em que vocês se reunirem para receber o perdão. Estará em todos os momentos em que recebermos uma missão.

Por que, então, procuramos Herodes? O que podemos fazer lá no palácio, se o Menino está em todos os lugares? Está nos sacramentos, na Bíblia, nas celebrações, nos nossos ministérios, no nosso trabalho, está na nossa vida. Está naquele momento em que um pai pára e conversa com sua filha. Não precisam procurar nos palácios de Herodes, não. Ele está na família, no bate-papo. E vocês não conversam sobre Ele. Conversam sobre Xuxa. Aí não estará o Menino, estará Herodes, destruindo a inocência, destruindo a beleza, a pureza das crianças.

Quantos pais preferem Herodes à estrela?! Serão responsáveis mais tarde. Que outros estraguem seus filhos, é compreensível, mas que os pais os estraguem, é inadmissível. São como cegos, e aí os dois cairão nos buracos da vida. A criança é cega porque não tem olhos abertos ainda, e o pai é cego, porque não quer ver. Essa cegueira é que nos conduz a Herodes.

O Menino se encontra também em todas as estrelas que nos convidam para um compromisso social, para melhorar esse país, para diminuir a violência e fazer da nossa cidade um lugar onde possamos viver em paz. Amém. (04.01.03)

CONSTRUINDO SOLIDARIEDADE (Mc 1, 29-39)

Interessante observar o papel de Maria na vida de Jesus! Sobretudo no Evangelho de Lucas, que coloca dois parênteses. No início da vida de Jesus, ela tem uma função muito importante: a anunciação, a concepção, o nascimento, a infância. Depois há um grande eclipse – Maria se esconde. Só vai aparecer no final, na cruz, e depois em Pentecostes, já fora do Evangelho. Por que esse silêncio de Maria? Nesse texto do Evangelho que lemos agora, não ouvimos falar de Maria. Fala de Jesus, que curou a sogra de Simão, que expulsou demônios, que curou muita gente. Fala também que muitos se reuniam em frente da casa onde Jesus estava, em Cafarnaum. E não fala que Maria estava lá.

Será que Maria realmente se afastou, se recolheu, para que seu Filho aparecesse? É o mais provável. Maria tinha intuição, e intuição das grandes mães. A mãe sabe que, se ela fica muito perto do filho, sobretudo quando adulto, pode perturbar sua missão. E a mãe, discretamente, se retira, para que o filho apareça e cumpra a sua missão. Jesus termina, por assim dizer, a sua vida oculta, toda ela passada ao lado de Maria. Portanto, em tempo, ele passou muito mais perto de Maria – cerca de trinta anos. Mas no Evangelho há um silêncio enorme. Uma frase apenas sobre esses trinta anos, e sobre os dois a quatro anos de vida pública, praticamente todo o Evangelho, no qual a presença de Maria é muito discreta.

Sobre o Evangelho de hoje, há várias coisas interessantes. Em primeiro lugar, Marcos dá muita importância à expulsão de demônios. Talvez para nós, hoje, isso soe como uma coisa arcaica, já do passado. Corresponde, sem dúvida, à coisa daquele tempo. Mas o importante é o sentido que percebemos. Quando Marcos coloca Jesus dominando, vencendo e expulsando os demônios, ele quer mostrar muito mais do que um confronto imediato de Jesus com essa entidade bastante misteriosa, sobre a qual sabemos tão pouco. Ele quer falar muito mais da nossa realidade. Interessante que hoje, na nossa celebração, os principais convidados têm muito a ver com o Evangelho de Marcos. Além do Movimento de Casais, os outros movimentos são voltados para o campo social – Lyons, Aspav, Rotary (*). E reparem que todo o Evangelho de Marcos gira em torno da expulsão dos demônios e das curas. Cura da sogra de Pedro e de muitos enfermos. Essa é uma maneira de Jesus realizar uma obra social na sua época. Hoje não podemos fazer curas. Elas se fazem através da Medicina, da Assistência Social, de bons hospitais, da Previdência do Estado, do SUS, do INSS – enfim, todo esse sistema que criamos para que a população tenha uma boa saúde. Essa é a maneira de expulsarmos os demônios e de curarmos os enfermos hoje.

Não vamos atrás de milagres fora. O milagre acontece nesse trabalho, nessa luta, nessa coragem. Primeiro, do governo, que precisa adquirir força. Nós devemos passar aos nossos enfermos uma coragem interior, porque sabemos que a força psíquica sobre a doença é enorme. Conhecemos casos, em nossa comunidade, de pessoas que lutam contra a doença e vão vencendo pela força

interior, pela força do seu coração, pela sua alma, pela sua fé. Temos que passar isso para as pessoas. A fé tem uma força enorme de movimentar as nossas energias profundas, de acordar os alimentos fundamentais do nosso corpo. Elas começam a vencer e dominar as nossas doenças e podem prolongar a nossa vida. Esse é o grande milagre que temos que buscar. Não de uma maneira mágica, mas pela presença, pela ajuda, pelo encontro, pela assistência, pela palavra dita na hora exata. Para isso, temos todos esses convidados de hoje, que estão fazendo com que nossa cidade seja solidária. Não solidária em atos isolados, mas muito mais através de uma cultura da solidariedade. Cultura significa que nossa maneira de pensar, de ver, de imaginar a nossa linguagem valem a solidariedade, e aí sim a realizamos.

Uma outra palavrinha sobre uma frase do Evangelho, que li e repeti. Quando os judeus rezavam, faziam-no em público. Jesus, ao contrário, saía, ia para a montanha, de noite, sem que ninguém visse. Aí passava horas e horas rezando, mergulhado na presença de Deus Pai. Que aprendamos de Jesus, não só esse ato social de curar. Mas, depois que curarmos as pessoas durante o dia, mergulhemos no Senhor, que nos dará forças para o nosso novo dia. Amém. (05.02.2000)

(*) movimentos sociais vespasianenses, que participavam da Festa da Padroeira.

(**) Sistema Único de Saúde.

(***) Instituto Nacional de Seguridade Social.

TRANSFIGURAR-SE É RENUNCIAR AO COMODISMO (Mt 17, 1-9)

Ao ler esse Evangelho, antes da celebração, eu me perguntava: quem é que se transfigurou? Claro que vão dizer: Jesus. Eu já li isso, o evangelista já nos contou. Mas será que também não podemos encontrar na transfiguração de Jesus uma grande metáfora da nossa transfiguração? Será que não podemos ir, passo a passo, percebendo a transfiguração de Jesus e em cada passo, nos perguntar: será que também nós nos transformamos?

Lucas coloca um *pormenorzinho* que Mateus não coloca: “Jesus subiu para a alta montanha para rezar”, e aí é que Ele é transfigurado. Só nos transfiguraremos, se subirmos à montanha. Claro, a montanha pode ser o meu quarto, pode ser até o andar de baixo da casa. A montanha é símbolo da altura, é símbolo da Transcendência, mas posso encontrá-la em qualquer lugar. Jesus sobe a montanha, e nós podemos subir qualquer montanha. Não é preciso nem ir à Serra do Cipó (*). Pode ser em qualquer cantinho de sua casa.

Jesus subiu para rezar, e nós também temos que nos arrancar. Subir é arrancar-se do solo, no qual somos sustentados. Se estivermos muito plantados no solo da comodidade, da acomodação, da estabilidade, não vamos nos transformar nunca. Vamos ficar bem amarradinhos a nós mesmos. Subir é arrancar-se de si mesmo, é arrancar as suas presilhas, suas amarrações. É nos arrancar de tudo aquilo que nos ata. Nos arrancamos para subir e aí começa a nossa transfiguração para rezar, para encontrar a face de Deus. E Ele aparece. Diz o Evangelho que aparece em forma de voz, aparece em forma de nuvem, mas duas palavrinhas são importantes: Ele aparece na lei e na profecia.

Para nós, brasileiros, que não gostamos das leis e sempre tentamos subvertê-las, é muito difícil entender que Moisés, simbolizando a lei, faça parte da nossa transfiguração. Qualquer psicanalista, e há alguns por aqui, sabe que uma criança sem lei se deforma. Ela precisa da lei, precisa do pai, precisa da mãe, precisa da objetividade, das verdades, precisa de valores, precisa aprender a distinguir o bem do mal. Sem isso não é possível subsistir. Como poderemos nos transfigurar, se tudo em volta é difuso? Se o bem e o mal, roubar ou não, eleger um presidente qualquer para qualquer lugar, escolher uma profissão, usar a honestidade, é tudo a mesma coisa?! Não nos transfiguraremos. Temos que ter clareza do que é a beleza, do que é a justiça, do que é a verdade. É quando houver beleza que nos transformaremos, e aí está Moisés para nos dizer isso.

Claro, ele vai nos dizer de uma forma mais pesada, de uma forma antiga, de milhares de anos antes de Cristo. Temos também a lei das bem-aventuranças, a lei interior do Espírito Santo que escreve e imprime nos nossos corações. Temos a lei de nossa consciência. Temos a Lei dos Direitos Humanos, que a humanidade, com tanto esforço, conseguiu formular. Temos a lei do nosso país,

que é a Constituição, que trouxe grandes avanços. Essas leis nos dão fórmulas para que nos transformemos.

Mas ao lado também está Elias, o profeta. Profecia é a coragem de falar a realidade, é a coragem de professar a verdade. Não basta apenas ter a Lei, é preciso dizê-la, proclamar a todas as pessoas que eu acredito, que tenho fé, que não tenho vergonha, que sou honesto e quero ser honesto. Eu quero viver o bem e vou viver o bem. Eu tenho que anunciar com o meu corpo, com as minhas mãos, com o meu olhar, com a minha palavra a verdade de mim mesmo. Aí eu me transfiguro!

De repente, ouviremos uma voz. Essa é a grande alegria! Quando nos transformamos, Deus diz: “Você, irmão, é meu filho amado!” E diz para os pais, para as crianças que também eles são filhos amados. Que coisa linda ouvir isso de Deus! Ouvir de sua boca que somos filhos amados, porque nos transfiguramos, pela Lei e pela Profecia. Estaremos anunciando uma vida diferente. Nós, que convivemos com a mediocridade, com a banalidade, com o mal. Como diria Hannah Arendt (**): essa banalidade, essa vulgaridade, essa grosseria, vocabulário do nosso ser, podem ser vencidos. Rompendo com tudo isso ouviremos a voz de Deus e a luz que vem dele nos forjará. Seremos iluminados por Ele.

As pessoas terão um pouco de medo de nós. Diz o evangelista que os apóstolos ficaram assustados. A beleza, a verdade, a justiça, de vez em quando amedrontam. As pessoas muito honestas costumam fazer mal aos outros. Não queremos encontrar uma face límpida diante de nós, porque nela pode-se refletir a nossa sujeira.

Mas o Senhor Jesus bate às nossas costas e nos acorda. Quando acordamos, encontramos somente o Jesus histórico, o Jesus que a gente conhece e novamente voltamos ao cotidiano. Ao nosso trabalho, aos hospitais, aos escritórios. Volto a pegar o meu ônibus, volto para a minha cozinha, para o meu lugar. É este **somente Jesus** que é o meu cotidiano. Aí sim, esse cotidiano se transforma porque nós nos transformamos.

Não são as grandes coisas que fazem a grandeza, mas a nossa grandeza é que faz as coisas grandes. Faremos as coisas de uma maneira diferente. Depois que o Senhor estiver, **somente Ele**, conosco, aí sim, poderemos viver plenamente a nossa condição. Amém. (19.02.05)

(*) local turístico nos arredores de Belo Horizonte – MG.

(**) filósofa alemã, falecida em 1970.

O JESUS DO COTIDIANO E DA GLÓRIA

(Lc 9, 28b-36)

Essa leitura precisa ser entendida em dois momentos diferentes: na vida de Jesus e para nós hoje.

O que quer dizer esse Evangelho na vida de Jesus? Precisamos compreender que quando os evangelistas escreveram, Jesus já tinha morrido e ressuscitado. Quando narraram a vida de Jesus, já sabiam o que tinha acontecido. Projetaram para dentro da história aquilo que viram e experimentaram. Esse Jesus glorioso, que viram no Tabor, é o Jesus glorioso que experimentaram depois da ressurreição. Portanto, não foi durante a vida de Jesus, mas depois.

E por que colocam isso durante a vida de Jesus? São homens inteligentes, sabiam o que escreviam e deviam ter uma razão muito profunda para isso. Vocês perceberão, se lerem com calma. O texto narra duas experiências que eles têm de Jesus: o Jesus terreno, com o qual eles sobem a montanha, portanto, o Jesus do cotidiano. É um Jesus que viram, mas não conseguiram perceber. Depois da ressurreição, entenderão que aquele que eles tocavam, encontravam todos os dias, é esse Jesus glorioso. Para eles dizerem que o Jesus da Terra era glorioso, criam essa cena belíssima, para nos dizer que é o mesmo Jesus. O mesmo da Terra é o mesmo da glória, o mesmo da glória é o mesmo da Terra. Não há dois, mas um só. Essa é a grande teologia que eles querem passar.

Jesus de Nazaré, que andou, que sofreu e o Jesus glorioso, que está hoje na Eucaristia, não são dois. É o mesmo. Ele carrega para dentro da Eucaristia, para dentro da ressurreição, toda a sua vida histórica, tudo o que viveu e sofreu, amou, chorou e riu. Esse Jesus, do choro e do riso, da dor e da alegria da Terra é o mesmo que está glorioso. Eles tinham que, continuamente, olhar o Jesus da Terra e vislumbrar o glorioso. E, olhando para o glorioso, dizer que era o mesmo que viveu ao lado deles.

Também a nossa vida é assim. Vivemos momentos cotidianos, dia-a-dia sozinhos, isolados nas nossas solidões, nas nossas tristezas. É a nossa vida cotidiana. Também temos nossas alegrias, nossas festas. E podemos pensar que essa vida não vale nada, que é inútil, que é tempo perdido, rotineiro, que é aborrecido acordar cedo e ir para o trabalho. Para que tudo isso? É essa a vida humana. E é tão gloriosa como a de Jesus ressuscitado.

Descobrir nesse cotidiano, nessa banalidade, nesse dia-a-dia, a presença de Deus, do Cristo glorioso é a grande missão. E não são nossos sentidos que irão descobrir a luz. Se taparmos os olhos, se nos trancarmos como as toupeiras, não veremos sol nenhum, mesmo que ele continue brilhando lá fora. Quem percebe a alegria, a festa, são os nossos corações. Há pessoas cegas que atravessam o seu cotidiano sem ver nada de especial nele. Só *arroz-com-feijão*, o dia todo e a vida toda. Não conseguem ver luz nenhuma. São caras feias, tristes, *avinagradas*.

Os olhos não vêem, não porque não exista a alegria, a festa. O cotidiano é uma beleza! Uma mãe que dá banho no filho, que troca uma fralda, que faz coisas tão banais, realiza uma experiência de amor, quando ela sabe que a criança é um mistério. Um pai quando encontra a filha adolescente e a abraça, não é simples cotidiano, é mistério.

É isso que a transfiguração quer nos ensinar. Temos que transfigurar os nossos dias, pois do contrário a nossa vida será aborrecida e vazia. Estaremos em contínuo tédio, *stress*. Nos Estados Unidos vendem-se bilhões de *pilulazinhas* de *Prozac* (*), para ver se conseguem comprar alegria. Só *Prozac* faz as pessoas felizes, porque não sabem ver a beleza da vida. Não é necessário buscá-la nas alturas das montanhas, nem nos mosteiros indianos. Podemos encontrá-la na planície, até nos rios sujos de nossas cidades.

Tenhamos olhos abertos para as transfigurações, e a nossa vida será transfigurada. Amém. (07.03.98)

(*) referência ao antidepressivo Fluoxetina

A ORIGINALIDADE DO PERDÃO DE DEUS

(Jo 8, 1-11)

Vocês sabem que os textos dos Evangelhos não foram escritos como os nossos livros de hoje. Eram folhas soltas, manuscritos em pergaminhos, que os copistas iam passando em várias cópias. Quando chegou a essa parte, o copista saltou esse trecho. Ele achou que não podia ser verdade. Nós temos cópias do Evangelho, onde esse trecho não está presente, tal escândalo provocou esse fato. Isso para mostrar o que significou na época de Jesus. Essa ação de Jesus foi, de certa maneira, uma agressão do amor, e é bom saber que o amor agride. As ações de Jesus são exemplares, sacramentais e revelam Deus Pai.

Por que a ação de Jesus é exemplar? Nós somos assim: um dia reagimos de uma maneira, mas nunca sabemos se em outra oportunidade reagiremos da mesma forma. Jesus é exemplar. Quer dizer que o que Ele faz é para sempre. Não é simples bom humor não. Não age de determinada maneira porque naquele dia acordou bem, porque o tempo estava agradável, e Ele estava bem disposto. Não, é uma ação exemplar. Ele é sempre assim. Todas as vezes que se repetir determinada situação, vai-se comportar da mesma maneira. Não precisamos temer, porque Ele nunca vai agir diferente. Com os homens e mulheres, nós sempre teremos dúvida. Quando nos aproximamos de uma pessoa, nunca sabemos como ela vai reagir. De Jesus, sabemos que Ele acolhe sempre. Saber isso é muita coisa. Saber que, em qualquer momento em que nos voltarmos para Ele, seremos acolhidos. Ele nunca estará de mau humor. Ele nunca vai nos rejeitar, nos afastar. Nunca vai nos lançar, no rosto, as nossas faltas. E isso é uma coisa que fazemos demais, e sobre isso devemos pensar muito. Principalmente esposos e esposas fazem muito entre si – lançar as faltas passadas: “Você se lembra? Aquele dia...” Começa a ladainha terrível. “Você se lembra, meu filho, aquele dia em que você respondeu à sua mãe?” Assim somos nós. Jesus, não. Não guarda nada.

Essa é a outra originalidade do amor de Deus. É um amor que, quando perdoa, perdoa mesmo. Não fica nada do passado. Não fica ressentimento, não ficam mágoas, não ficam sentimentos feridos, não ficam neuroses. Não resta nada. Nada dessas doenças psíquicas que nos assolam por todas as partes. Ele perdoa. Quando as outras pessoas não perdoam, Ele defende os pecadores. Ele volta-se para os acusadores e diz: “Vocês, que estão acusando, lancem a primeira pedra, se não tiverem nenhum pecado!” Jesus defende quem está sendo acusado. Ele é o advogado por excelência. Os juízes estão aí, mas ele é o nosso advogado, em qualquer tribunal, humano ou divino. Está aí, não para nos acusar, não para nos recordar as nossas faltas. Não precisamos disso porque a nossa consciência é terrível. Uma vez um *adolescentezinho* disse: “Padre, Deus é esperto, porque colocou dentro da gente um relóginho, chamado consciência, que toca sempre!” O maior tormento não é o temor de Deus, mas a nossa consciência, os nossos

remorsos. Vocês sabem de onde vem a palavra remorso? Vem de “mordida duas vezes”. Quer dizer: a nossa consciência nos morde duas vezes. Estamos continuamente *remordidos*. E Jesus não quer dar mordida em ninguém. Portanto, é um amor exemplar.

O seu amor é também sacramental. Ele está dizendo como Deus Pai nos ama. Não é somente Jesus que ama assim, é Deus Pai, é Javé que ama dessa maneira. Portanto, é a própria Trindade que nos garante que não precisamos ter medo de Deus, de poder nenhum, porque Deus está sempre nos perdoadando.

E uma terceira característica, essa também original. Quando alguém não passa no vestibular, tem outra chance, mas um ano depois. A chance que Deus nos dá é instantânea. Ele não espera. Quer dizer: você erra, Ele lhe dá chance de começar de novo, na hora. Não vai dizer: “Daqui a um ano, eu o perdô”. Não, é no mesmo instante. Deus não espera nenhum segundo para dizer: “Você pode recriar-se de novo, você pode reconstituir-se de novo. Você pode começar da estaca zero a qualquer momento”. A qualquer hora, para qualquer pessoa, em qualquer instante. Não há espera, não há temor. Isso é amar. Por isso, perdoar significa *per donare* – dar amor. E *per*, em latim é a partícula que significa que essa realidade é levada ao extremo, ao máximo. O máximo do amor é o perdão e esse dom Ele nos deu. Amém. (10.03.01)

DEUS PAI ENTREGA SEU FILHO À HISTÓRIA

(Jo 18, 1-19.42)

A leitura da paixão nem precisa de comentários. O Evangelho é rico em pormenores, e há uma desproporção muito grande entre toda a vida de Jesus – que foram mais de trinta e tantos anos – e esta semana, que é a paixão. Em termos de versículos, a paixão é muito mais longa, em proporção. Isso significa que a memória dos primeiros cristãos ficou de tal modo chocada com a paixão de Jesus, que quis reter os mínimos pormenores, para que não perdêssemos nada dessa história. Foi, sem talvez, a realidade que mais tiveram dificuldades para entender.

Quando perceberam que Jesus era Filho de Deus, ficaram totalmente *baratinados*, perguntando-se como era possível que Ele tivesse um fim tão trágico. Como sempre pensamos que Deus pode intervir, eles se perguntavam, se Ele não poderia ter intervindo e salvado seu Filho. Hoje, o mistério mais profundo do que o de Jesus é o mistério de Deus.

Entender a paixão de Jesus, até que eu entendo. Entender que um homem, fiel à sua missão, seja perseguido, torturado e, finalmente, assassinado, eu entendo. Assim acontece na nossa história. Tantos e tantos, milhares e milhares de pessoas foram torturadas e assassinadas. Isso não é novidade nenhuma. O que me espanta não é a paixão de Jesus, mas o mistério de Deus. É a morte, a paixão de Deus Pai. Se Ele é tão poderoso, se é criador de todas as coisas, se é infinito, se ama infinitamente seu Filho, como pode ficar de braços cruzados, quando Jesus caminha para a morte? Realmente é outra a imagem que Deus nos passa. E nós, muitas vezes, com um sofrimento bem pequenino, gritamos contra Ele: “Como Você permite isso? Como pode acontecer isso comigo?” E Ele, que olhou do céu, sofrendo, – Deus também sofre – viu o seu Filho caminhar para a morte e se entregar à História. É um tremendo mistério que Deus entrega à História!

Deus não brinca com a nossa história. Ele criou este mundo e disse-nos que podemos caminhar, pois a história está em nossas mãos. Poderíamos fazer o que quiséssemos, que Ele não interviria. Mesmo quando o Filho vem a Terra, não muda a regra do jogo. Não é como certos políticos que, a cada eleição, mudam as leis. Ele seguiu a mesma lei da história também para o seu Filho. Não quis privilegiá-lo, salvá-lo a seu modo, tornando-o indolor, por exemplo. Jesus poderia não sentir dor, ter um corpo diferente, um corpo astral, como muitos pensam que Ele tinha. Um corpo que atravessasse as paredes e deixasse a Terra antes da hora. Nada, nenhuma exceção. Tudo aconteceu segundo os trâmites da história.

Se Judas não o tivesse traído, Jesus não teria morrido. Se os soldados não tivessem agido, Ele não teria sido preso e condenado. Se Caifás não tivesse tanta raiva, Jesus não teria sido condenado. Se Pilatos não fosse tão covarde, se

fosse mais seguro de si, pois percebeu a inocência de Jesus, não o teria entregado à morte, e Ele não teria morrido. Jesus dependeu de todas essas liberdades. Como é que o Filho de Deus pode ser jogado entre todas as nossas liberdades? Pilatos mesmo disse que tinha poder de salvá-lo.

Aquela frase atribuída a Jesus (*) é muito mais de João, pois, provavelmente, Jesus teria dito: Sim Pilatos, eu fui entregue à História e você tem, na História, poder de me matar! Essa é a verdade da História. Quando Ele diz que Pilatos não tinha nenhum poder, já é uma frase de um Jesus ressuscitado que João reflete.

Sobre o Jesus glorioso ninguém mais tem poder. Mas não sobre Jesus de Nazaré, aquele que percorreu todos os caminhos, sofreu, foi batido, derramou sangue, morreu como qualquer pessoa que tem uma hemorragia morre. Qualquer médico sabe explicar a morte de Jesus. Ele não foi exceção para nada. Quando o soldado foi abrir-lhe o coração, Ele já estava morto. Do seu coração saem sangue e água, como de qualquer cadáver humano.

Esse é o grande mistério de Jesus. Para que também nós carreguemos a nossa história, nas dores e sofrimentos. A História é essa teia à qual Jesus deu sentido. Todas as nossas cruces têm sentido. Amém. (27.03.98)

(*) Jo 18, 11b

DEUS AGE ATRAVÉS DE NOSSAS AÇÕES

(Ex 3, 1-8a.13-15/Lc 13, 1-9)

As leituras de hoje nos colocam cenas muito diversas.

A primeira, aquela maravilhosa revelação de Deus a Moisés, o que chamamos, em nomenclatura teológica, uma teofania, isto é, uma manifestação de Deus. Para o judeu, conhecer o nome de alguém não é como para nós. Para nós, o nome é uma atribuição externa, extrínseca. Um nome não altera a pessoa. Chega a ter uma certa importância, mas não tanta, de maneira que podemos ter muitos nomes, inclusive trocá-los. Mas para o judeu, nome era a revelação do que havia de mais profundo na pessoa. O seu ser, sua vocação, sua missão. Assim, Moisés perguntou para aquela voz: “qual é o seu nome? o que vou dizer para o faraó? em nome de quem vou falar?” Porque sabendo o nome daquele que falava, podia conhecer a força e a profundidade daquele ser misterioso. Ele se revela como Javé.

O que quer dizer Javé? Tem três sentidos. O mais comum e, talvez, o menos importante que nós conhecemos: “eu sou o que sou”. A gente pensa que fala da existência do ser. É certo, mas é muito mais que isso. “Eu sou aquele que faz as coisas serem”, aí já é mais profundo. “Eu sou mais do que aquele que é, porque eu faço com que todas as coisas existam”. Mas, mais bonito ainda: “Eu sou aquele que serei com o meu povo sempre!” E Ele está aqui. “Eu serei sempre”. É como se Deus dissesse: “Vocês vão me conhecer porque verão como eu atuo ao longo da história. Eu vou me desvelando a cada momento. Eu não me revelo todo de uma vez. Eu me revelo estando ao lado das pessoas, na hora do sofrimento, na hora de angústia”. Assim como uma mãe que tem um filho que vai ser operado – ela está perplexa, na expectativa! – Deus vai-se revelando no decorrer, na perícia do médico, do cirurgião, para que a operação seja bem sucedida, e o filho possa voltar logo para casa. Deus se revela assim. Antes achávamos que Deus atuava através da natureza, porque éramos pouco sábios e conhecíamos pouco as coisas. Não conhecíamos bem as leis da natureza e atribuíamos todas elas a Deus. Hoje avançamos em nosso conhecimento.

A maneira pela qual Deus mais atua na história é através das pessoas. Ele atua através dos políticos honestos, das pessoas que querem despertar nossa cidadania. É assim que Deus atua. Ele não nos substitui, mas atua em nós. No caso de uma operação, como Deus atua? Na perícia do médico, nos exames, nas radiografias, na possibilidade de avanços da medicina que consigam inibir as doenças. Se o médico não estiver preparado, poderá levar ao desastre uma cirurgia, porque Deus não vai substituí-lo. Não vai substituir a sabedoria do advogado que vai defender uma causa justa, porque estudou e aprendeu. Não vai substituir nenhum de nós. Ele atua e atua fortemente – é nisso que acreditamos – nas nossas ações, no nosso agir. Vocês acham que um carro bate por castigo

de Deus? Bateu, como caiu aquela ponte em Portugal, porque os engenheiros e arquitetos não chegaram a tempo para perceber que ela estava corroída e não suportaria o peso de automóveis e caminhões. Ela desaba, não porque Deus castigou, mas porque os homens falharam em examinar. Tantos acidentes que assistimos, e não é Deus quem os faz nossa ingerência.

Por outro lado, quantas vezes nós salvamos tantas coisas?! Está aí a mão de Deus. Penso naquele cientista oriental, que viveu nos Estados Unidos – Albert Sabin – que desenvolveu a vacina contra a poliomielite, a paralisia infantil. Milhares e milhares de crianças estarão livres dessa doença, porque aquele homem passou anos em laboratórios, pesquisando, e fez a vacina. Aí, sim, está Deus. Na constância, na inteligência dele. E a gente via a sua felicidade, por saber que milhões de crianças não iriam mais ter a doença, porque ele passara horas e horas, noites e noites nas suas pesquisas. Quem lhe deu forças? Aí está Deus. Deus não transforma a medicina, mas nos dá força, dá inteligência aos médicos. Assim nós temos que entender a ação de Deus, pois assim nós somos co-responsáveis com Deus em tudo. Como diz a parábola, nós somos aquele que vai ajudar, ajudando as pessoas para que elas possam crescer. Amém (07.04.01)

A PRESENÇA QUE É CERTEZA E UNIÃO

(Jo 14, 15-21)

Maio é o mês dos três *emes*: maio, Maria, mãe. Hoje temos tantas coisas para celebrar, para serem objetos de nossa reflexão, de nossa oração!

Queria guardar do Evangelho esta frase tão simples: “Eu não vos deixarei órfãos!” É o dia das mães, e toda a criança que tem a infelicidade de perder a mãe ou o pai na sua infância saberá que coisa é ser órfão. Ela perde um ponto de referência fundamental. Pai e mãe são referências basilares na nossa vida. São fundamentais, alicerçais. Estão lá embaixo, para segurar o edifício. Mexer na estrutura da mãe ou do pai é quebrar a coluna que sustenta o edifício. Há tanta gente quebrada, deprimida, doente psicologicamente, porque a coluna que é o pai ou a mãe foi partida. Partida pela morte, partida talvez pela separação, partida pela incapacidade dos dois de se relacionarem.

Celebramos o dia das mães, e o Evangelho nos fala de órfãos. Nesse dia, Jesus se permite ser pai e mãe de todos nós. Olhando para os apóstolos e olhando para nós todos, que o seguimos ao longo da história, Jesus nos diz esta frase: “Eu não os deixarei órfãos!” Nunca mais o perderemos como ponto de referência. Ele é como a mãe, que nunca abandonará o seu filho. É como o pai, que velará pelo filho até a morte. Só que Jesus diz mais. Ele não se contenta com o limite da própria morte, porque essa já foi ultrapassada, mas se refere à morte de cada um de nós. Ele estará lá, naquele instante em que ninguém pode estar. Quando dermos aquele último passo, não haverá ninguém ao nosso lado, porque os nossos sentidos já terão ido para além. Já estaremos desligados de todas as pessoas que, porventura, rodearem o nosso leito – o médico, a família que reza. Naquele instante metafísico da morte, só uma presença estará junto a nós, que é a presença de Deus. Ela ultrapassa todos os limites, e Jesus prometeu estar ao nosso lado. Não há mais possibilidade de um cristão, que é realmente cristão, temer a morte, porque ele sabe que não morrerá como órfão. Morrerá nos braços da mãe e do pai, naquele momento representado pela própria pessoa de Jesus.

Mas Ele não se refere apenas a nós como pessoa. Quer falar também para nós, comunidade. Para esta comunidade que está aqui, esta comunidade que crê. São vocês que sustentam esta cidade. Vocês são a coluna. Neste momento, estão festejando a inauguração da Prefeitura. Ali está o grande mundo político da cidade. Mas esse mundo político é frágil, se não houver o mundo religioso que o segura, lhe dá consistência e é seu alicerce. Jesus diz que esta comunidade só será firme se estiver unida e se Ele estiver unido a ela. Ele promete estar unido a nós. Falta apenas que respondamos a isso, que o sintamos como o cimento que une os pedregulhos, que somos nós, nessa argamassa firme que se torna o alicerce do edifício. Esse cimento é Ele, e nós somos as pedrinhas, que são frágeis se estão sós, mas serão sólidas se estiverem armadas pelo cimento, se estiverem permeadas pelo Verbo. Ai, nada as ameaçará. Amém. (11.05.96)

A VIDA SEM O ESPÍRITO SANTO

(At 2, 1-11/Jo 20, 19-23)

Muitas vezes, para entendermos uma realidade, temos que fazer uma espécie de ficção: o que seria a vida, se essa realidade não existisse? Vocês conhecem aquela historinha tão bonita, daquele monge chinês? Era um mestre, um grande guru. Todos os dias chegavam discípulos diante dele e diziam: “Mestre, ensina-nos a ver Deus!” O mestre calado, silencioso, não respondia. A cena se repetia sempre, até que um dia o velho mestre chega diante de um belo lago e começa a entrar, e o discípulo o acompanha. De repente, volta-se rapidamente, segura a cabeça do discípulo, afunda-a na água. O discípulo *estrebucha* e levanta a cabeça aflito, enquanto o mestre pergunta o que ele havia sentido. Ele responde: “Falta de ar”, ao que ele retruca: “Pois bem, Deus é ar!” Somente quando não temos Deus é que sabemos quem Ele é. Ele é tão presente, é tão dentro de nós, que nem percebemos que está lá.

Assim é o Espírito Santo. Ele também é esse ar que respiramos. E, para nós, é natural, normal. Mas, se um dia perdermos o oxigênio, se estivermos nos estertores da morte, aí saberemos a importância do ar. Só quando o Espírito está ausente é que percebemos. Vamos, então, imaginar o que aconteceria, se não houvesse Espírito Santo. Aconteceria que Jesus teria morrido, e os apóstolos estariam até hoje trancados no Cenáculo. Teriam morrido naquela sala e seriam encontrados pelo mau cheiro, e os cadáveres seriam recolhidos. Teriam morrido de medo, e nós não estaríamos aqui. Imaginem o que fizeram aqueles homens rudes, ignorantes, que talvez nem soubessem ler e escrever. Não podemos fazer idéia. Imaginem São Pedro, um pescador de uma aldeiazinha vagabunda, junto ao lago de Genesaré, ir à capital do Império Romano, onde estava a corte, o imperador! Aquele Império que era muito mais do que os Estados Unidos hoje, porque dominava o mundo inteiro. E esse homem ignorante, sem saber nada, de repente começa a pregar o Evangelho. Que coragem! E não viajava de *boeing*, mas de barco, que poderia naufragar! Paulo conta que chegou a ficar agarrado a uma tábua, esperando que alguém o salvasse. E quem deu coragem a Paulo, a Pedro, a Tiago, a todos aqueles apóstolos, para saírem pelo mundo inteiro? Nós não estaríamos aqui, se não houvesse Espírito Santo!

Se cada um de nós pensarmos, veremos como somos covardes. Já somos covardes, tendo o Espírito Santo, imaginem sem Ele! Não temos nem coragem de falar o nome de Jesus! Sem o Espírito, o esposo não teria descoberto a beleza de sua mulher. A esposa não teria descoberto o carinho de seu marido. Não teriam percebido a beleza de uma relação conjugal. O Espírito nos leva a descobrir tudo isso. Os pais podem olhar para os seus filhos com a certeza de que ali mora o Espírito Santo. E isso muda o seu olhar. Verá não apenas um filho, mas o Espírito Santo que mora dentro dele. Mudam os nossos olhares, os nossos sentimentos,

a nossa sensibilidade. Passamos a aceitar qualquer pessoa. Passamos pela rua, vemos um bêbado sujo e temos que reconhecer que também ali mora o Espírito Santo. E descobrimos dignidade, mesmo naquela carcaça. Em tantos criminosos, pensamos que está tudo apagado, que ali está um puro animal. Não, também ali bruxuleia uma *lampadazinha* que, de vez em quando, fásca no olhar um pouco de ternura.

Vocês devem ter lido no jornal sobre aquele jovem que entrou na escola atirando nos colegas, depois se deitou no chão e começou a chorar. O que se passa com essas crianças, com esses adolescentes, com esses jovens? Em meio a toda a maldade, a toda a confusão, o Espírito ainda está presente. Se o tirássemos, viveríamos o que disse Hobbes (*): seríamos um lobo para o outro. Estaríamos nos devorando uns aos outros. Não conheceríamos o amor, não praticaríamos a beleza. O Espírito Santo colore, purifica, aquece-nos. Não aquece fisicamente, mas nos faz perceber a beleza, o calor, o amor. Nós sempre temos a impressão de que o amor é quente, e parece que ele nos anima, nos encoraja. Por isso o Espírito Santo é assemelhado ao fogo, à luz. Claro que é comparação, para dizer o que o fogo faz numa noite fria, e assim termos a idéia do que é a ação do Espírito Santo no nosso coração. Num dia de calor, procuramos uma fonte de águas cristalinas – se ainda houver – e, numa aragem, poderemos perceber que Ele é essa aragem, esse frescor. Quando estamos desanimados, tristes, abatidos e, de repente, encontramos uma força inexplicável, é o Espírito de Deus. Se estivermos desempregados, andando quilômetros e quilômetros por um emprego e, mesmo assim, não desanimamos, é o Espírito de Deus que nos empurra.

Há “Médicos sem Fronteiras” (**), que deixam seus países ricos, e vão enfrentar metralhadoras e mísseis levando ajuda às vítimas; também os pedagogos que trabalham com crianças em acampamentos, sem pais nem mães. Quem deu forças a esses foi o Espírito Santo. Víamos aquela mulher maravilhosa, que nos deixou saudade – Teresa de Calcutá -, que, quando havia qualquer catástrofe, corria para ajudar. Quem deu forças àquela velhinha de oitenta e tantos anos, para enfrentar tantos países diferentes, foi o Espírito Santo. Vemos jovens que ainda são capazes de crer, jovens que ainda vêm a esta igreja. Com tantos colegas metidos nas drogas, no sexo desvairado, eles ainda têm o olhar bonito, ainda sabem olhar a beleza, respeitar sua namorada. É o Espírito Santo que está agindo. Vemos tantas crianças irradiarem uma alegria transparente e direta. Elas são próximas do Espírito Santo. Por isso são tão bonitas, porque nelas ainda não entrou cultura para atrapalhar, ainda não entrou muita coisa para confundir, o seu superego ainda não foi marcado. Mantêm os olhinhos abertos para receber o mundo. Por isso, eu adoro essas crianças! Deixem-nas brincar, gritar à vontade aqui na igreja, porque é nisso que elas mostram a sua beleza.

Quando começarmos a olhar o mundo de maneira diferente, entenderemos que Pentecostes é uma grande festa. Amém. (22/05/99)

(*) Thomas Hobbes, filósofo inglês do século XVII.

(**) organização humanitária internacional.

CRESCEMOS NA RECIPROCIDADE (Jo 3, 16-18)

É conhecida aquela historinha de Santo Agostinho. Ele era um jovem muito inteligente, talvez um dos maiores gênios da história da humanidade. Platão, Aristóteles, Agostinho, Hegel, talvez tenham sido das maiores inteligências que passaram pela Terra. Um dia, ele andava pela praia – é história – pensando, refletindo sobre o mistério da Santíssima Trindade. Queria entender como é possível três pessoas num único Deus. De repente, viu um *meninozinho* pequenino, que ia até perto das ondas, enchia um balde de água e a jogava num buraquinho na areia. Repetia continuamente o mesmo gesto. Agostinho se distraiu e perguntou o que ele estava fazendo. Ele responde: “Eu quero colocar todo o oceano nesse buraquinho, porque é mais fácil eu conseguir isso, do que você entender o que está pensando”. Isso para dizer que é um mistério muito profundo.

Eu não quero meditar na profundidade desse mistério, mas sim trazê-lo para o nosso cotidiano. Eu quero mostrar-lhes que há uma diferença enorme entre termos sido criados por um Deus Uno e criados por uma Trindade. A diferença é gigantesca! Se tivéssemos sido criados por um Deus que fosse uma só pessoa, esse Deus seria uma imensa solidão. Um, eternamente um, por toda a eternidade, e Ele sozinho. Teríamos a marca da solidão, porque toda obra reflete o artista. Se vocês virem a obra de um artista deprimido, como Van Gogh (*), verão aquelas cores todas misturadas. Ele refletia toda a sua depressão em pinturas pesadas. Um artista alegre reflete toda a alegria, porque a obra reflete o artista. Se o nosso artista fosse uma pessoa só, solidão e solitário, seríamos ilhas. Cada um de nós seria uma ilha nesse imenso oceano, e ilhas sem pontes. Seria terrível! E mesmo se casassem, iria cada um para o seu lado, em silêncio. Na total incapacidade de sair de si, de lançar uma ponte para o outro. Na total incapacidade de amar, na total incapacidade de reciprocidade.

Agora vejam a diferença. Fomos criados por um Deus comunidade, e, eternamente, serão sempre três pessoas. O Pai que se olhou e viu, em si mesmo, a beleza infinita do Filho. E quando o seu amor voltou-se para o Filho, brotou o Espírito Santo. Por isso somos tão apaixonados uns pelos outros. Por isso não agüentamos a solidão. Por isso, quando nos vemos sozinhos, parece que alguma coisa bate lá dentro, porque somos comunidade. É na liberdade e na consciência que essa marca comunitária se imprimiu em nós. No momento em que a consciência aflora, no momento em que a nossa liberdade desperta, desperta em face do outro. Se não houvesse um outro diante de mim, eu não me conheceria. Se a criança não tivesse um pai e uma mãe, não saberia quem ela era. É olhando para o pai que a criança começa a conhecer a si mesma. É o outro que faz com que eu me descubra.

Por isso, as pessoas fechadas não conhecem nem a si mesmas. Elas pensam que mergulham em si, mas ficam na superfície. Eu vou me conhecendo,

na medida em que vou encontrando outras pessoas. Eu vivi muitos anos fora do Brasil, e foi aí que eu conheci muito mais o que é ser brasileiro. Eu descobri a beleza de ser brasileiro e fiquei muito mais brasileiro. Vendo o alemão, o italiano, o inglês, o francês, com quem convivi anos, de repente, percebi que eu era diferente. Foi olhando para o olhar, escutando a pronúncia, vendo o rosto, a maneira de comportar. Por exemplo, um europeu não olha para o outro quando conversam. Não gostam de se olhar, olham para o chão. Eu gosto de falar olhando para vocês, eu distribuo a Eucaristia olhando nos olhos das pessoas, mesmo que muitos abaixem os olhos. Assim vamos nos descobrindo. É nesse jogo, nessa diferença, que vamos nos descobrindo.

Jovens, o grande passo da infância para a adolescência e juventude é a descoberta, cada vez maior, da reciprocidade. É isso que é formar-se. Eu me pergunto: como um jovem se forma, como um adolescente cresce? Fisicamente, é comendo, e assim ele *espicha*. Os hormônios se encarregam disso. Mas o crescimento psicológico, o crescimento espiritual não se faz com antibiótico, nem com hormônio, nem com vacina. Faz-se com um trabalho profundo e pessoal. A criança vive de fora para dentro. O adolescente começa a viver de dentro para fora. Essa é a mudança profunda! A criança pergunta tudo, e é sempre de fora que vêm as respostas. O adolescente começa a buscar as respostas dentro de si. Aquilo que vem de fora deve encontrar uma ressonância por dentro. Deve haver uma reciprocidade. Eu devo receber e devo comunicar. Eu não apenas recebo. O adolescente começa a sair de si. Começa a fazer grupos, começa a ter amigos, começam os primeiros namorinhos. Ele precisa agora tomar distância, e os pais sofrem muito com esse distanciamento. Precisa interiorizar as leis e as normas. Precisa aprender que tudo aquilo que quer para si, ele quer também para os outros.

Se vocês guardarem apenas isso, ficarei muito feliz. O que vocês querem para si, devem querer para os outros. Se quiserem uma escola boa para si, trabalhem para que a escola seja boa para todos. Se quiserem uma cidade boa para si, trabalhem para que ela seja boa para todos. Se quiserem uma juventude sadia, procurem ser sadios para si e para os outros. Não adoeçam os outros. Se quiserem ser normais, não transformem os outros em anormais. Se quiserem ser bons para si, sejam bons para todos. Amém. (29.05.99)

(*) pintor holandês que viveu no século XIX

VALEMOS PELO QUE SOMOS (Mc 3, 20-35)

Essa passagem do Evangelho é bem enigmática. Não é fácil de entender o que Marcos e a comunidade primitiva nos relatam. A impressão que temos é que Jesus viveu numa família tranqüila, sem problemas. Já expliquei várias vezes que Ele viveu numa família onde havia muitos outros além dele – primos que foram morar junto deles. Os Evangelhos falam insistentemente nesses irmãos de Jesus, que aparecem novamente aqui. Sabemos que Maria não teve filhos e, provavelmente, José também não, porque terá morrido jovem. Então, não são irmãos de Jesus. Portanto, quem serão? Talvez primos que viveram muito próximos, quem sabe, na mesma casa. De repente, aparecem essas figuras: Maria e os irmãos de Jesus.

Primeiro pensam que Jesus está doido. Isso é coisa séria! Pensamos que a família é o lugar mais fácil de nos relacionarmos, de sermos compreendidos, mas, muitas vezes, as pessoas que menos nos compreendem são os nossos parentes. Diz o Evangelho que os parentes de Jesus saíram decididos a arrancarem-no de onde estava e, talvez, interná-lo. Se naquela época houvesse uma Pinel (*), teriam-no colocado lá. E por quê?

Jesus estava pregando, não tinha tempo para comer. Era tanta gente que cercava a sua casa que não dava nem para preparar a comida. Os seus parentes ficam preocupados, porque aquele Homem levava uma vida diferente. O normal, na sua idade, era que tivesse casado, criado uma família, com filhos, trabalhando e vivendo normalmente. Era o que esperavam dele, como de qualquer cidadão. Jesus rompe com os costumes de sua época, por isso acham que Ele é doido. Em vez de criar uma família, resolve sair passeando por Israel, pregando o Evangelho, convidando alguns discípulos, pessoas diferentes, estranhas, que nem eram parentes. Talvez apenas um fosse primo. Um outro era zelota, que deveria ser uma espécie de terrorista daquela época. Zelotas faziam parte de um grupo que queria derrubar o regime com as forças, com as armas. Eram uma espécie de guerrilheiros. Jesus teve um discípulo guerrilheiro! O Evangelho diz que era Simão, o zelota. Outros eram pescadores. Um era um *banqueirozinho* que tinha certa má fama, por causa de uns *precatóriozinhos* que ele resolvia embolsar. Jesus era cercado dessas pessoas. Também algumas mulheres que o seguiam tinham uma fama suspeita, pelo menos a tal Madalena.

Quero parar um pouco nesse momento. Quantas vezes os jovens, os adolescentes dizem que os pais não os compreendem! É bom saber que Jesus também não foi compreendido. Se os pais não compreendem os jovens, os jovens também não compreendem os pais. Jesus também não compreendeu o gesto desses parentes que achavam que Ele estava doido. Mais ainda, os mestres, os professores que estavam chegando a Jerusalém, diziam que o poder de Jesus era um poder satânico, que Ele estava cheio do demônio. É forte a acusação! Não é uma acusação qualquer. É como se os professores de vocês os chamassem de

vagabundos e os ameaçassem com a reprovação. Jesus é acusado pelos parentes, pelos professores, como alguém que está fora da lei. Talvez nunca tenhamos parado para pensar na dificuldade que Jesus teve para conviver numa sociedade que o rejeitou desde o princípio. Ele continua trabalhando, só que a rejeição vai crescendo, crescendo, até que o matam. Mas Ele não volta atrás, continua sua pregação, sua missão. Realmente é algo profundamente misterioso!

A última passagem ainda é mais complicada. Quando pensamos num encontro de Jesus com sua mãe e seus irmãos, imaginamos alguma coisa alegre e festiva. Mas parece que Ele não se incomoda muito. Nem se levanta para recebê-los. Dizem para Ele que sua mãe estava lá e não há reação. Ele diz que sua mãe e seus irmãos eram os que o seguiam, os que estavam com Ele bem perto, fazendo a sua vontade. Aquele que cumpre sua vontade, aquele que o segue, esse é considerado parente. Não é o sangue que é importante. Ele quis tirar um pouco essa história de parentesco da jogada.

Para Deus, não interessam os parentescos sanguíneos. Não é porque é irmão de padre, de bispo. Isso não funciona! O que importa para Jesus são as pessoas que o seguem. Nada mais vale. Quantas pessoas insistem em querer prevalecer de sua estirpe, de sua prosápia, de sua origem?! Isso não vale nada no Reino de Deus! Não é porque é filho de nobre ou não, filho de alguém importante ou não. Ser irmão do arcebispo, do juiz, irmão do papa não vale nada. Isso é tremendo! Nós temos essa mania – sobretudo o brasileiro – de pendurar os parentes em todos os cabides possíveis. Jesus subverte totalmente. Nada disso vale! O que vale é a honestidade, a lealdade, a fidelidade. Não é ser parente de uma pessoa que vai valer alguma coisa. Vale estudarmos, trabalharmos honesta e seriamente. Nenhum *pistolão* nos acrescenta. Temos que arrancar da nossa cabeça brasileira essa doença endêmica que temos, essa mania do *pistolão*, como se ele nos acrescentasse alguma coisa; como se um título, um papel nos desse algum valor. O valor nasce do nosso trabalho, da nossa vida, do nosso ser. É o que Jesus quis nos mostrar.

É uma imagem complicada para nós, quando Jesus diz que o seu poder não pode vir de Satanás. Jesus quer mostrar que o que interessa é a sua prática, é a sua maneira de falar, é a sua maneira de viver. Aí é que Ele é reconhecido.

Que nós, brasileiros, aprendamos a lição do Evangelho de hoje. A nossa dignidade vem daquilo que somos e não das coisas externas a nós. Os títulos passam, o nosso ser fica. Os títulos são vazios, o nosso ser é consistente. Somos o que somos! Amém. (07.06.97)

(*) referência a uma clínica psiquiátrica de Belo Horizonte – MG, assim denominada em homenagem ao psiquiatra francês Philippe Pinel

DEUS NOS REVELA O MISTÉRIO TRINITÁRIO

(Jo 16, 12-15)

Em geral, quando ouvimos a palavra mistério, a nossa mente se perde, como se falasse do infinito do céu ou da imensidão do mar. Temos a impressão de que mistério é aquele lado estranho, obscuro, em que não podemos penetrar. É aquilo que vai muito além da nossa inteligência, da nossa razão, da nossa capacidade, e por isso nos afastamos e deixamos para os padres resolverem. É essa a concepção falsa de mistério que afastou tantos cristãos do mistério da Santíssima Trindade.

Mistério é totalmente o contrário. Olhamos uma pedra, e será que vemos tudo? Não, há para conhecer. Chamamos um geólogo, e ele nos dirá que aquela pedra tem trezentos milhões de anos. Ela foi formada dessa e dessa maneira. E nos espantamos. Mistério é esse lado sedutor, atraente, holístico, que nos chama, nos convida para conhecer mais ainda. Não é o que nos impede o conhecimento. Pelo contrário, é o lado que nos atrai para conhecer mais.

Uma mãe toma a sua filha no colo, olha para ela cheia de carinho. Mas ela quer ver mais, quer saber o que se passa no coração daquela criança. Qual sentimento, qual sonho ela carrega? Isso é mistério! Por isso existe o fascínio. Quando esbarramos com qualquer ser humano, esbarramos com o mistério, porque toda pessoa tem muito a nos dizer, muita coisa a nos revelar. E só vemos os olhos, o rosto, o corpo, o andar, o falar, o gesticular. Mas isso é pouco para revelar a grandeza e a profundidade de uma pessoa. Por isso, os esposos vão conhecendo cada vez mais um ao outro e vão penetrando o mistério um do outro. Mas nunca vão conseguir totalmente. Até o último dia haverá surpresa, porque eles têm um coração, uma inteligência, uma história, um sentimento. Tudo isso passa e vai revelando o mistério. Isso são as pedras, as plantas, as pessoas. Agora imaginem o que é o mistério trinitário!

Deus fez exatamente como nós: foi mostrando a sua presença através da história, para que nós, olhando a história, tivéssemos mais desejo de ir para dentro dele. Assim o Pai começou a se revelar. A primeira coisa que Ele mostrou foi este exagero cósmico – duzentos bilhões de galáxias. Uma galáxia tem duzentos bilhões de estrelas. Nossa Terra é uma casquinha, e nós a achamos enorme. Se montarmos a cavalo num raio de luz, voaremos a trezentos mil quilômetros por segundo e precisaremos de um trilhão de anos para atravessar tudo isso. É de pasmar! Imaginem então como é o interior de Deus, se, por fora, é todo esse exagero! Olhem uma planta e procurem conhecer cada molécula. Como aquela pequena raiz entra na terra, se alimenta e, de repente, cresce. Olhem os animais! Uma simples pulga tem vida dentro de si.

Tudo isso é revelação do que podemos conhecer de Deus Pai. Mas Ele não ficou contente com isso. Saberíamos muito da grandeza, da beleza, da

maravilha, mas não saberíamos que a cada um de nós Ele conhece e ama. E como Ele poderia nos fazer saber disso? Não encontrou outro jeito, a não ser mandando o próprio Filho para nos dar a conhecer o seu coração. Para nos dizer que Ele ama, que Ele gosta, que Ele se alegra, que Ele só quer que sejamos felizes, alegres, prazerosos, de coração aberto. Ele nos quer transparentes. É isto que Jesus veio nos mostrar: as expressões do coração de Deus.

Nem assim ficou contente. Achou que era pouco. Quando os apóstolos estavam com medo, escondidos, trancados numa sala, Ele manda o Espírito que dá força, que dá alegria. E um Pedro, tímido, medroso, covarde, de repente abre as portas, olha para os judeus, enfrenta uma praça cheia de gente. Anuncia aquele que, dias antes, esse mesmo povo tinha crucificado. Olhem quanta coragem! Espantoso! Imaginem se houvesse pena de morte no Brasil, e o nosso Supremo Tribunal Federal, com todas aquelas togas e babados que os ministros usam, condenasse alguém à morte. Um criminoso terrível diante de todo o país e, de repente, alguém se levantasse e dissesse que eles haviam condenado um justo, um homem honesto e que todos eram covardes. Quem teria coragem? Jamais! Pois Pedro teve.

Pensem em tudo isso e levemos para dentro da Trindade. Agora, quando pensarmos nesse mistério, não imaginemos uma coisa confusa. Pensem na maneira que Deus se revelou na história, projetemo-nos para dentro de Deus, elevemo-nos ao infinito e estaremos nos aproximando do mistério da Trindade. Teremos assunto para pensar, deixar-nos seduzir por toda a vida e por toda a eternidade. Amém. (13.06.98)

O TRIBUNAL DA CONSCIÊNCIA (Mt 10,26-33)

Já falei muitas vezes que o Evangelho não foi escrito como relatório oral do que Jesus falou. É um trabalho posterior, portanto, uma montagem de textos que Jesus terá dito, em momentos muito diferentes. O Evangelho de hoje traz vários textos em contextos bem diferentes, e ficamos um pouco desnorteados. Mas o autor sempre escolhe um fio condutor. É como essas senhoras que fazem colchas de retalhos. Os retalhos vêm das peças mais diversas, mas depois de costurados, saem as colchas mais bonitas. O Evangelho, sobretudo o de Mateus, é uma colcha de retalhos dos ditos de Jesus, que ele vai cosendo com o seu estilo próprio e dedicando à comunidade cristã de sua época.

Era uma comunidade que estava sendo perseguida, portanto, estava com muito medo. Era uma comunidade que passava por uma crise de confiança em Deus. Às vezes tinham medo de proclamar a Palavra de Deus e, muitas vezes, ficavam fechados. E Jesus começa a provocar. Mateus relata passagens de Jesus, provocando a comunidade.

Primeira coisa: “não tenhais medo!” Interessante, quando eu li esse texto do Evangelho, lembrei-me do que aconteceu no Brasil dias atrás. Suponho que vocês tenham seguido. Esse chefe da Polícia Federal que, durante a época da repressão, secretamente participou de uma cena de tortura, nunca imaginaria que, quase trinta anos depois, seria obrigado a admitir. É exatamente do que fala Jesus, ao pé da letra. Esse homem ocultou durante tantos anos, um ato violento. Hoje, já velho, doente, alquebrado por ter participado da terrível experiência da tortura, de repente se vê diante de toda a nação. Saiu em todas as televisões, e ele se viu forçado a renunciar, em razão de um fato que estava escondido. E lá muitos outros, que fizeram tantas coisas naquele momento de escuridão, pensaram que as trevas iriam cobrir para sempre. Mas a história vai destacando. Alguns acontecimentos serão lembrados até séculos depois. A história humana vai arrancando as verdades dos acontecimentos, dos baús escondidos, dos porões da própria história.

Jesus já havia dito isso, mas não falava nesse sentido. Isto só para fazer uma menção a alguma coisa que aconteceu bem perto de nós. Jesus falava de algo bem mais profundo. Eu acho que o mais doloroso é quando a verdade aflora na consciência da pessoa. Esse é o tribunal mais terrível, porque ninguém vê e ninguém consegue esconder. Ninguém consegue se esconder da consciência. Nós sabemos que muitos desses torturadores enlouqueceram. Vários se suicidaram, porque não agüentaram a verdade de si. Quando perceberam a monstruosidade que cometeram, não suportaram. Hitler suicidou, os grandes nazistas suicidaram-se. Porque não resistiram, não à verdade dos fatos, mas à verdade de si mesmos, à verdade de suas consciências. Não é Deus que vai julgar. Jesus diz que Deus só quer salvação. Quem nos julga somos nós mesmos. Isso é tremendo! Quando pecamos, pecamos primeiro e fundamentalmente contra a nossa verdade. Nós

nos autodestruímos, porque Deus é a raiz última do nosso ser. Pensamos que Deus é um ser externo, estranho, que ofendemos como se fosse alguma coisa de fora. Não, ofendemos o que há de mais profundo em nós. Nos destruímos. Deus não precisa condenar ninguém, porque a condenação é nossa. É a nossa autodestruição. Há uma ruptura. Usando um termo psicológico, é uma esquizofrenia gigantesca, que arrebenta por dentro o nosso próprio ser. É quase como se fôssemos tão poderosos como Deus: Ele nos cria, e destruímos o que Ele criou. Mas destruímos em nós.

Este Evangelho é muito sério. Não precisamos ficar desafiando Deus. Podemos xingar à vontade. Podemos invocar, porque não cairá nenhum raio sobre nós. O raio vem de dentro, não de fora. O raio vai partindo-nos por dentro, porque temos uma verdade, que não conseguimos esconder. A nossa verdade é mais dolorosa. E Deus, vendo que a nossa verdade é pesada para nós mesmos, diz: “não tenhais medo!” Ele é tão bom que, mesmo quando não agüentamos a nós mesmos, Ele se faz presente na alegria e na tristeza, na vitória e na derrota, no fracasso ou no sucesso. Não interessa. Em qualquer situação, Ele está ao nosso lado.

Essa segurança absoluta da presença de Deus ao nosso lado, é que nos dá coragem de não temer. Todos nós temos a experiência do medo. É o medo é proporcional àquela realidade que nos toca viver. A última realidade da qual temos mais medo é perder a vida. Nós queremos segurar ao máximo. Todas as vezes que a morte se aproxima, seja pela doença, seja pela violência, aí tememos, porque está em jogo a vida. É o grande dom, a maior realidade que temos. E é nesse momento que Jesus diz: “Eu venci a morte!” Mesmo morrendo, venceremos. Amém. (19.06.99)

SÓ CRESCEMOS NA VERDADE DE NÓS

MESMOS (Mc 4, 35-41)

Agora, já mergulhados nesse mistério, esse Evangelho perde o sentido pequenino de um fato acontecido lá atrás e pode falar um pouco à nossa vida.

Vivemos momentos difíceis na nossa vida e todos já experimentamos isso: vamos para a outra margem! Muitos vieram do interior – vieram para a outra margem. É outra cultura, outro mundo, outros valores. Um adolescente, com dezessete, dezoito anos, presta vestibular e entra na universidade – aquele mito imenso. Conhece professores sérios, convencidos de que sabem muito, e ficam boquiabertos – vamos para a outra margem! Depois verão que a margem é muito medíocre. Aí vão para os cursinhos, com montes de apostilas debaixo do braço. Vão para o Pitágoras (*) e, só de verem o nome de um antigo filósofo grego, já levam um susto. Naquelas salas, com mais de cem alunos, chega um professor e enche o quadro de fórmulas imensas e complicadas – vamos para a outra margem! O primeiro emprego, com a carteirinha assinada – vamos para a outra margem! Quantas experiências! Lembro-me quando tomei o navio e fui para a Europa – vamos para a outra margem! Quando pisei pela primeira vez o solo europeu, eu tremi. Pobrezinho, aquele mineirinho perdido cai na Alemanha sem saber uma palavra sequer. Falando uma língua atrapalhada – vamos para a outra margem!

Todos nós vivemos essa experiência, e é bonito, porque sentimos que perdemos as nossas seguranças: a língua, a família, o lugar onde conhecemos todo mundo. É fácil viver num mundo onde todos se conhecem, mas, quando encontramos o estranho, o diferente, outras caras, aí vem o medo. A origem última do medo, qualquer mãe sabe qual é. Deixem uma criança dormindo, sem ninguém por perto. De repente, ela acorda e chora. É o medo primitivo que está introjetado no nosso íntimo, que é perder a referência. Quando a criança está no colo da mãe, tem a referência do corpo da mãe e dorme sem saber que perdeu essa referência. Quando acorda e não encontra aquele corpo, ela chora. É o medo primitivo, que nunca sairá de nós. Reparem numa palestra: os primeiros bancos ficam sempre vazios. É o medo do diferente, figurado naquele conferencista que dirá coisas que ninguém vai entender. Preferimos ficar atrás.

Esse medo é biológico, instintivo, é pré-consciente, pré-psicológico. Não é dele que Jesus nos fala, porque vamos carregá-lo até o fim da vida. Nunca vamos superá-lo. Desde que encontremos uma situação diferente, teremos medo. Por que temos medo de um assaltante? Ele aponta uma arma e já começamos a tremer. É o diferente! Um caminhão que passa rente e arranca o espelhinho do carro. Leva-se um susto. É o medo! Mas não é desse medo que Jesus está falando.

Mas há um medo que podemos trabalhar: o medo da nossa entrega à outra pessoa. É também muito difícil e muito perigoso. É a capacidade de alguém se encontrar com outro, de se pôr diante dele, na transparência e na abertura. Por isso é que vocês não conversam quando namoram. Vocês têm medo de que a menina, de que o rapaz os conheçam, e se escondem nas aparências. Temos medo da luz e da transparência. Temos medo da verdade de nós mesmos, temos medo de que outros saibam da nossa verdade. Preferimos o fingimento, a escuridão, o encolhimento, as nuvens que nos cobrem, a roupa que nos faz, deixando aparecer o mínimo possível. Se pudéssemos andar na noite de total escuridão, onde ninguém nos visse, seríamos mais felizes. Reparem nas brincadeiras de crianças, nos *videogames*. Frequentemente os personagens estão todos vestidos de preto, com óculos imensos. Um adolescente me dizia que usa grandes óculos espelhados para que ninguém o reconheça. Usam capacetes, luvas e mal sabemos se é um ET, porque não reconhecemos. Não há meios para se reconhecer.

Esse é o medo do qual Jesus fala. Por que temos medo de nos expor aos outros, por que temos medo de ser transparentes? Precisamos da maquiagem mentirosa das aparências e nos cercamos de tanto *teres*, porque temos medo de ser. É isso que temos que trabalhar. Só seremos felizes quando o nosso coração puder realmente encontrar as pessoas e ser natural, ser igual, ser parecido, ser gente que todo mundo sabe quem é, sem precisar se esconder atrás de nada. Nem de honras, nem de títulos. Isso atinge a todos nós. É o professor, o padre, o bispo, o papa, o médico, o juiz. Precisamos de títulos para esconder a pobreza do nosso ser. Por isso eu gosto tanto da missa das crianças. Para elas nada vale, a não ser o ser. São as únicas pessoas no mundo – as pequenas, que não foram ainda *xuxamente* estragadas – que, quando abraçam, é porque gostam de você. Não adianta dizer títulos, não adianta dizer que é o imperador não sei de onde. Não lhes interessa. Não é diploma que convence uma criança. É a ação, o carinho, a ternura, o encontrar-se, a transparência.

Se quiserem saber a verdade de vocês, aproximem-se de uma criança de dois, três anos, para que sintam que vocês valem pelo que são, porque a criança percebe. O resto nós criamos. São os entulhos da nossa história, da nossa biografia, que enchem os nossos currículos. Mas nada disso vale. Não se enganem com os títulos, nem com o dinheiro, nem com a classe social, nem com a cor da pele, nem com o brilho dos olhos. Descubram a verdade das pessoas.

Jovens, namorem certo! Não errem no amor! Vocês estão errando demais no amor, porque não conhecem a verdade de quem vocês amam. Vocês ficam no escuro da história, no escuro do coração, no escuro da impureza, no escuro do gozo. Não falam a verdade de si mesmos. Como podem ser felizes? Vêm à igreja, casam sem saber com quem se casaram. Quantos me dizem que não souberam com quem se casaram?! Casam com uma máscara, com uma mentira. *Mentirosamente* casam-se. Como podem ser felizes, como podem viver juntos? Como podem viver junto a uma mentira a vida toda, dormir na mesma cama

mentirosa? Não é possível! Por isso há tanto sofrimento, tanta tristeza, tanta dor no coração humano. Nós temos muita dificuldade de não ter medo do amor, da transparência. Amém. (22.06.03)

(* referêcia a um curso pré-vestibular de Belo Horizonte - MG

UM AMOR QUE ESTRUTURA OS NOSSOS AMORES (Mt 10, 37-42)

Esse Evangelho vem produzindo, freqüentemente, compreensões equivocadas. Primeiro, pelo gênero literário de Jesus. Infelizmente ele não falava português, mas aramaico e, às vezes, hebraico, algumas palavras gregas e talvez um pouco de latim – as línguas de seu tempo. No hebraico não há comparativo, como na nossa língua: mais, melhor, pior, maior. Eles usam os conceitos um ao lado do outro, afirmando. A idéia de comparação escapava-lhes do horizonte. Nós estamos muito acostumados com a comparação quantitativa. Quando eu digo mais e menos, sempre imagino uma balança.

Se quiséssemos entender o Evangelho de hoje ao pé da letra, colocaríamos o amor a Deus num prato da balança e o amor ao pai e à mãe no outro. O amor a Deus deveria ser mais e abaixaria o prato da balança. Mas não é nada disso. Seria absolutamente equivocado, porque não podemos colocar em pratos de uma balança a relação com o Transcendente – Deus, Jesus – e a relação com os seres humanos, pois são de naturezas diferentes. É como se alguém dissesse: eu gosto mais do azul do que de doce de coco. Um é para ver, outro para saborear. A frase não faz sentido, pois trata-se de dois valores diferentes.

O amor de Deus é outra grandeza. O que Jesus quis dizer é algo muito mais simples, e que todos nós vivemos. Eu não posso dizer agora para um pai que ele deve gostar mais de Jesus do que de uma filha. O que Jesus diz é que precisamos de um amor que estruture o nosso amor. Isso sim! É um amor muito mais profundo, que alimenta os nossos amores humanos. Pode acabar o amor por sua filha, o amor da esposa por seu esposo – a toda hora vemos isso. Nós precisamos de um amor maior. Não para que amemos mais esse amor maior, mas para que ele faça os nossos amores humanos serem maiores ainda. É isso que Deus quer: que o esposo ame mais ainda a sua esposa, e vice-versa. Que o pai ame mais ainda a sua filha. Mas o pai, a filha, o esposo podem, muitas vezes, ficar dilacerados, porque não conseguem relacionar-se bem. Jesus diz que todas essas dificuldades que encontramos em nossos amores humanos podem ser melhoradas, se encontrarmos um amor maior. E aí está o amor de Deus. Vocês serão capazes de continuar amando aquelas pessoas mais próximas de vocês. É uma ilusão muito grande, e a Psicologia está aí para nos alertar, pensar que o amor na família é mais fácil. Pelo contrário, é o mais difícil. Sabemos hoje – as estatísticas dizem – que a maioria dos crimes são cometidos dentro da família. Não são estrangeiros, assassinos profissionais. Estatisticamente, a maioria dos crimes se comete dentro da família. O “Jornal de Opinião” (*) tem todo um trabalho sobre isso. A reportagem principal diz que 80% das prostitutas foram introduzidas na vida sexual por alguém da família. É por isso que Jesus diz que é importante que amemos a Deus, para que o nosso amor dentro da

família seja forte, seja puro, seja grandioso. É difícil o esposo, depois de vinte e cinco anos, continuar amando a sua esposa. Hoje temos este casal maravilhoso, comemorando cinquenta e oito anos de casados – os pais da Maria José. Um casal que está junto no amor há cinquenta e oito anos é algo espantoso!

E agora vem a segunda passagem do Evangelho, que também parece algo meio doido, mas não é. Jesus diz que a gente só ganha, perdendo. O que Ele quis dizer com isso? Quando um esposo quer ganhar muitas mulheres acaba perdendo até a própria. Está aí a prova. Para ganhar, para vivermos felizes, para decidirmos, temos que renunciar. Cada decisão que tomo significa uma renúncia enorme. Por isso, os jovens, quando se aproxima o vestibular, ficam angustiados. Se escolherem engenharia, não poderão ser advogados. Se escolherem advocacia, terão que deixar outras coisas. Se escolherem medicina, magistério, terão sempre que deixar outra coisa. Eu escolhi ser padre, não posso ser pai. É tremendo isso! Não pensem que é fácil renunciar à paternidade. Toda escolha, se for realmente assumida, traz junto uma renúncia. Se eu fosse casado, teria que renunciar a outras coisas. Eu só posso ganhar, sabendo que qualquer decisão humana que tomar implicará numa renúncia enorme. As pessoas que não são capazes de reconhecer o limite são infelizes, são dilaceradas. Querem abarcar tudo.

Quando eu li que Bill Gates, o acionista majoritário da Microsoft, tem uma fortuna de noventa milhões de dólares, pensei que, com isso, ele perde muitas coisas. Perde as pequenas ternuras da vida, a liberdade, o carinho, para poder abraçar tantos dólares. E desses dólares, nenhum centavo sequer vai para o caixão. Podem comprar um caixão de ouro, mas o defunto não aproveita nada. Alguém que pensa que, com noventa milhões de dólares, tem o mundo, não tem nada. Talvez não tenha nem amor, nem paz, nem alegria. Não pode brincar com uma criança na rua, porque tem medo de ser seqüestrado.

Esse é o jogo profundo de Deus. É isso que Jesus quer nos dizer. É preciso tirar essas ilusões tolas, esses desejos imensos. Se pensarmos que, abarcando o mundo, teremos felicidade, estamos totalmente enganados.

A felicidade é feita de pequenas alegrias. A alegria do olhar de uma criança vale muito mais que infinitas outras alegrias. Pensar que a felicidade é feita de grandes alegrias, de freqüentar hotéis de cinco estrelas pelo mundo inteiro, é uma ilusão *idiótica*, de uma idiotice gigantesca.

Alegria verdadeira é um casal que chega a bodas de ouro. Essa é uma alegria incomparável! Pais que entendem seus filhos, mães carregando-os no colo. Não há alegria maior. Nada pode se comparar com isso. E Jesus diz, com razão, que perdemos muitas coisas. O homem e a mulher, quando têm um filho, perdem muita coisa. Perdem noites de sono, perdem a tranqüilidade, ficam preocupados. Mas nada lhes tira a gigantesca alegria de construir uma vida para o futuro. Isso é mais do que todas as perdas e renúncias. Amém. (26.06.99)

O LONGO TRABALHO DE FAZER CRESCER A SEMENTE (Mt 13,1-23)

Esse Evangelho é um dos textos clássicos. Clássico pela beleza, pela profundidade e também pela simplicidade. Só a primeira frase é literariamente completa: “Saiu o semeador a semear!” Este jogo belíssimo! Palavras que lemos em português, e que Jesus terá falado em aramaico. Ele nos abre toda uma compreensão da realidade que nos toca a cada dia.

A Palavra de Deus é uma sementinha. Mas tudo o que ouvimos de algum lábio humano também é semente. Vocês, crismandos, estão fazendo o curso de Crisma. Os monitores estão jogando no coração de vocês palavras que são sementes. Um dia um pai ou uma mãe param e dizem: “meu filho, atenção!” É uma semente. Um dia um professor iluminado pára, olha para vocês e diz uma palavra. É uma semente.

Os caminhos são vocês, quando ouvem esta palavra, deixam-na cair e entram na vulgaridade do cotidiano. O pássaro passa, sobrevoa o caminho, bica, leva a semente e ela não frutifica. Não houve tempo para pensar, para meditar. Não houve tempo para que essa semente entrasse no coração e produzisse alguma coisa. Lembro-me de uma coisa que aconteceu recentemente. Veio da Inglaterra um especialista em Pedagogia, e disse que, nas escolas de lá, uma coisa está fazendo um enorme sucesso. Adivinhem o que é e pasmem: eles começam o dia com um momento de meditação. Estão ensinando aos adolescentes meditar. Diz que a vida deles está mudando muito. Estão ficando serenos, tranquilos, profundos, bonitos. A alma deles está se abrindo, porque a semente não cai no caminho.

Há o perigo de que ela caia também nas pedras. Ainda que haja um pouco de terra e ela possa crescer um pouquinho, surge o sol. Os sóis que tostam as sementes são esses ídolos vazios, absolutamente vazios, que a televisão, o cinema, as revistinhas passam para vocês. Os *Michael Jacksons*, as *Madonnas* da vida. Pessoas que não têm nada para lhes dizer. Não têm nenhuma amizade profunda. Mas fascinam e vocês saem correndo e chorando atrás deles, em busca do ídolo. São sóis que tostam a semente que começou a crescer. Vocês terminam o segundo grau e entram na universidade. Levam aquela sementinha que tinha crescido no crisma, nas celebrações de que participaram. Na primeira aula, o professor de Biologia de um curso de Medicina começa a falar de sociobiologia, de genética. Vocês ficam fascinados e pensam que tudo é acaso e necessidade. Tudo é invenção de milhares de anos. Aquele professor sério, que vocês consideraram importante, é o sol que vai tostar aquela sementinha que tinha nascido. E vocês perdem, e perdem muito, porque aquele homem, por mais sábio que seja em Biologia, entende pouco da grande *bios*, da maior *bios* que existe, que é a verdadeira vida.

Quando a semente cai nos espinhos, parece que ela cresce um pouco mais, porque eles aparecem mais tarde. Ela começa a crescer, vem o espinheiro e começa a espetar. A *plantazinha* fica mirrada, encolhida e daqui a pouco não há mais sol. Ela fica sombreada e precisa do sol, mas não do sol que queima, mas do que dá vida. A planta fenece e morre. Espinhos, vocês os têm em quantidade, em abundância. São todas essas futilidades que estão espetando o coração de vocês. São essas seduções coloridas, bonitas. São esses encontros fortuitos, são esses *ficares* sem profundidade, sem amor. Daqui a pouco, o susto, o risco, o medo, o perigo. São os espinhos que vão matando as experiências mais bonitas que vocês têm e que tiveram. Aquilo que receberam de seus pais, de suas mães, de seus professores, de repente, aparece sufocado.

Seria triste se só houvesse caminho, se só houvesse pedra, se só houvesse espinho. Mas o Senhor diz que há canteiros bonitos. Há canteiros onde a semente cresce e começa a ficar bonita. Aí aparecem *florezinhas*, e o pequeno príncipe (*) já nos alertou que a planta necessita de carinho, de nosso olhar. Quanto mais vocês olharem com carinho para a planta, mais ela se tornará viçosa. E vocês precisam do carinho, do olhar de adultos. O que vocês mais precisam são de olhos que os amem, que passem para vocês o alimento. Assim vocês poderão caminhar e amanhã serão árvores bonitas, que irão ornamentar a nossa cidade e a nossa Igreja. Amém. (10.07.99)

(*) referência ao livro “O pequeno príncipe”, do escritor francês Saint-Exupéry

ALEGRAR-SE COM TODAS AS ALEGRIAS

(Lc 9, 18-24)

Nem sempre as nossas cabeças estão aptas para celebrar. Para a maioria dos brasileiros, foi uma tarde emocionante, já que o futebol é uma paixão nacional. Sobretudo, uma paixão açulada, aquecida pela mídia e pela televisão. Mas, de vez em quando, é bom darmos uma parada, sobretudo, quando nossos desejos não se realizam no nível que queríamos. Aí nos deparamos com a famosa falta. Temos muita dificuldade de lidar com a falta, isto é, com aquilo que é o objeto do nosso desejo.

O ser humano é um ser tão faltoso, tão carente, como mostram as mais diversas mitologias: uma quantidade enorme de lendas, sagas, histórias que trabalham essa realidade da falta humana. Começando pelo famoso mito platônico de que o homem nasce da divisão. Uma vez que foi cortado, está sempre buscando a sua metade. Ele sente a outra metade como amputada. Pelo mito platônico, construído séculos antes de Jesus, já se imaginava que somos seres amputados, cortados e, por isso, vivemos buscando. E nós, da fê cristã, compreendemos muito melhor a razão de sermos seres tão faltosos. É difícil lidar com aquilo que não realizamos. E quando realizamos, já queremos outra coisa. Somos insaciáveis!

Agostinho, um dos homens mais apaixonados dessa humanidade, viveu a vida em suas diversas dimensões, desde a vida mais devassa na sua juventude, até a mais alta mística. Ele tem um pedido em suas Confissões: “Inquieto está o meu coração, Senhor, até que descanse em ti!” Quer dizer que o nosso coração será sempre inquieto, de forma que buscaremos sempre repouso. Quando encontramos, já queremos outro, e mais outro. De vez em quando é bom parar e perguntar: como é que lidamos com essa falta? Como é que ficará agora o povo brasileiro, que sonhava em verde-amarelo, alardeando a vitória antes do tempo e, de repente, esbarrou exatamente com a derrota? Temos que começar a trabalhar essa realidade.

E se a gente começasse a pensar no outro lado? E a alegria do outro? Será que teremos coragem de pensar na alegria do povo francês? Que alegria para um país que nunca chegou à final de uma Copa e agora ganhou! Se conseguíssemos nos alegrar com a alegria do outro, acabariam as tristezas, as caras feias, as ressacas. Conseguiríamos dizer que hoje a vitória foi para eles. Como vários países que, quando perderam, foram comemorar com os brasileiros: escoceses, dinamarqueses, holandeses, que dançaram com os brasileiros. Souberam alegrar-se com a alegria do outro. E será que sabemos nos alegrar com a alegria dos outros? Se pensássemos assim, como a nossa vida se modificaria! Veríamos que não há razão para estarmos na *fossa*, na depressão. Pensem um pouco nisso, não

só em termos de Copa, mas em todos os níveis.

Se começarmos a olhar a vida como uma falta, seremos carentes, tristes, deprimidos, continuamente fracassados. E se olharmos a realidade pelo lado do regozijo, da alegria por aquilo que está caminhando bem? Não precisa ser eu, pode ser o outro. No dia em que um colega triunfa numa profissão, nos alegraremos com ele. Assim como as mães sabem fazê-lo, só que, muitas vezes, apenas a respeito de seus filhos. Talvez não o façam em relação ao filho do vizinho. Se conseguíssemos alargar o coração a cada vitória de qualquer pessoa que seja, teríamos alegrias infinitas. Em algum lugar do mundo há alguma coisa de belo, de grandioso que está sendo feito. Quando olharmos essa coisa bonita, o nosso coração se alegrará, se animará e teremos milhares de ocasiões para estarmos sempre felizes e nunca deprimidos.

Certa vez um psicólogo tomou uma folha branca e colocou um pontinho preto no meio e perguntou para o auditório o que eles estavam vendo. Todos responderam: “um pontinho preto”. Ele retrucou: “E não estão vendo a folha branca?” A folha branca está aí e nos fixamos no pontinho preto. Vamos olhar para as alegrias de tantas pessoas que hoje comemoram a sua vitória. E também a alegria dos nossos jogadores, que lutaram, se esforçaram, que sofreram, até sem condições de jogar, como Ronaldinho, que jogou machucado. Isso é motivo para nos alegrar e não para ficarmos deprimidos (*).

Volto a insistir que devemos ampliar os nossos horizontes. Isso é o amor, em última análise. O amor mais baixo, no seu primeiro nível, é o amor falta. Mas o amor, em seu nível mais elevado, é o amor que se alegra com qualquer bem, onde existir esse bem. Amém. (12.07.98)

(*) homilia proferida no dia da vitória da França contra o Brasil na Copa do Mundo.

A FELICIDADE NAS COISAS SIMPLES

(Ecl 1, 2.2,21-23/Lc 12, 13-21)

A primeira leitura, do livro do Eclesiastes, começa com esta frase famosa: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”, que deu azo a que um dos maiores oradores do mundo – Crisóstomo – fizesse também uma das peças oratórias mais lindas da cultura mundial. Ele era bispo numa cidade antiga, do quinto século, e lá havia um homem poderoso, que mandava em todos, – *um FHC* (*) daquela época. Tinha todo o poder, tinha tudo garantido. De repente, esse homem cai na maior desgraça, quase *collorida* (**). Foi banido, mandado embora, seqüestraram seus bens. Humilhado, entrou na igreja, ficou escondido entre os bancos. Aí então, Crisóstomo, o grande orador, diz, olhando para ele: “Vaidade das vaidades, onde está tua glória, onde está teu poder?”, e continua todo o seu sermão. Essa é a leitura do Antigo Testamento.

Para entendermos isso, temos que situar quando o livro do Eclesiastes foi escrito. Comece imaginando uma cidade pequena, onde moravam pessoas velhas, já vividas, sem muitas ilusões. Elas sentavam-se nas portas e diziam alguns aforismos, algumas frases sérias. A turma tomava nota e, como eram homens cheios de Deus, suas palavras tão inspiradas só poderiam ser palavras de Deus. Nesse dia, estavam um pouco mais pessimistas, um pouco mais desiludidos da vida, e, olhando para os jovens, diziam: “vaidade das vaidades! Você, bonito, correndo por aí, daqui a pouco estará fazendo plástica para tentar melhorar a aparência. Você, que era uma beleza, uma beldade *xuxosa*, agora está aí desse jeito!” Eles perceberam a força dessa frase, que é muito difícil para a geração jovem entender, porque não foi dita por um jovem, mas por um velho.

A única vantagem de ser velho é ter a história atrás de si. E tem a grande desvantagem de, ao falar, ouvir os jovens logo dizerem: “Coitadinho, já está velho e só pode mesmo falar assim!” É difícil entender que realmente esta vida é vaidade. Que todas as coisas pelas quais lutamos com tanto esforço, as cidades que construímos, as casas bonitas, as nossas cadernetas de poupança, os nossos carros, cada vez mais sofisticados, podem desaparecer numa fração de segundos. Que o diga a princesa Diane! (***)

Que um velho diga isso, eu entendo. Mas, o mais surpreendente vem no Evangelho, porque Jesus era moço, deveria ter uns trinta e poucos anos, e contou essa história. Ele, jovem, percebeu que a vida perde o sentido quando simplesmente queremos agarrar as coisas: ter, ter, ter... O nosso ser, a nossa existência, as nossas relações diminuem.

Outro dia eu li um livro da autoria de um velho, Norberto Bobbio, considerado um dos maiores politólogos, isso é, especialista em ciências políticas. É italiano, de esquerda, foi assunto de vários congressos em muitos países. E ele diz: “quando olho para a minha vida e vejo tanto sucesso, do que tenho mais

saudade, do que mais gostei foram os momentos que passei com as pessoas, na amizade, no prazer, na alegria. Todo o resto não tem nenhuma importância diante dos momentos de encontro com as pessoas!” Nós vamos levar da vida o fruto do afeto comunicado e recebido.

Na última quinta-feira, estive num congresso, em que estavam mais de mil e oitocentos educadores. Lá expuseram uma pesquisa sobre jovens. Perguntados sobre o que mais temiam, não responderam que era o desemprego, mas solidão, isolamento, ficar sozinho, não dar e nem receber afeto.

Quando Jesus diz isso, não quer dizer que é contra a riqueza, contra termos as coisas. Ele quer nos alertar para que não cheguemos à velhice vazios. A única solução para um velho vazio é passar o dia todo vendo televisão. Se não sai nada de dentro, tem que procurar o que vem de fora. A coisa mais triste é ver pessoas que, quando envelhecem, não têm nada para dizer. Pessoas caladas, mudas, bronzas, porque não construíram nada. Não criaram nenhum afeto, nenhum amor. É isso que importa. O resto passa. As glórias passam, as belezas passam, o dinheiro passa. De que adianta um Bill Gates (****), com milhões de dólares? Se comer esses dólares, adocece. Se quiser gastar o dinheiro, não pode, não tem onde gastar. Tem de viver cercado de seguranças para evitar um seqüestro. Não pode sair, porque tem medo. É prisioneiro, escravo de seu dinheiro. Coisa terrível!

E tantas pessoas sonham em serem ricas. Até a *gloriazinha ronaldística* é prejudicial. Pobrezinho, amarelou de *stress*, por ser famoso (*****). Não pode nem espirrar, porque já vira notícia. Não pode gozar da vontade de viver, da alegria de existir, de conversar com um colega, passear tranqüila e livremente numa praça, sem ser incomodado. Coisa triste é pensar que a glória e o dinheiro trazem felicidade.

Um grande capitalista estava num parque bonito, em Curitiba, vendo crianças brincando de pedalinho. Havia uma fila imensa esperando sua vez, e ele se deleitava com a alegria das pessoas simples. A alegria que ele não conseguia encontrar nos grandes hotéis, nas grandes viagens que fazia por todo o mundo.

Nada nos dá prazer nesse mundo, a não ser que venha de dentro de nós.
Amém. (01.08.98)

(*) Fernando Henrique Cardoso, então Presidente da República.

(**) referência a Fernando Collor de Melo, ex-presidente da República, que renunciou em 1992, após um processo de *impeachment*.

(***) princesa de Gales, vítima de um acidente automobilístico em 1997.

(****) milionário norte-americano, dono da empresa Microsoft.

(*****) referência ao episódio ocorrido com o jogador Ronaldo, no final da Copa do Mundo de 1998.

JESUS SE MOSTRA DIVINO NA EXTREMA HUMANIDADE (Mc 9, 2-10)

Cada trecho do Evangelho pode ser lido e entendido em vários níveis. Há esse primeiro nível que está aí narrado para vocês. Logo, não preciso repetir. Mas há um sentido mais profundo. Quanto mais aprofundarmos, mais maravilhas descobrimos para a nossa vida.

Naquela época, eles conheciam demais a humanidade de Jesus. Conviveram com Ele, viram-no dormir no chão. Viram que muitas vezes Ele se equivocou, como tantos de nós. Talvez o equívoco maior de sua vida tenha sido escolher Judas como amigo. Como em certos casamentos, esposos escolhem errado e o casamento fracassa. Tantas vezes pensamos que acertamos e erramos, e, em coisas graves, uma escolha errada é um desastre! Essa humanidade existia em Jesus, e os evangelistas tinham que mostrar o contrário. Tinham que colocar nele traços divinos, para mostrar que aquele Homem – homem, homem, homem, homem – tinha algo de transcendente.

Levam-no para cima, para o alto da montanha, para dizer que Ele estava perto de Deus. É a nossa maneira de pensar. E o evangelista segue a nossa imaginação. Também achamos que Deus é luz. A palavra Deus, para quem já pensou nisso, tem a mesma raiz de dia – *Dies/luz*. Jesus aparece, então, vestido de luz, para dizer que Ele ilumina. E aparece para os três: Pedro, Tiago e João. Os mesmos três que estarão lá no Horto, para verem Jesus no extremo da humanidade, com medo. Diz o Evangelho, suando sangue. Os mesmos que verão Jesus tremendo de medo, o vêem triunfante.

Nós hoje invertemos. Temos dificuldade de aceitar a humanidade de Jesus. Temos medo. E é exatamente o contrário, porque quanto mais humanos formos, mais próximos estaremos dele. Muitos acham que para seguir Jesus é preciso deixar de ser humano, virar anjinho e viver por aí fora. Não. Sejam humanos, sejam esposos, esposas, namorado e namorada, mãe e filho. Amem mesmo! Sejam humanos e estarão mais próximos de Jesus

Vou tomar a frase tão bonita, de Leonardo Boff: “tão humano assim, só pode ser Deus mesmo!” Nós somos pouco humanos, e esse é o nosso problema. *Trocamos as bolas*, invertemos as coisas. O maior problema cultural que vivemos no mundo de hoje é o que chamamos de nihilismo. *Nihil* vem do latim e significa nada, isto é, a percepção de um nada profundo.

As pessoas estão envolvidas por um grande nada, nesse mundo cheio de coisas. Produzimos muito: técnica e ciência. A tecnologia é absolutamente necessária para que a sociedade continue existindo. Mas a tecnologia produz bens, coisas, objetos, em quantidades imensas. Ficamos agarrados a esses seres e esquecemos o Ser. Esquecemos o sentido profundo das coisas, e ficamos

pipocando por aí afora, coisas em quantidade. Quanto mais consumismo, mais niilismo. Somos cada vez mais nada, porque temos cada vez mais coisas. Quanto mais uma pessoa possui, mais ela é nada, porque ela supre o seu **Ser** com os **seres**. Quanto mais precisamos de coisas, menos nós somos. De quanto mais títulos, de mais coisas externas, de mais jóias precisarmos para aparecer, menos apareceremos. Quanto mais eu preciso de um carro grande, menos eu sou. Uma grande fortuna não faz o Ser de ninguém. Ninguém é sua fortuna. Cada pessoa é! É relação, e isso é o que vale. Quanto mais essa sociedade produzir coisas, maior o risco de substituímos o nosso Ser, sobretudo o Ser de Deus, pelos seres.

Jesus vem dizer que devemos ser humanos para sermos felizes. Amem e serão felizes! Conheçam e serão felizes! Conversem entre si, como gente, e serão felizes! Pensem no que devem construir e serão felizes! Criem utopias e serão felizes! Criem alternativas e serão felizes! É dessa felicidade humana que Jesus vem falar. Uma felicidade construída em gestos pequenos no nosso dia-a-dia, com nossas limitações que fazem a nossa proximidade com Deus. Amém.
(05.08.00)

SER PAI É DESACOMODAR E ENCORAJAR

(Is 56, 1. 6-7/Mt 14, 22-33)

As duas leituras de hoje podem nos dar uma outra compreensão da função de pai. Vou tentar mostrar que relação existe entre a primeira leitura, que parece tão distante de nós, e a festa dos pais, que inventamos recentemente. No meu tempo de criança não existia isso. E também essa passagem do evangelho de Jesus com a mulher, tem uma relação com o dia dos pais.

A idéia central da primeira leitura está no finzinho. O profeta diz que o Templo de Israel, portanto, de um povo, será a casa de oração para todos os povos. É a idéia de um povo que se abre a todos os povos. Um grande salto para Israel, que sempre foi um povo fechado nele mesmo. Acreditavam que eram os escolhidos de Deus, que eles adoravam o verdadeiro Deus, e todos os outros povos estavam errados. Israel era convencido de si mesmo e não dava importância para os outros povos. Bastava-se a si mesmo. O profeta diz não. O Templo deveria estar aberto para todos os povos. Portanto, para os gregos, para os romanos e para todos os povos que não cultuavam Javé. Essa é uma primeira idéia, e depois veremos o que tem a ver com os pais.

O diálogo de Jesus com essa mulher, no Evangelho, é mais sutil do que se pode imaginar. Em primeiro lugar, Jesus era judeu, no caso, galileu. Ela, cananéia, portanto, estrangeira. Os cananeus foram um povo dominado pelos judeus. É como se a mulher fosse filha de escravos. Era inferior a Jesus, pois fazia parte de um povo que os judeus praticamente massacraram. Ela sobrou daquele povo cananeu. A Palestina era dominada pelas tribos que vieram do Egito e que expulsaram os cananeus. E essa mulher ainda tem coragem de chamar Jesus de Filho de Davi, o que lhe faz recordar toda a tragédia que os judeus significavam. Ela transgrediu, por assim dizer, os seus próprios sentimentos. É como se nós ajoelhássemos diante dos americanos, pedindo-lhes salvação. Não é fácil para um brasileiro, sentindo-se dominado economicamente por um país, de repente, pedir a salvação a esse mesmo país. E ela pede a Jesus. Transgredir o seu coração fechado, e Jesus também vai transgredir o seu coração. Ele também estava fechado para ela. Chega a dizer-lhe que não viera para ela, mas para os judeus. Era estrangeira, que ficasse por lá. Os apóstolos queriam também mandá-la embora e terminar com tanta lamúria. E a mulher vence, quebra as duas barreiras. Olha para Jesus e diz que também ela, mesmo sendo cachorrinho, de um povo dominado, merecia as migalhas da mesa do Senhor. Mexe com o coração de Jesus, faz-lhe abrir e ver além do que tinha pensado. Essa fé só poderia ser de Deus Pai, que estava dizendo para Jesus abrir o seu coração também para os estrangeiros. Ele diz: “Vá. Sua vontade está feita, sua filha está curada!”

E o que isso tem a ver com os pais? Eu insisto muito que o pai é ponto de referência importante e fundamental para uma criança. De tal maneira que

todas elas precisam de um pai. Se ele morreu ou abandonou o filho, será preciso aparecer outro pai. Às vezes, a mãe cumpre essa dupla função, e bem. Por isso pai é o ponto de referência. Mas hoje eu gostaria de tomar outro ângulo.

Pai também é aquele que faz o filho saltar para fora, ir além de seu limite. Quando um filho está preso, fechado, acomodado, é hora de o pai dizer: “Filho, vá por um caminho mais longo, saia de você mesmo, busque alguma coisa maior. Não fique preso a você mesmo!” Pai também é aquele que aponta para o filho horizontes maiores. Não é só uma referência de norma, de obrigação, de limite. Pelo contrário, também é aquele que ajuda os filhos a superarem seus próprios limites. A criança pequena sente-se onipotente. Então ela não precisa desse lado do pai, precisa mais da referência.

O adolescente, por mais que se finja de mandão, de poderoso, por natureza é medroso. Ele deixa de ser criança e perde a onipotência, porque começa, pela primeira vez, a perceber os seus limites. A criança não percebe limite. Ela quer alguma coisa, chora, e é logo atendida. Bate o pé até conseguir o que quer. Ela só vai perder essa idéia de onipotência quando deixar a infância. Começará a perceber que não pode tudo. Pode ir mal na escola, não conseguir entrar no time de futebol, não conseguir cantar porque desafina. Começa a perceber o limite do pai, da mãe e o seu próprio limite. O pai desaba daquele trono divino que ocupava e não pode mais ser ponto de referência.

É hora de o pai mostrar que também é humano como o filho, mas que já atravessou fronteiras que ele ainda não atravessou. Já andou por caminhos que ele ainda não conhece, já navegou por outros mares, e assim pode lhe dizer por quais mares deve navegar, a que praias deve ir, a que lugares é capaz de chegar. Assim ele pode arrancar o filho do ninho.

Hoje os jovens querem ficar cada vez mais tempo no ninho. Eles têm a síndrome do ninho. Preferem ficar *protegidos* – comida na mesa, roupa lavada. Às vezes, com trinta anos, ainda são os filhotinhos queridos. Um *homão* barbado ainda precisando do colo materno. Falta-lhes um pai que diga: “Filho, salte para fora! Vá longe, cresça, desenvolva!” Essa é a função do pai e, muitas vezes, ele tem medo de fazer isso. Quer também segurar o filho.

Ele deve ser estímulo e dizer como Jesus disse a essa mulher: “Vá. Você é imensa, é maravilhosa! Você tem uma fé que me venceu. Pode ir. Tudo agora está pronto!” Que os pais saibam dizer aos filhos: “Vão, eu estarei sempre ao seu lado. Não tenham medo, porque a vida deve ser enfrentada!” Amém. (13.08.05)

NA ASSUNÇÃO, A TOTALIDADE DE MARIA

(Lc 1, 39-56)

A festa da assunção revela Deus, revela Maria e revela quem somos nós. Não é só Maria que está em jogo na assunção, mas, primeiramente, é o próprio Deus. Nós podemos fazer muitas idéias de Deus, infinitas idéias, porque nossa cabeça pode pensar, imaginar, sonhar. Mas só sabemos quem é Deus, quando Ele mesmo nos diz quem é. Deus fala de muitas maneiras, sobretudo através daquilo que não sabemos. Quando a Teologia, a fé cristã, meditando, olhando para toda a história da salvação, chega a expressar este fato – Maria subiu aos céus – o que podemos pensar de Deus? Que Deus é este, que acolhe uma mulher no céu, de corpo e alma, na sua totalidade? Muito diferente do que podíamos imaginar.

Não foi a Lady Dy que Ele recebeu no céu, ressuscitada. Talvez ela esteja lá, nós não sabemos. Foi uma menina simples e pobre. Foi uma menina lá, do interior da Palestina, lá de Nazaré. A cidade é tão pequena, que, quando disseram que Jesus vinha de lá, logo perguntaram se podia vir de lá alguém que valesse a pena. Um *suburbiozinho*. Quando Deus acolhe essa menina, Ele mostra quem Ele é.

Deus não tem acepção de pessoas. Não vai olhar para um palácio de Londres, não vai olhar para Paris, não vai olhar para os grandes reis e rainhas do mundo para acolhê-los lá no céu, abrindo as portas. Olhou para a pequenez de uma menina. Este é o Deus! O Deus que acolhe os pequenos, que colhe cada beleza. O Deus que não deixa perder nenhum valor. O Deus que recolhe da História, como um grande semeador, toda a ponta verde que nasce. E quando nasce, lá em Nazaré, aquela beleza virginal de Maria, o seu coração exulta. Se a criança exultou no seio de Isabel, muito mais o coração de Deus exulta hoje, vendo a mãe de Seu Filho sendo glorificada. Esse é o nosso Deus.

O nosso Deus não é dos poderosos, não é dos Bill Gates (*) da vida, não é das internets, da Microsoft, da General Eletric, dos grandes bancos, do FMI (**), nada disso. Esse não é o nosso Deus. Quando sabemos que Deus é o nosso, temos que mudar a nossa vida. Não podemos viver pensando nesses deuses que não são deuses, nesses ídolos, nesses falsos deuses. Deus é este, que recebe Maria como santa. E o que revela a santidade de Maria? Revela que a trajetória de uma mulher fiel não termina no nada, não acaba no vazio, não acaba num acidente, não acaba num afogamento, nas praias, nos mares, numa queda de um helicóptero (***). Acaba sim, na glorificação do corpo e da totalidade de seu ser.

Maria não foi aos pedaços para o céu. Ela foi inteira. Ela não foi espatifada para o céu, mas na sua totalidade, porque ela era total aqui na terra. Era total no seu amor, na sua dedicação, no seu serviço. Foi total para o céu. A expressão corpo e alma quer dizer que é Maria inteira, na totalidade da história,

nos seus atos, em tudo que ela fez. Nada do que ela fez escapou da bondade de Deus, porque nada nela foi dividido. Nós, não. Muita coisa que fizemos não vai para a eternidade. Deus tem que pegar um facão e cortar muita coisa. Maria, não. Não precisou cortar nada, porque ela é toda. Isso significa Maria! Ela é total em cada gesto, pequeno que seja. Até neste gesto narrado hoje no Evangelho, de sair e visitar uma prima. Nós também visitamos primos e primas, parentes e amigos. E qual a diferença? É que a visita dela significa totalidade. É a totalidade de sua dedicação. Não tem essa divisão nossa. Nós somos divididos, queremos e não queremos, vamos e não vamos, rimos de um lado e choramos do outro. Maria ri toda, chora toda.

E o que é a sua assunção para nós? Alguém me falava que foi a um velório de um budista e encontrou a família em festa. Nós devíamos ficar em festa com a morte, como os budistas. Os budistas ficam felizes porque acreditam que vão voltar aqui na terra. Não é essa a volta que queremos. Nós nunca voltaremos a esta história, nunca! A nossa vida encerra-se aqui. É única! Exige responsabilidade, porque o que construímos, construímos; não construímos, não construímos. Isto é importante: o que fizermos ficará, o que não fizermos, não ficará. O que fizermos de mal, de negativo não ficará. Só ficará o que construímos na justiça, no amor, na beleza, na verdade. Isto é assunção.

Ela quer dizer que vamos carregar conosco somente o nosso ser, nas relações que nós criamos. Não são as obras que vamos levar para o céu, não são coisas que vamos levar. Somos nós que vamos. É o ser. Isto pouca gente entende. Nós não carregamos obra nenhuma. Nós somos o que amamos, o que fazemos, o que construímos. É esse ser que atravessa a morte. A assunção é a nossa radicalidade, as nossas relações mais profundas, o que construímos. É isso que atravessa os umbrais da morte. Nada que carregamos atravessa. Só o que nós formos. O ter não atravessa a morte. Fica aqui na terra. Só pode atravessar a morte o ser – sempre insisto nessa tese filosófica. Não é filosófica apenas, é existencial. Dá para qualquer pessoa entender. Todo o ter se desfaz, e o ser sozinho atravessa glorioso.

Nós seremos eternamente o que formos aqui na terra. E nós seremos na medida em que formos lentamente trabalhando em nós mesmos, melhorando a nossa maneira de conviver, de pensar, de agir, de alegrar, de ver o mundo. É assim que viveremos eternamente. Os nossos olhos verão a eternidade do que os nossos olhos quiseram ver aqui na terra. Os olhos de Jesus são como lâmpadas que iluminam. E iluminam o que existe. Vocês já repararam que a luz não cria nada? Ela só ilumina o que está aqui. Ela não faz nós sermos. Ela ilumina o que somos. Se não somos nada, não pode iluminar nada, porque o nada não pode ser iluminado. Só o ser pode ser iluminado.

Assunção quer dizer que todos nós, não só Maria, subiremos ao céu em corpo e alma, iluminados pela nossa história e pela nossa existência. Amém. (18.08.01)

(*) milionário americano, dono da empresa Microsoft.

(**) Fundo Monetário Internacional.

(***) referência à morte de uma modelo ocorrida por aquela época.

A PORTA ESTREITA (Lc 13, 22-30)

Esse Evangelho serviu, outrora, para sermões tonitruantes, ameaçadores. Aqueles padres mais antigos usavam esse texto para dizer que a maioria iria para o inferno e, poucos, para o céu. As pessoas saíam tremendo da igreja, chorando, batendo no peito e procurando o confessionário. Hoje os padres não fazem mais isso, e, mesmo se fizessem, todos sairiam rindo, e não surtiria efeito nenhum. Vamos tentar entender. Será mesmo que Jesus disse que a porta é estreita, que poucos entrarão e tantos tentarão entrar e não conseguirão? Será que Jesus teria dito isso? Será que teria dito que poucos se salvarão e que a maioria iria atapetar o inferno, com os *satanases*, diabos e diabinhos todos felizes? Será que Ele resolveu encarnar-se e vir à Terra para perder tempo, para só salvar uns poucos *gatos pingados*? Certamente não foi isso que Jesus quis dizer. Contradiz toda a sua pregação, contradiz o próprio sentido da vida, todo o projeto salvífico de Deus. Ele quer a salvação de todos, sem exceção. Absolutamente de todos. Ele quer inundar de luz todos os corações, para a felicidade, para a alegria.

A estrada da salvação é amplíssima, é *larguíssima*, é infinita. O que é estreito, então? Não é difícil se salvar, mas ser gente. Esse é o caminho estreito. Muitas vezes não queremos ser gente, não queremos ser seres humanos, não queremos ser racionais, não queremos ser humanos em relação aos outros. Esquecemos a nossa realidade humana. Esse é o nosso problema mais grave. Não é com Deus ou com a nossa salvação, mas com nós mesmos, com a nossa humanidade. Senão, vejam. Olhem um pouco em volta. Será que as pessoas querem ser humanas? Será que, neste mês que antecede as eleições, existe alguém preocupado em conhecer os candidatos para colocar pessoas ótimas, honestas, éticas na política, ou *não estão nem aí*? Qualquer um serve? Será que levamos a sério a nossa dignidade humana, nossa liberdade, nossa consciência? Será que nos vendemos *baratamente*? Será que temos consciência de que, ao fazer-nos livres e racionais, Deus nos deu a tarefa de construir uma humanidade, construir uma história e não sermos construídos, como nas grandes tragédias gregas, onde as pessoas viviam dominadas pelo destino? Será que somos pessoas que constroem a própria vida?

Em geral, preferimos o caminho largo da preguiça, da acomodação, de não levar nada para frente, de não levar nada a sério: a relação com o marido, com os filhos, a comunicação, a escola, o trabalho. Assumir tudo isso como tarefa humana é o que nos realiza. A coisa que mais fracassa o homem é quando ele se avilta diante de si mesmo. Quando somos um bagaço para nós mesmos é terrível! Ainda outro dia, li uma coisa sobre a qual nunca tinha pensado. Um artigo num jornal dizia que o capitalismo é tão inteligente, que faz comércio com a infelicidade. Quanto mais infelizes vocês estiverem, melhor. Aí terão que tomar remédios. Tomarão analgésicos para dor de cabeça, enxaqueca. Tomarão *Prozac* (*), que vende milhões. Remédios e remédios para ver se melhoram. E se

a coisa estiver mais séria, uma *drogazinha discreta* ou uns copinhos a mais, para ver se ficam alegres. É a indústria da infelicidade!

Se fôssemos felizes, alegres, contentes, humanos, as farmácias abririam falência. A maioria das farmácias sobrevive das nossas doenças psíquicas, não biológicas. Se fôssemos sadios psiquicamente, o nosso corpo seria muito mais sadio. Todo mundo sabe disso, é o ABC da Psicologia. A maioria das doenças é psicossomática. Isto é, psico, da inteligência, da vontade, da alma, do coração. E somática, porque atinge o corpo. Por isso, tomamos remédios. Há farmácias por todo canto, porque falta felicidade. E falta felicidade porque não somos humanos.

A felicidade não é um estado, é uma construção. A felicidade não é um parar-se tranqüilamente, mas continuamente estar trabalhando o nosso ser, para sermos mais humanos em relação às outras pessoas. No fundo, é esse o caminho estreito. É o caminho da racionalidade, da liberdade, da felicidade. O caminho da infelicidade é muito mais largo. Quando vejo as propagandas que surgem nos Estados Unidos, quando vejo os comentários nos jornais de um país que é o nosso modelo – uma espécie de demonstração para o Brasil –, vejo que só conhecem a felicidade química, porque não conseguem a felicidade de olhar para uma criança e se sentirem felizes. Esses prazeres verdadeiros, autênticos, que nada no mundo dá. Um pai que chega em casa, olha para o seu filho, carne de sua carne, e se alegra. Essa felicidade, droga nenhuma dá. *Prozac* nenhum no mundo dá. É a felicidade de se colocar ao lado, de ajudar a crescer, de estar preocupado. Sabem que até certas preocupações não são tristezas, mas felicidade?! A preocupação que um pai tem com um filho é fonte de felicidade. É que nós pensamos que felicidade é estar *vacamente* parado, ruminando capim. Isso é felicidade animal!

A nossa felicidade é humana. É a preocupação com as pessoas. Olhar, pensar, sonhar, desejar, buscar, planejar o bem dos outros. Talvez não saibamos ainda que essa porta estreita, de que Jesus fala, é que nos traz felicidade, e não a porta larga da acomodação, de uma vida sem motivação, sem dinâmica, sem esperança, sem utopia. Amém. (22.08.98)

(*) referência ao antidepressivo Fluoxetina

VENCER A ACOMODAÇÃO BUSCANDO HORIZONTES MAIS AMPLOS (Mt 16, 21-27)

Esse Evangelho soa-nos talvez demasiado pesado. As palavras modificam o seu sentido. Quando se usava a palavra cruz, na época de Jesus, significava simplesmente as agruras, os problemas da vida diária. E nós, imediatamente, pensamos em Jesus crucificado. Vamos tentar compreender melhor esse Evangelho. Eu vejo três elementos fundamentais. O primeiro é a condição de vida. Depois, aquela voz de Pedro, que Jesus chama de Satanás. E, finalmente, o grande princípio cristão.

Começemos pelo pano de fundo. Jesus fala da sua condição de vida, como falamos da nossa. Ele diz que veio anunciar, que deveria enfrentar certas situações. Se alguém lesse esse Evangelho para o Lula (*), poderia dizer que era ele que estava nessa condição. Com culpa ou sem culpa – não quero entrar nessa questão – ele está sendo crucificado também. Os jornais descrevem em letras grandes: escândalos, mensalão, corrupção (**). Que novidade há então? Isso se passa com todos nós. Vamos trabalhar, chegamos cansados, somos exigidos a todo instante. Vamos de um lado para outro incessantemente e chegamos exaustos em casa. É ou não é a condição humana? No fim do mês, tantas contas para pagar, e o dinheiro é sempre curto. Muitas vezes não sabemos o que fazer. Será diferente a vida de vocês? Quando eu atendo as pessoas, é isso que eu ouço: esposas que sentem o desprezo dos maridos; um filho bêbado, drogado. Não é isso que é carregar a cruz de cada dia? É disso que Jesus está falando: da nossa condição humana. Ora mais felizes, outras vezes aborrecidos. Que o digam os estudantes, que passam o ano preparando-se para o vestibular e, quando vem a lista dos aprovados, não encontram os seus nomes. E lá vão eles, debruçando-se em lágrimas, por um ano perdido. Tantos procuram emprego e não encontram. Passam por três, cinco, dez empresas, entregando currículos, e nunca o currículo é aceito. É isso que todos vivemos. Não há motivo, então, para ficarmos chocados com o evangelho. Ele fala do que estamos vivendo em todas as partes do mundo.

Agora, vem o *Pedrozinho*, o Satanás: “Deixa disso. Para que viver nessa luta? Fuja! Embriague-se, aliene-se, não pense!” Esse é o Pedro mau que Jesus chama Satanás. Satanás é quem nos quer tirar a liberdade, nos tirar a responsabilidade de existir. Satanás, esse Pedro de hoje, é aquele que não quer que realizemos a nossa vida, com ou sem luta, na alegria e na tristeza, mas na condição humana. E há muitas maneiras de fugir da existência, muito mais do que podemos imaginar.

Hoje há uma, mais moderna de todas, da qual já falei inúmeras vezes e que muito me impressiona. Eu chamaria de felicidade química. Toda essa indústria farmacêutica que está sendo construída para nos alienar, para que não pensemos,

para que andemos tontamente pela cidade, quase que dopados. Até usamos a palavra dopado. Que dopem as pessoas nos hospitais, para que não sintam dores e morram sem sofrimentos, vá lá, mesmo que eu tenha minhas dúvidas. Mas dopar pessoas sadias, dopar um jovem de dezesseis, dezoito, vinte anos, é um tremendo absurdo. Dopamos, quando não pensamos. Vamos vivendo, dia após dia, sem saber o significado de nada. Não se distingue um dia do outro. Fica tudo cinzento, anódino, sem graça, sem novidade, sem causa, sem amor, sem paixão, sem vida. Sem vontade de agarrar a história na mão, de construir essa história, de mudar este país, acabamos pensando que não adianta nada. PT, PSDB, qualquer outra sigla, é tudo a mesma coisa: sem-vergonhice, todos ladrões.

Se eu vejo assim, é Pedro que está me dizendo, como disse a Jesus: deixa disso, Jesus. Para que ir a Jerusalém? Vamos continuar passeando de barco, nesse mar tão lindo, conversando com as pessoas, tomando um bom vinho em Caná, que até se pode multiplicar quando faltar. Jesus poderia ter escolhido essa vida. Visitando Marta e Maria, passando o dia todo conversando, chegaria a oitenta anos, até um *infartezinho*. Mas responde para Pedro que ele não entendia nada de Deus. E o mesmo eu digo para muitos jovens: vocês não entendem nada de Deus, quando pensam em largar-se pela vida. Não é só o dopar físico. A paixão também é droga. O amor, não. O amor é força, é beleza! Apaixonar-se é como se drogar, é esquecer a realidade, é fugir. Viver de paixão em paixão é não viver nada. É viver como esse mesmo Pedro, sem brasa nenhuma. Só vivem fogueiras, paixões. O amor é brasa. O amor é forte, firme, constante, sustenta e carrega as pessoas. É isso que Jesus chama de perder e guardar a vida.

Se quisermos guardar a vida, precisamos amar as pessoas, saindo de nós mesmos. A paixão é só aquele fogaréu enorme, fantasmagórico, que só encanta os nossos olhos. O amor não encanta só os olhos. O amor acontece na liberdade, na bondade. A paixão encanta, mas o amor é muito mais que encanto, porque amadurece, aprofunda.

Jesus nos diz hoje que a vida é toda essa condição. Pedro nos sopra acomodação, e eu lhes digo: abracem causas maiores, caminhem por caminhos mais largos, busquem horizontes mais amplos, naveguem para águas mais profundas! Amém. (27.08.05)

(*) referência ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

(**) referência à crise política que acontecia no país, originada pela CPI dos Correios.

REFLETINDO A VIDA

Hoje é o dia do catequista e isso, para a nossa comunidade, é muito importante. Talvez neste mundo moderno, tão sofisticado, tão banal, tantas vezes superficial, não percebemos e não descobrimos as coisas mais bonitas. Talvez a coisa mais característica deste mundo, que chamamos virtual ou mundo da aparência ou do simulacro da própria vida, é que valorizamos muito mais as coisas superficiais, que aparecem aos olhos. Escapa-nos o que é mais importante. Já dizia aquele escritor francês, Exupéry, que “o essencial é invisível aos olhos”. Se olharmos o catequista, comparando-o com um grande trabalhador de uma firma, com esses gerentes engravatados, vamos vê-lo apenas rodeado de criancinhas para ensinar. Mas se tivéssemos o olhar de Deus... Quando Deus olha para a Bolsa de Valores, com aqueles homens neuróticos, gritando, tem pena de tanta loucura, tanta gente arruinando-se e arruinando outros. Ali são bilhões que estão em jogo. E quando Deus olha para esses catequistas, seu olhar se enche de alegria infinita, ao ver que há pessoas que vão falar dele para as crianças. Eles falam de Deus e esses, da Bolsa, falam do deus dinheiro. O *money*, o dólar é o deus deles. Os catequistas falam do único e verdadeiro Deus. Fica essa palavra de alegria e de estímulo.

Sem bajulação, sem falsa modéstia, eu diria que o catequista é muito mais importante do que nós, sacerdotes. Eles carregam a Igreja. Nós estamos aqui, para colorir um pouquinho. Todas as vezes em que vejo um catequista, me sinto pequeno. Ele passa a fé, o dom maior para as crianças, para os adolescentes, para os jovens. A vocês, a minha alegria e o meu reconhecimento.

Celebramos a Semana Social, e o tema é seriíssimo: o resgate das dívidas sociais. Falamos muito da dívida externa, do que devemos lá fora para os grandes banqueiros. Falamos muito da dívida interna, do que o governo e o povo devem para os banqueiros internos. Sempre os banqueiros que recebem do nosso povo simples. Somos sempre os devedores. A dívida social não conta. Há uma inversão radical. Os grandes credores são os pobres, os grandes devedores são os ricos. A camada que tem é que deve, e deve muito. Deve escola, saúde, habitação, estradas, esgoto, água encanada. Deve tudo isso a esses meninos de rua, às prostitutas, a essas pessoas jogadas. Nós devemos muito a eles. A dívida social deve mudar a nossa cabeça para uma inversão: colocar os devedores a serviço dos credores. Só que agora os credores são aqueles que nunca foram credores de nada. Que não podem nem entrar num banco, porque o vigia expulsa. Não entram num aeroporto, porque não deixam. Talvez, numa rodoviária. São sempre relegados, desprezados. São os grandes credores e, sobretudo, os maiores credores de Deus.

Agora uma palavra sobre essas duas jovens, que fazem quinze anos (*). Adolescência é ponte. Não é nem a margem da infância, nem a margem adulta. E, como toda a idade, tem beleza e tem riscos. Toda idade humana é assim.

É bela, mas também é ameaça. Só dizer beleza e poesia barata não merece a nossa reflexão. Quando se comemoram quinze anos, é importante que tomem consciência de que, se a adolescência é ponte, vocês deixaram a margem tranqüila da infância. Os sonhos infantis já passaram, mas ainda não chegaram à margem estável da idade adulta, e isso muitos adolescentes não perceberam ainda. Querem ser adultos antes do tempo, e isso é um risco enorme. Querem ser adultos, andando por aí e fazendo o que querem. Querem ser adultos fora de qualquer perspectiva, e isso é um risco, é queimar etapas. Todas as vezes que queimamos uma etapa, nos estragamos profundamente. Vocês têm que viver é a adolescência. Esse momento de incerteza, de insegurança, de busca, de alegria, de ternura, de *fossa*, de depressão, de namoricos. É isso que é adolescência. Mas, se vocês pensam que já são adultas, donas de seu nariz, que podem chegar a qualquer hora em casa, aí se estragam. Toda fruta amadurecida antes do tempo não salva. Essas goiabas japonesas, que compramos em supermercados, são belíssimas, mas não têm sabor, pura matéria plástica. Comemos quantidades de matéria plástica. Tudo bonito, mas vazio. Não foi curtida pelo sol, como uma goiaba do quintal, que amadureceu lentamente; como a manga que colhemos na mangueira. Essas foram colhidas em laboratórios, encaixotadas, talvez cobertas de química. Jogar química em vocês é estragar essa beleza toda. Vocês precisam caminhar lentamente, ano após ano. Não precisam correr. Não queiram ser adultas, não queiram experimentar. Vocês vão ficar *cheias* de ser adultas. Vão passar oitenta anos como adultas. Esperem, aproveitem essa idade, que é muito mais da ternura que do sexo, muito mais do carinho que das aventuras dos *cracks* e das drogas. É uma curiosidade gigantesca, que estraga esses meninos, os arrebatam. Engravidam meninas adolescentes, que se tornam mães precoces. Saem carregando bebês com quatorze, quinze anos. Que tristeza para os pais, para elas, para todo o mundo! Porque quiseram, estando na ponte, chegar à outra margem. Saibam que ponte é ponte. Olhem para a infância e agradeçam. Olhem para a idade adulta com a certeza de que chegarão lá. Por enquanto são pontes, estão caminhando, e debaixo de vocês correm tantas águas. Mas, se caírem da ponte, poderão se machucar. Não só a si mesmas, mas a tantos que caminham ao seu lado. Amém. (31.08.98)

(*) referência à Lorena e Larissa Mansur, que comemoravam seus 15 anos de vida.

DEUS NOS CRIOU PARA SERMOS ETERNOS

(Mt 18, 21-35)

O nosso grande problema é que pensamos que parábola é descrição, que Deus seria assim, como a parábola diz. Pois não é. Se Ele fosse assim, seria exatamente como nós. Fazemos como fez o patrão. Então o patrão não é símbolo de Deus. Alguma coisa está errada nessa parábola, se a entendermos ao pé da letra.

Primeiramente, a pergunta de Pedro foi mal colocada: “quantas vezes devo perdoar?” É como se eu perguntasse quantas vezes o esposo deve amar a esposa. Serão sete, e depois das sete vezes acaba o amor? Eu não posso numerar, quantificar o amor. Pois bem, perdão e amor são do mesmo gênero de realidade. Eu não posso nem numerar nem quantificar o perdão. Pedro não sabia o que estava perguntando. Não se pode perguntar quantas vezes devemos perdoar, porque se eu perdôo, não pode ter número. Se houver número, já não é perdão. Se tenho o propósito de tolerar alguém por cinco dias, essa atitude já é intolerante. A tolerância no amor e no perdão não têm limite, por natureza, pela sua própria estrutura interna. Quando Jesus fala “setenta vezes sete” é uma metáfora, para dizer que não há limite, porque o perdão não tem limite.

Vamos avançar. Por que o perdão não tem limite? É que talvez nunca paramos para pensar que coisa é perdoar. Se alguém me ofende, eu posso ter, diante dessa pessoa, duas atitudes fundamentais. Não me refiro a sentimentos superficiais, afetivos, psicológicos, neuróticos. Refiro-me a uma atitude fundamental. Eu posso querer que esse meu inimigo viva ou morra. Não há outra solução. Se alguém me ofende, e eu olho para essa pessoa e digo que quero que ela morra, eu não perdoei. Não perdoar é condenar à morte. Por isso os juízes não perdoam. Os julgamentos da Terra não perdoam – é bom saber disso! Não esperem perdão de juiz. Ele absolve, não perdoa. E quando absolve, simplesmente reconhece que não houve falta, não houve crime. Por isso Jesus diz: “se a vossa justiça não superar a dos fariseus, que eram todos juízes, vós não entrareis no Reino dos Céus!” Olhem como Jesus é inteligente!

O nosso perdão tem que significar a vontade de que a pessoa viva. Perdoar é desejar que o outro viva. Quando o filho ofender o pai e o pai voltar-se para o filho e disser: “meu filho, eu quero que você morra!”, esse pai não perdoou. O contrário é dizer: “eu quero que você viva!” Pode sentir mágoa, enjôo, repugnância. Isso não entra no perdão. É bom que saibam disso, porque muita gente acha que não perdoar é ficar ofendido. Isso é questão psicológica, de sensibilidade, de susceptibilidade. Não entra no mundo do perdão. Perdão é vida ou morte do outro.

Por isso, na parábola, a maneira de exprimir é prender, colocar no cárcere. A prisão é a morte social de alguém. É ser retirado do convívio humano,

é estar morto para a sociedade. A parábola quer significar que a pessoa que não perdoa condena à morte. Se não perdoarmos, Deus fará a mesma coisa? De forma alguma. Se alguém entender assim, ofende a Deus. Ele não deseja a morte de ninguém, porque aí seria pior que nós. Imaginar que Deus é pior que nós é inconcebível. Ele perdoa sempre, absolutamente sempre, porque só deseja que vivamos e sejamos eternos, porque para isso nos criou.

O fim da parábola parece significar que o Pai vai nos tratar como o patrão, que perdoou a uns e não a outros. Deus não trata ninguém diferentemente. Perdoa a todos sempre e nunca falta. Se não perdoasse, desejaria a morte de alguém que Ele criou para a vida. Seria uma contradição no interior de Deus, uma negação do próprio Deus. Como Ele poderia criar alguém para a vida e depois querer que ele morra? Refiro-me à vida eterna e definitiva. Ele não pode querer isso. Seria contraditório, pois ao mesmo tempo faria e não faria alguma coisa. Deus não vai negar o seu perdão, porque não perdoamos o outro. Ele continuará perdoadando.

Eu posso não querer o perdão. É diferente! Ele continuará perdoadando. E não nos castigará se não quisermos o seu perdão. Nós nos destruiremos. Isso é que deve ficar claro. Quando eu odeio alguém, a primeira pessoa que morre sou eu, não o outro, porque eu mato em mim a fonte do amor e me transformo em cadáver ambulante. A única coisa que nos constitui, que nos reestrutura por dentro, nos faz ser o que somos chama-se amor, capacidade de dar, entregar e ouvir os outros. Se não temos isso, não somos seres humanos. O ódio não faz mal ao outro. A primeira vítima do ódio sou eu. Não é o Pai que nos trata assim, somos nós que nos tratamos assim.

Betto (*) me disse uma vez, e eu já contei para vocês, que quando ele encontrou o torturador do qual fora vítima – criminoso consumado, experimentado – ele pensou: “ou eu odeio esse homem ou o amo. Se o odeio, me destruo. Então eu o perdoo”. Isso é cristão. É torturador, mas eu quero que ele viva. Não quero que seja eternamente condenado. Não quero que ele seja nada. Eu quero a vida para ele. Quero que ele seja gente.

Quando alguém tortura o outro, no fundo está-se destruindo. São perversos, no sentido psicológico. São pessoas que só construíram maldade. É como se um computador disparasse um raio sobre nós. São pessoas que se aniquilaram a tal ponto, destruíram sua humanidade de tal maneira que, quando andam por aí, tem-se a impressão de que são animais. Quando destruímos a capacidade de perdoar e de amar, nos transformamos nesse animal. Quem não perdoa, quem não ama, não existe. Amém. (10.09.05)

(*) referência ao religioso dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto.

A DIMENSÃO CRISTÃ DO PERDÃO

(Mt 18, 21-35)

Essa é uma parábola, portanto, uma história que Jesus conta. Não é um fato histórico. Uma segunda coisa é que a conclusão da parábola precisa ser muito bem entendida, para que não façamos uma idéia equivocada de Deus. Jesus usava a linguagem da época e falava com a mentalidade também daquela época, que projetava sobre Deus e para Deus muitas coisas que nós, criaturas, pensamos dele. Em geral, tratamos as coisas de uma forma recíproca: se eu fizer assim, você fará assim. Somos acostumados com esse jogo de dar e receber. Essa é a nossa mentalidade. Parece-nos que Jesus teria dito a mesma coisa: “se vocês não perdoarem, Deus não perdoará”. Não é isso, porque, se fosse assim, Deus seria igualzinho a nós e Ele não é. Portanto, se levarmos para casa essa lição, não teremos compreendido o Evangelho.

Deus perdoa sempre e, para isso, não precisa de nenhuma condição. Em qualquer situação que estivermos, a primeira coisa que Ele oferece é o perdão. Sem perguntar nada, sem supor nada, sem pedir nada em troca. Ele oferece diretamente o perdão, mesmo que sejamos maus e perversos. Mas, então, o que disse Jesus? Se eu vou lhe dar um presente, estico o braço para entregá-lo. Se você retira o braço, o presente cai no chão. Jesus oferece, mas, se não abrimos os braços para receber, não é a oferta de Deus que cessa, mas a nossa recepção. Somos nós que não recebemos. Deus continua oferecendo. Se não recebemos, é porque não queremos.

Jesus quer nos dizer quando é que não queremos o perdão. Não queremos o perdão, quando não perdoamos. Sabemos que não queremos o perdão, quando somos incapazes de perdoar o outro, quando fechamos o coração. Se eu tranco a janela e a porta, como é que o sol pode entrar? O sol continua brilhando lá fora durante todo o dia. Deus é esse sol que está mandando os seus raios continuamente sobre nós. Mas nenhuma luz entra na casa, se não abrimos janelas e portas. Abrir as janelas e as portas é oferecer-se aos outros.

Uma terceira coisa: o que é perdoar? Ontem eu falava que é muito importante buscar na etimologia, isto é, na origem da palavra. Quando a gente consegue descobrir a origem de cada palavra, ela fica muito mais clara. Uma coisa muito interessante, em português, é quando tomamos as palavras e começamos a ver de onde elas vieram. Perdoar vem da soma de duas palavrinhas: *per*+*donare*. *Donare* é doar, dar de presente. Logo, perdão tem uma idéia de dar de presente. E o que significa *per*? Vocês podem buscar palavras em português e encontrarão muitas com esse prefixo, que quer dizer uma ação feita até a sua plenitude. Vejam os exemplos: fazer/perfazer. Daí vem perfeito, fazer uma coisa plena. Percorrer um caminho é atravessar todo o caminho. Percurso é seguir uma corrida até o fim. *Per* significa levar uma ação até o extremo, até a sua perfeição. Quer dizer

que, quando eu dêo até o extremo, eu perdôo. Perdoar é dar o máximo que eu posso dar. Logo, é muito difícil. O maior ato de amor que existe é perdoar.

O que significa perdoar? Significa que vou dizer que aquilo que a pessoa fez de errado não é errado? Não. Continua sendo errado. Isso não é perdoar. Se um perverso comete um crime, eu tenho que reconhecer que é crime. Não posso banalizar. Um corrupto comete corrupção e deve ser punido. Isso não é contra o perdão. Devemos ter consciência histórica dos crimes. Devemos saber que o Nazismo foi das coisas mais perversas da história, que matar seis milhões de judeus é um crime inominável. Eu não posso perdoar, no sentido de achar que não é nada. Continua sendo crime. E a história deve nos ensinar, para que não repitamos os crimes. Perdoar não é desculpar. Não é deixar de ter sentimento, mágoa, porque isso não escolhemos ter. Não depende de nós, mas da psicologia, da sensibilidade. Eu posso estar magoado com uma pessoa e perdoar. A mágoa não desaparece com o perdão. Perdoar é olhar no olho da pessoa que me fez mal e dizer: eu não quero que você morra, mas que você viva! Isso é difícil, porque, muitas vezes, queremos a morte das pessoas, e isso é ódio. Querer a morte de alguém é ódio. O perdão é o contrário do ódio.

Eu vou contar um fato envolvendo um homem, que nem é cristão. Ortega, um revolucionário sandinista da Nicarágua, tinha sido preso durante o governo de Somoza, o grande ditador corrupto que arruinara o país. Ortega fora torturado violentamente quando jovem. Exilado, organiza a guerrilha e entra vitorioso na capital, vencendo a revolução. Ao entrar no palácio, encontra o torturador. Qualquer um o mataria imediatamente. Ele lhe diz: “se você quiser abraçar a causa sandinista, eu o perdôo”. Isso é perdoar. Não lhe negou a vida, não lhe tirou a vida, apesar de ter sido torturado por ele.

A mesma coisa fez Jesus. Na cruz, não fuzilou nenhum de seus algozes, não matou nenhum daqueles que estavam lá. Ele nunca feriu de morte nenhuma pessoa que o ofendeu. Morreu, “para que todos tenham vida e vida em plenitude” (*). Não vamos defender a pessoa que nos fez mal, que nos detestou, e pode ser que continue nos detestando. Não vamos defendê-la, aprovando o que ela fez. Isso seria falta de consciência crítica. Mas devemos dizer que não queremos a sua morte. Podemos sentir o que sentirmos, porque o sentimento não pertence ao perdão.

Uma última coisinha, também importante. Temos que aprender a distinguir a ação de uma pessoa e o seu interior, que significa a consciência e a liberdade. A ação que uma pessoa pratica pode ser julgada por qualquer um de nós. É público, é social, é um dado objetivo. Eu posso dizer que a ação é má. O que eu não posso é entrar no interior da pessoa e julgar por dentro o que eu não conheço. Não devo dizer que ela é inocente ou culpada. Devo calar-me, porque eu não sei. Os juízos humanos, os juízes de um tribunal têm direito de julgar pelos indícios. Mas nós, que não somos juízes de nenhum tribunal, não devemos julgar ninguém, porque só temos indícios. Não temos a clareza da consciência

de ninguém. Eu não posso dizer que Hitler foi consciente de seus crimes, porque não sei dizer nem sim, nem não. Mas posso e devo dizer que seus crimes são crimes. Se aprendermos a fazer essa distinção, vamos ter clareza na nossa vida. Os crimes são crimes, a corrupção é corrupção, o mal é mal. Devemos dizer e ensinar aos jovens, para que não o façam. Mas sobre a pessoa que o praticou, não devemos dizer nada. Nem defender, nem acusar. Simplesmente me calo e entrego o juízo a Deus, porque só Deus é juiz. Amém. (12/09/99)

(*) Jo 10, 10

O TEMPO NÃO FAZ O AMOR (Mt 20, 1-16)

Para o mundo econômico de hoje, esse Evangelho é um descalabro. Qualquer empresário ou qualquer Estado que fosse cumpri-lo estaria perdido. Portanto, temos que buscar outro significado mais profundo do que simplesmente pensar se Deus vai ou não recompensar igualmente as pessoas. Não é por aí que vai a inspiração de Jesus. Ele quer chamar a atenção para duas coisas – uma mais óbvia e a outra um pouco mais profunda.

A mais óbvia é a gratuidade. A gratuidade não mede as pessoas por horas. Às vezes um abraço vale mais que uma hora de tagarelice. Muitas vezes, um olhar vale mais que um dia inteiro de caras azedas, uma ao lado da outra. Portanto, não é o tempo que faz o amor, não é o tempo que faz a generosidade, mas a interioridade, a profundidade.

Quando Deus “retribui” àqueles que trabalharam uma hora, não é a hora de sessenta minutos que está sendo avaliada. É que Deus descobre em qualquer um de nós, a qualquer momento em que nos voltarmos para Ele, essa imensa gratuidade. Se um dia abandonássemos a Igreja e voltássemos tarde, seríamos acolhidos com o mesmo carinho como fomos acolhidos no batismo. Deus não vai tripudiar, não vai nos recordar o afastamento. Ele nunca fará isso! Abrirá os braços e dirá: “Filho, que bom que você chegou!” A qualquer hora que chegarmos e entrarmos nesta igreja, é nessa última hora que o Senhor vai nos dar todo o seu infinito amor. É bonito isso! Só Deus é assim. Só Deus é capaz dessa generosidade, dessa transparência, dessa bondade, dessa inocência, diante de cada um de nós.

Mas há outra idéia, que eu acho mais difícil de entender. Todas as vezes que o patrão saiu, encontrou pessoas ociosas. Ócio é uma palavra de origem latina – *otium*. Traduziram por desocupados e eu não gostei. E ócio, em latim, é uma coisa positiva. Nós é que estragamos o ócio, dizendo que o ocioso é vagabundo, que não quer trabalhar. O ócio, para o latino, é aquele momento livre, gratuito, em que é possível nos colocarmos à disposição dos outros.

O domingo para os cristãos, o sábado para os judeus, a sexta-feira para os muçulmanos, é o dia mais bonito, é o dia da ociosidade. É o dia do descanso, não um descanso vazio, mas povoado de amizades, de carinho, de conversa, de presença. Estamos estragando o conceito de ócio de duas maneiras: seja querendo ocupar todo o tempo, seja preenchendo-o com inutilidades.

Um filósofo francês, ainda vivo, disse uma frase que me preocupou e me chamou também a atenção. Ele disse: “a ocupação é uma das fontes de infelicidade”. Eu fiquei pensando que a ocupação é fonte de infelicidade, porque cobre e destrói todo o ócio. É como se passássemos todo o dia correndo daqui para lá, fazendo isso e aquilo, mas sem fazer a coisa mais importante, que é parar, olhar para uma criança, olhar para uma pessoa, sentir o seu problema, a sua dor. Uma pessoa agitada não tem paz, porque não tem tempo para isso. É incapaz de

captar as pessoas, de entendê-las. Essa ociosidade é maravilhosa e a ocupação atrapalha.

Reparem quando vocês têm, na empresa, um gerente todo azafamado, que corre para todos os lados, dá ordens desencontradas, passa por cima de todos. É como se vocês não existissem, não fossem pessoas, como se pudessem ser *atropelados* a qualquer momento. Vocês não são máquinas, não são coisas. São pessoas livres, conscientes. E o patrão passa por cima, porque o importante é produzir, ganhar muito dinheiro, lucrar, fazer com que a empresa cresça. Para quê? Para quê?, pergunto eu. Aos quarenta anos, um infarto do miocárdio. Fica essa pergunta. Mesmo que aos quarenta anos se morra de câncer, como aquela jovem psicóloga (*) que trabalhou com o coral da terceira idade, com os velhinhos do asilo. Quanta diferença! Aos quarenta anos carregou uma vida muito mais plena do que pessoas octogenárias, que estão vazias de vida. Portanto, não importa o tempo que se mede por anos, mas o que se mede pela interioridade do coração.

Há uma outra ociosidade horrorosa: daqueles que querem encher o tempo com vacuidades. Olhem que pleonasmos, que paradoxos! Como é que posso encher o vazio com o vazio? É o que faz o ser humano e é o único ser que faz isso. A gente aprendia, quando criança, aquela brincadeirinha: “o que é, o que é que, quanto mais tira, maior fica?” Todos respondiam: “buraco!” Agora eu digo: o que é, o que é que, quanto eu mais encho, mais vazio fica? E respondo: o coração humano. Como nessa longa tarde de domingo. Você corre para a cozinha, busca um torresmo e lembra que tem colesterol. Pega uma cerveja e lembra que engorda. Liga a televisão e nenhum programa serve. Aperta freneticamente o controle remoto, passando de canal em canal. Para quê? Para encher o tempo com nada. A esposa de lado, com a cara *azedada*, os filhos na rua e a família não se encontra, não se ama, não conversa, não contam histórias para as crianças.

As crianças que ouvem muitas histórias, quando pequenas, são mais normais do que as que nunca ouviram. Qualquer psicólogo sabe disso. O que mais alimenta a criança são sonhos e imagens. As nossas crianças não vêem mais imagens. Só vêem *bobajadas* de televisão. Onde andam aquelas famosas histórias de “era uma vez...”? Agora só vêem tiros, tragédias, erotismo. Imaginem o que vai ser essa criança amanhã. Quando saem à rua, é natural que tenham medo de serem assaltadas. Onde estão sendo fabricadas essas crianças? No carinho, nas histórias dos irmãos *Grimm*, nas fábulas gregas de dois mil e tantos anos de sabedoria? Não. Estão sendo fabricadas com produtos *made in Japan*, *made in USA*, deixando de lado produtos lindos, de mais de dois mil anos de sabedoria.

Vivemos nessa ociosidade cheia de vazio. Que o Senhor nos acorde para a verdadeira ociosidade, aquela que é do Reino. “Ide trabalhar na minha vinha” significa que os momentos que temos de ociosidade devem ser plenos de carinho, plenos de afeto, plenos de presença. Quanto mais humanos formos, mais divinos seremos. Quanto mais divinos formos, mais humanos seremos. Amém. (18.09.05)

(*) referência à Lya Viana, falecida por aquela ocasião.

O VALOR DE QUEM SE GASTA PELO REINO DE DEUS (Mt 21, 28-32)

Esse Evangelho parece aquelas histórias que contamos para as crianças. Eu perguntei a uma delas hoje, e ela me respondeu direitinho. Mas esse texto contraria pelo menos duas grandes tradições culturais: uma antiga e outra bem nova.

De Platão até Marx passaram-se cerca de dois mil e quinhentos anos. Durante todo esse tempo, o Ocidente privilegiou a palavra, a compreensão, o conhecimento, e não a ação. De tal maneira que na Grécia, por exemplo, os cidadãos não trabalhavam. Ficavam discutindo Filosofia, Política, na ágora, no lugar público, enquanto os escravos trabalhavam. Portanto, aquele que produzia, aquele que ia à vinha não tinha importância nenhuma. O que tinha importância era o saber, o conhecer. Essa foi uma tradição fortíssima.

Certa vez, eu conversava com jovens operários e pude testar essa maneira de pensar. Perguntei se eles achavam que os operários, que estavam fazendo escola técnica e não tinham chegado a nenhum curso superior, mereciam melhores salários que os engenheiros, que se formaram numa universidade. Todos responderam que não. Achavam que o trabalho do engenheiro merecia melhor remuneração. Continuei perguntando: por quê? Ao que eles responderam: “porque ele estudou”.

Jesus diz que as prostitutas e os cobradores de impostos, que eram marginalizados na época, iriam preceder os anciãos, que eram os sábios. Isso é ainda mais forte hoje, quando entramos numa sociedade do saber. Eu li um artigo de um jornalista americano, dizendo que um minuto de Michael Jackson na televisão, calçando um tênis Nike, vale mais do que dezoito mil operários indonésios, que fabricam o tênis. Ele ganha mais em um minuto do que dezoito mil operários juntos, produzindo aquele tênis que ele usará por um *instantezinho* aparecendo na televisão, sem fazer praticamente nada. Os que fazem não valem nada. Quem vale é quem não faz. Jesus diz o contrário.

Que eu saiba, o único filósofo que contrariou isso foi Marx, e por isso foi rejeitado. Se tiverem oportunidade de irem a Londres, poderão ler no seu túmulo esta frase: “Antes de mim, os filósofos pensaram o mundo. O importante é transformá-lo”. O Cristianismo diz exatamente isso. Jesus não fica no joguinho do vou, não vou, quero ir, não quero. Isto é, eu penso, eu sonho, mas não realizo nada. Isso não entra no Reino dos Céus. Esse não constrói o Reino de Deus. Olhem que lição séria de Jesus! Contraria praticamente toda a ideologia neoliberal, que não valoriza o trabalho. O trabalho não tem a mínima importância. Cada vez mais os trabalhadores vão sendo segregados, enquanto a elite cultural fica fazendo simulações nos computadores.

Esse Soros (*) simplesmente faz rodar dinheiro. Não levanta uma

palha sequer e ganha milhões, talvez bilhões de dólares por dia, o que nenhum trabalhador poderá ganhar em toda a sua vida. Jesus diz que aquele que vai à vinha é o que faz.

Teríamos que repensar muito, e o pior é que caminhamos, cada vez mais, para essa sociedade em que o trabalho não é valorizado. Por isso os jovens ficam desanimados. Para que estudar, trabalhar, se podem ganhar em mensalões? Daí podemos entender a razão de tanta corrupção. Os deputados se deixam corromper, porque não precisam trabalhar para ganhar. Basta o jogo de influência. O trabalho não vale nada. Para que trabalhar e no fim do mês ganhar um salário-mínimo, se um outro, que apenas digita algumas coisas no computador, recebe milhões? Mas é que aquele detém o saber, detém uma tecnologia, mas não se sacrifica um instante sequer.

Para o Reino de Deus não é isso que vale. É difícil aceitar isso. Não tenho nada contra os Bill Gates (***) da vida, mas Jesus valoriza aquela mulher que, com suas mãos, dedica e gasta a sua vida pelos outros. Vai à vinha do Senhor. A vinha é a Igreja, é a História, é o trabalho, é sustentar os filhos, é ter as mãos calejadas pelo trabalho que não vale nada. Mas não vale nada nesse mundo neoliberal, não vale nada para uma tradição egoísta, mas vale muito na tradição cristã.

São Bento, que era de uma família nobre, larga toda a riqueza e funda a Ordem dos Beneditinos, com um grande lema que assustou a sociedade daquela época, pois os ricos não trabalhavam. Só faziam guerras e cavalgavam. E o grande lema era: *ora et labora* – reza e trabalha. E aqueles monges trabalhavam e trabalham até hoje. Sustentam seus mosteiros, fazendo queijos, vinhos, trabalhando na lavoura. Eu estive visitando uma trapa em Curitiba e vi como os monges sustentam a casa com o seu trabalho. Passam horas trabalhando na terra, capinando, plantando, para mostrar a dignidade do trabalho.

E o Filho de Deus não foi para Atenas, não ficou passeando na ágora, com os filósofos, mas passou trinta anos trabalhando na construção de Séforis, trabalhando na agricultura, cuidando de pequenos animais. Esse é o Filho de Deus. É Ele que nos fala dessa dignidade: “vá trabalhar na vinha do Senhor!” Amém. (25.09.05)

(*) George Soros, especulador financeiro norte-americano, nascido na Hungria.

(**) milionário americano, proprietário da empresa de computadores Microsoft.

NÓS SOMOS A VINHA DO SENHOR

(Is 6, 1-7/Mt 21, 33-43)

Graças a Deus, é uma parábola, uma história. Se fosse realidade, se fosse descrição da nossa vida, da nossa comunidade, estaríamos perdidos. Mas vamos entender um pouco mais dessa parábola, dessa história do Senhor.

O grande proprietário, o grande vinhateiro, esse Senhor que cuida de cada vinha, de cada um de nós, é Deus. É Ele que cuida de cada um de nós. Muitas vezes esquecemos que Ele nos deu, primeiramente, a vida. E não qualquer vida, mas a vida que vem de suas mãos. Na Capela Sistina há uma das pinturas mais lindas da História da Arte: Adão saindo do dedo de Deus. Assim Michelangelo (*) pensou a criação. Nós saímos do dedo de Deus. Se um pintor pensou isso, nós, que conhecemos a revelação, talvez bem mais do que Michelangelo, sabemos que não saímos do dedo, mas do coração do próprio Deus.

Cada um de nós é uma vinha extremamente amada. Ele deu-nos inteligência, saúde, afetividade, liberdade, capacidade criativa. Deu-nos irmãos, irmãs, pai, mãe, amigos, colegas de trabalho, de lazer. Deu-nos um mundo como este. E vai nos dando continuamente. É este grande vinhateiro que está cultivando a sua vinha. Aquela cerca, aquela torre, aquele lagar, são as realidades que vamos descobrindo na nossa vida. O lagar é coisa bonita, porque é onde, de uma maneira primitiva, se fazia o vinho. Jogavam-se os cachos de uva e pisavam-se, para que deles escorresse o suco, o melhor da uva. E desse suco fazia-se o vinho que alegra os corações. É como se cada um de nós pudesse ser espremido pelo amor e pela vida. Se cada um de nós, apertado pela existência, desse um pouco de sumo, o nosso amor seria como o vinho. Que lagar maravilhoso seríamos nós!

Mas o Senhor diz que, quando Ele nos mandou beber o vinho da nossa vida, o apedrejamos. Quando mandou alguém para colher o fruto da nossa vinha, o expulsamos, o matamos. Será verdade que fizemos isso? Algum de vocês atirou pedras? Claro que não são pedras físicas, mas simbólicas. E essas, sim, jogamos frequentemente nas pessoas. Negar um olhar, negar uma atenção, pode ser uma pedra. Jogamos pedras nas pessoas não as atendendo, não as compreendendo, não as amando, desviando os nossos olhares. Passamos por elas e fechamos a cara.

Um psicanalista carioca diz que a coisa que mais rejeitamos – olhem o pleonasma – é a rejeição. Não suportamos a rejeição. A pior pedrada que podemos receber é a falta do carinho, da palavra. Ficamos calados diante de um bom dia que alguém diz. Continuamente o Senhor manda pessoas para colher os frutos da nossa vida e não os damos.

Não pensem que essa parábola é história. Só uma coisa ousou pedir a Jesus e vou corrigir a parábola. Ela diz que o Senhor ficou impaciente e resolveu destruir a vinha. Deus nunca fará isso! Ele vai mandar-nos, até o último instante

da nossa vida, pessoas para colher os frutos da nossa vinha. Vai cultivar o nosso coração, com seu amor, com sua graça, com seu carinho, com suas palavras. Vai continuar falando, lendo essa parábola, até o fim. Podem ficar tranquilos, que essa palavra vai ecoar até o fim do mundo. Essa celebração continuará sempre. Ele multiplicará as eucaristias, os sermões, as leituras bíblicas, os bons desejos, as provocações para o bem, até o fim dos tempos. Esse é o cuidado que Ele tem.

Ele cultivará o coração de vocês, mães. Nunca uma mãe deixará de ser mãe. Os tempos passarão, as culturas mudarão, mas mãe continuará sendo mãe e pai continuará sendo pai. Esse amor que as mães têm, esse olhar criador que arranca da criança a própria alma e a faz gente é o Senhor. Querem coisa mais linda do que o Senhor abraçando a criança através dos braços da mãe?! Querem coisa mais bonita do que o pai que carrega o seu filhinho no ombro e o traz para abraçar-me? Esse pai está marcando o coração dessa criança. Ela não vem abraçar a mim, mas ao sagrado, à Transcendência. É Deus cuidando da sua vinha, de todos nós que estamos aqui.

E estamos aqui porque, certamente, tivemos pessoas que cuidaram da vinha do nosso coração. Se não as tivéssemos, não estaríamos aqui. Pensam que vêm arrastados por alguma coisa? Não. Vêm porque Deus cuida do coração de vocês. Não pensem que são atraídos por alguma coisa fora de Deus, não pensem que eu estou aqui por outra razão. É Deus que está na nossa vida. Ele é tão fabuloso, nos faz tão felizes, nos enche de tanto amor, de tanto carinho, que a nossa vinha tem que dar frutos bonitos e gostosos. Não como na leitura do Antigo Testamento, que diz que, procurando uvas, encontrou-as silvestres e azedas. Não podemos ser uvas azedas. Seremos sazoadas, doces, saborosas, rosadas, que atrairão os olhos cintilantes das crianças. Essa é a vinha do nosso coração.

Que cada um, ao se aproximar de nós, encontre frutos. Que não sejam apedrejados. E o Senhor continuará cuidando da nossa vinha. Amém.
(02.10.05)

(*) artista renascentista italiano.

HOMEM E MULHER CONSTROEM FELICIDADE JUNTOS (Gn 2, 18-24/Mc 10, 2-16)

Esse Evangelho, a leitura do Antigo Testamento, essa visita do papa (*), tudo nos fala desse tema central: família.

Ouvindo essa leitura do Antigo Testamento, parece que é uma história da Carochinha, que se conta para crianças. É e não é. De fato, os autores da Sagrada Escritura não recebiam uma comunicação direta de Deus. Ela foi escrita, olhando-se a realidade, dentro da cultura em que viviam, com a literatura que existia naquela época. Eram homens profundamente imersos na tradição de Javé, que acreditavam que Deus era o Senhor. Esses homens viam as mais diferentes situações, o que até hoje acontece: famílias em que o marido impõe e é o senhor da mulher, quase escrava; famílias que se unem e se desunem; famílias em que os filhos se prostituem. Diante de tudo isso, os autores se perguntam: como Deus pode se manifestar para nós? Que tipo de família melhor condiz com a nossa caminhada?

O homem que escreveu este livro – o Gênesis – estava preocupado com tantas famílias que não eram felizes. Queria passar uma mensagem que ajudasse as pessoas em dificuldades. Então pensou e escreveu essa história tão linda. Percebeu que, olhando para os animais, não se encontra ninguém. Os animais não têm consciência, não têm liberdade, não têm símbolos. Eles se bastam. Têm instinto. Mas, como os homens, os animais também procriam. Qual será a diferença? E o autor se pergunta mais ainda: em quê Deus pode querer que esse homem e essa mulher sejam diferentes do animal, que também procria? Constatou que, na nossa animalidade, existe o instinto de procriação, que está inscrito dentro de nós, no nosso corpo – homem e mulher nascem para procriar. Continuou pensando e concluiu que homem e mulher são de uma igualdade fundamental. Toda vez que um homem pensar que é superior a uma mulher esquece a coisa mais profunda: que homem e mulher têm uma igualdade radical.

A costela nada tem a ver com a costela, porque Deus não é açougueiro. A costela é a expressão mais linda para dizer da igualdade radical. É uma parte do corpo que merece todo o respeito. Assim como qualquer parte do corpo, a mulher e o homem têm uma igualdade fundamental. Todo o domínio, todo o machismo, já desde Adão e Eva, estão condenados. Esse livro foi escrito há mais de dois mil e quinhentos anos, e esse autor já tinha percebido isto: homem e mulher devem encontrar-se na igualdade, devem construir juntos o seu projeto, e não paralelamente.

Mais tarde Jesus falará tanto à nossa liberdade! Ele insiste nisso. A beleza do ser humano aparece, quando ele consegue construir projetos juntos, o que é muito difícil. Mais difícil ainda nessa sociedade centrada no indivíduo e no

individualismo. A proposta da Igreja, da nossa revelação, é muito mais bonita: que homem e mulher nunca fiquem separados, tristes, isolados, na solidão. Cada um seguindo o seu caminho, cada um com seu projeto, cada um com sua televisão, cada um com o seu quarto, com o seu lugar. Não, é preciso que se encontrem, se descubram, sofram juntos, riam juntos, chorem juntos, gargalhem juntos, nunca separados.

Às vezes, tantas vezes, isso não acontece nas famílias à nossa volta. O que fazer? Deixá-las, estigmatizá-las? Não. Também elas têm direito de reconstruir, quando puderem. O importante é, de onde estivermos, tentar reconstruir. Quebrou-se uma família, é pena, as crianças sofrem. É preferível esse ideal de Jesus, que desde o início, tudo caminhe, que as famílias vivam em harmonia. Esse é o projeto, o plano, o sonho de Deus para nós, para a nossa felicidade. Mas, muitas vezes, tantos acontecimentos marcam a nossa vida, nos cortam, nos machucam, nos impedem de seguir um caminho melhor. Temos que reconstruir, reencaminhar, buscar caminhos que nos reconduzam à felicidade. Sempre, homem e mulher, procurando juntos, discutindo seus projetos, para assim criarem as suas famílias. Amém. (04.10.97)

(*) referência à última visita de João Paulo II ao Brasil.

NOSSA RESPOSTA AOS CONVITES DE DEUS

(Mt 22, 1-14)

Volto a recordar que parábola é uma história e não vale em todos os pormenores, mas tem uma idéia central que deve ser perseguida para se entender. A regra é sempre a mesma. Não podemos imaginar que Deus mandaria exércitos para nos matar, já teria conseguido faz tempo. Ele não manda não. Não haverá também um lugar escuro, com ranger de dentes, nada disso! É preciso procurar a idéia central.

Sempre há duas idéias. Uma para a época em que se escreveu o texto e outra para nós, hoje. Volto a insistir que os cristãos estavam muito preocupados com o fato, para eles, extremamente chocante: a razão pela qual o povo judeu não aceitara Jesus. Essa é a grande idéia que atravessa o Evangelho de Mateus. Os judeus foram os primeiros convidados. É para eles que o Messias preparou a festa. Manda os seus empregados os chamarem, mas eles não aceitam o convite. Isso deve ter sido extremamente chocante, porque é assunto de muitas parábolas. Continua mandando buscar em todas as praças – aí entramos nós – coxos, aleijados. A segunda onda procura o mundo inteiro para o banquete. De novo há o jogo daqueles que têm a veste e dos que não a têm. Interessante é que o texto diz que só um não tinha a veste. Parece que Deus nos olha com muito mais bondade do que imaginamos. Ele acha que todos nós estamos ótimos, apenas um não está tão bem preparado.

Mas há outra idéia importante, que vem se repetindo em outros domingos e, por isso, volto a insistir. Continuamos perdendo as chances históricas. Ao convite podemos dizer sim ou não. A história humana é feita disso. Não podemos esquecer. A história é feita de inúmeros convites, de todas as naturezas. Do mundo econômico, familiar, afetivo, escolar, profissional, religioso. Um rapaz convida uma menina, pode dar em casamento e pode ser que jamais se reencontrem. Perderam a chance. Isso é impressionante! O ser humano faz a história, e essa história joga com coisas mínimas. Ocasões fortuitas decidem grandes destinos. Por isso, precisamos ter olhos mais abertos para a história.

Volto a citar aquela socióloga alemã – Hannah Arendt. Ela escreveu um livro sobre Eichmann, um alemão que matou muitos judeus nos campos de concentração. Ela diz que se este homem tivesse vivido em outra situação, teria sido um burocrata normal, tranqüilo. Mas, jogado em determinada situação, muda todo o seu destino. É um pouco a nossa história, para o bem ou para o mal. Diante do Nazismo, ele não teve caráter suficiente para enfrentar. Acabou vendido e tornou-se um grande assassino. Se pensamos na quantidade de criminosos que existem por aí, talvez um pequeno momentinho, um **não** dito na hora certa os teria salvado, como um **sim** os fez perder. É terrível! Guardem isso: há momentos

em que um sim ou um não decidem toda uma vida.

Precisamos ter olhos abertos, muito abertos, para captar os **sims** que nos desviam do bem e os **nãos** que nos salvam. Precisamos de muitos **nãos** na vida. O fato de não sabermos dizer não é um grande problema de personalidade. O adolescente e a criança têm que começar, desde cedo, a aprender a dizer não para as coisas que merecem não e sim para as coisas que merecem sim. E não vice-versa. Esse vice-versa é que atrapalha muitos destinos.

Ao convite para o bem, dizem não; ao convite para o mal, dizem sim. Temos que começar a nos educar, cada dia mais nessa percepção, principalmente com as pessoas que precisam de nós. Precisamos cultivar a capacidade de discernir, de captar, de perceber que fios estão conduzindo toda a história, para entrarmos neles e não nos desviarmos por outros caminhos. Amém. (10.10.99)

A TRANSFORMAÇÃO PASSA POR DENTRO DE NÓS

(Est 5, 1-2; 7,2-3/Ap 12, 1-5.13.15-16/Jo 2, 1-11)

Nas festas, como a de hoje, de N.S. Aparecida, a liturgia nos apresenta uma farândola de símbolos. Ela brinca conosco. Costura pedaços diferentes, fazendo uma belíssima colcha. Toma um pedaço do Antigo Testamento: a história de uma rainha. Depois pega uma imagem do Apocalipse, e segue uma festa. Costura os três pedaços e nos apresenta: essa é a festa da Virgem!

Claro que Ester não tinha nada a ver com Nossa Senhora. Era uma rainha, amante bonita, isso sim. Uma judia que carregava o sofrimento do seu povo. De repente, vê o povo ameaçado de morte, enquanto ela habitava os palácios. Essa é a dor de Ester e a dor de todas as pessoas. É a dor de Maria, a dor de Jesus, a dor de Deus. A dor de quem está num mundo de felicidade, de beleza, de gozo e vê as pessoas sofridas, machucadas, humilhadas, quebradas. Ester vê o seu povo assim e ousa chegar diante do faraó. Naquela época, uma rainha aparecer diante do faraó era uma coisa impensável. Ela aparece diante do rei, e ele lhe estica o bastão. Esticar o bastão é como esticar o braço, é símbolo da acolhida, é sair de si, é prolongar-se. O bastão é o prolongamento do rei, que não chega até às pessoas, porque elas são pobres e humildes. Estão longe dele. Quando ela percebe, os braços do rei chegam perto dela, e ele lhe diz: “Peça e eu lhe darei!” Ela pede dinheiro, a metade do reino, automóveis, coisas bonitas? Nada disso. Ela pede a vida e mais nada. Será que temos consciência do que significa pedir a vida? Será que temos consciência do que é a vida? Será que temos consciência do que carregamos em nosso corpo e como gastamos a nossa vida? De que a cada dia, a roda do tempo gira inexoravelmente e a vida caminha? Ester continua e diz que o seu desejo era a vida do seu povo. Será que nós, andando pelas ruas de Vespasiano, vendo as pessoas que têm as vidas machucadas, temos coragem de dizer que o nosso desejo é que elas vivam? Um grande filósofo que eu citava há alguns dias disse: “Amar é dizer para alguém que eu quero que ele seja eterno!” Querer que alguém seja eterno – isso é amar! Ela tinha uma grande paixão pelo povo.

A liturgia incorporou esse fato tão bonito à festa da Virgem. Todos vocês conhecem a história de nossa padroeira. É o menos importante. Ficamos presos ao milagre e nos perdemos no menos importante. O que importa é que aqueles pescadores precisavam de vida, e a Virgem lhes deu a vida de que precisavam: a vida da pesca, do trabalho, da liberdade, de poder sustentar sua família, a vida de existir. Aquela *estatuazinha*, que vai aparecer nas águas (*), tornou-se para nós símbolo de uma presença de Maria na história do Brasil, semeando vidas. Não são os milagres, na sua materialidade, que são importantes. Nós vivemos

buscando, correndo atrás de milagres. Essa é a curiosidade humana, pobre e ignorante, que não percebe que o mais importante não é o externo do milagre, mas as transformações que passam por dentro das pessoas. É a vida que vai entrando dentro de nós e nos transformando. É isso que Ester passa para o seu povo. É isso que Maria passa para o seu povo.

Quando ouvimos a passagem do Apocalipse, percebemos aquela mulher misteriosa. As pessoas são envolvidas dramaticamente, porque vêm forças poderosas. Tudo isso são símbolos. Essas forças estão aí, nos projetos econômicos, nas lutas políticas. Esses são os dragões da história. A mulher é a sociedade, é a Igreja, são os professores, somos nós que estamos aqui, gerando continuamente essa pequena comunidade. Essa mulher não tem sexo. Não é mulher feminina, mas a mulher vida. Toda pessoa que participa da vida é essa mulher do Apocalipse. Ela ultrapassa essa diferença de gênero que nos restringe a homens e mulheres. Nós encurtamos a história humana. Mulher é muito mais que simplesmente o lado feminino do ser. É gaia, é terra, é cosmo, é existência, é tudo que dá vida. E também vocês, mulheres, são a concretização, as realizações dessa grande Mulher. E o menino? O menino é perseguido, como todo menino da história. Todas as crianças são perseguidas pela ignorância, por uma cultura que as massacram e degradam. Estamos condenando nossas crianças a serem copiadoras, *xerox* de televisões americanas, com esses programas cheios de violência. Diz um autor americano que, antes que uma criança leia um livro, já viu milhares de armas. Antes de folhear um livro para descobrir uma palavra, ela já terá visto muitas armas nos vídeos, nas televisões. Isso significa que o seu coração não se alimenta da sabedoria, da cultura, mas se alimenta da violência. Esses são os meninos, as crianças que os dragões destroem.

Mulher comunidade, mulher grandeza, mulher mãe: exijam um futuro, para o bem das crianças, porque amanhã é o dia delas. Amém. (11.10.03)

(*) referência à imagem de N. S. Aparecida, encontrada pelos pescadores nas águas do rio Paraíba.

OS VERDADEIROS MODELOS PARA OS JOVENS (Mt 5, 1-12)

A festa de hoje é mais importante do que podemos imaginar. Eu sempre gosto de abrir horizontes maiores, quando falo para vocês no domingo à noite, geralmente para jovens que estudaram, com uma cultura mais descortinada.

Quando pensamos em santo, em geral, pensamos em alguém que está lá no céu, para arranjar graça para a gente. Fazemos assim com São Judas Tadeu, quando estamos desempregados. Ótimo, nada contra! Mas hoje eu quero ir um pouco mais longe.

Vamos pegar a história da cultura. Os gregos sempre tiveram heróis – Ulisses, por exemplo – para que os jovens olhassem para eles e não ficassem como as galinhas, comendo bichinhos do chão, mas fossem como águias e levantassem vôo. Os romanos tinham também seus grandes heróis, como Eneida. Tinham seus grandes cantos, para que os jovens, lendo essas obras, não ficassem com os horizontes pequeninos, mas pensassem em horizontes maiores. A Igreja também seguiu a mesma tradição cultural. Se forem visitar os índios, ouvirão deles as histórias de seus heróis, que lutaram contra onças, que conquistaram terras. E o *indiozinho* pequeno aprende a ser grande. Se forem a Moçambique, verão que os adolescentes passam o ano inteiro sendo provados numa floresta, para serem gente. Quando atravessam rios, eles aprendem as tradições da sua África.

Nós, cristãos, temos nossos grandes homens e mulheres. Grandes em todos os sentidos e de todos os tipos. São os nossos santos. Porque eles desapareceram do horizonte de vocês, os americanos meteram *He-Man*, *Super Man*, *Batman*, todos esses “heróis” horrorosos, que não valem nada. Só têm aquelas capas com que saem voando *bestamente*, vazios, *cocacolados*, *hamburguesados*. São mitos de uma cultura vazia, que lhes coloca vacuidade, em vez de vocês terem um Francisco de Assis – adolescente, rico, burguês, que de repente larga tudo, encontra um leproso e, ao beijá-lo, descobre que nele está o Cristo e quer levar esse serviço pelo resto da vida. Quando está morrendo, quer morrer no chão, para sentir sua mãe terra. Quer ouvir o canto dos pássaros, que têm o coração puro e limpo. Quer olhar a beleza das árvores e do céu, porque o seu coração tem essa beleza. Não quer ver a sujeira dos *playboys* da época. Que as jovens olhem para Santa Clara, aquela menina linda, que larga tudo para ser só beleza, só amor!

Peguemos pessoas fora da vida religiosa, reis que viviam em palácios. Luís IX – para quem sabe um pouco de história – andava à noite e, de repente, encontrava-se dormindo com os pobres. Quando o pobre acordava de manhã, encontrava o rei da França dormindo ao seu lado. Quando via que um pobre estava sendo julgado, saía de seu palácio e colocava-se no julgamento; enfrentava advogados e juízes para defender o pobre. Era o rei da França, mas sabia que o pobre precisava ser defendido e não humilhado. Isso é rei, o resto é bobagem.

Esses homens fizeram o mundo. Precisamos construir o mundo e mostrar heróis para os jovens.

Outro juvenzinho polonês, Estanislau Kostka, que vivia em Munique, praticava esportes? Não, atravessa toda a Europa, em pleno inverno, para ser um jovem jesuíta e morrer tuberculoso daí a alguns meses. Não teme a morte, não teme a doença. Foge da família – e tinha uma família nobre. Luiz Gonzaga, filho dos Bórgia – uma das famílias mais corruptas da renascença européia – se transforma num lírio de pureza. Larga tudo e morre de peste nos arredores de Roma. São homens e mulheres corajosos, que não tinham medo da morte, da doença. Teresa de Calcutá: onde havia um desastre, ali estava ela.

Por que esses não são modelos para vocês, jovens? Por que precisam buscar em estrelas – *stars* – americanas, que não têm nada na cabeça, nada no coração, só um corpo maquiado? Onde está a beleza de Lady Dy? Abram o túmulo e vejam se há beleza naquele túmulo. Francisco de Bórgia, um jovem nobre, se encantou com a beleza da rainha, quando abre o caixão, vê aquela rainha feiíssima, já em decomposição e diz para si mesmo: “Eu não posso seguir uma pessoa que pode ser destruída assim. Eu quero seguir aquele que não morre. Eu quero seguir a Deus”, e se transforma no grande São Francisco de Bórgia. E assim tantos e tantos.

Mesmo na nossa terra, em Juiz de Fora, João Bosco Penido Burnier, homem inteligente, professor universitário, larga tudo e vai trabalhar com os índios, defender os injustiçados, até que cai morto por um tiro, ao tentar defender uma pobre moça que estava sendo torturada numa cadeia horrorosa de Mato Grosso. Esses são os homens que constroem o Brasil, que não têm medo de policiais. Enfrentam, ainda que à custa da própria vida. Por que esses não são heróis? Porque eles saíram do seu horizonte, vocês seguem qualquer herói vazio. Vocês não têm força para lutar contra as tentações, criar uma vontade mais firme, porque ninguém os fascina. Se ninguém os fascina, serão como um saco de batatas sem vontade, sem firmeza. Comecem a descobrir que houve, antes de vocês, histórias, gente de valor neste mundo, neste país, pessoas que foram capazes de morrer por uma causa grande e por isso são maiores hoje. São homens e mulheres que lutaram para construir o mundo. Esses são os santos. Não é preciso ficar rezando para eles, mas olhem para as suas vidas e procurem ver em que eles podem despertar-lhes energias.

Vocês, adolescentes, sabem muito bem que na fase da evolução da personalidade – todos nós passamos por esse momento – precisamos de identificações. Nenhum de nós se constrói com nada. Precisamos de modelos para construir a nossa personalidade. Esse é um momento importante da adolescência, quando, muitas vezes, não têm nem pai nem mãe para seguirem. Para quem vocês vão olhar, se não tiverem nenhum modelo à frente? Com quem irão se identificar? Com alguém, sem dúvida. Isso qualquer psicólogo pode dizer. Se se identificarem com pessoas vazias, serão vazios. Terão a vacuidade

daquelas imagens com as quais se deparam nessas revistas que circulam no meio de vocês, e com as quais brincam, como se amor fosse brincadeira, como se sexo fosse brincadeira. É a coisa mais linda que existe, mas também a coisa mais séria. Nunca deveríamos brincar com o amor, com o sexo, porque estaremos brincando com a maior responsabilidade que Deus nos deu. Deus teve coragem de nos dar amor e sexo e nós brincamos, zombamos de Deus, zombando do amor, zombando do sexo. Essas conversas baratas e baixas que vocês travam é que fazem a vergonha. Se os animais falassem, falariam melhor e mais bonito. Certas conversas parecem de chiqueiros e não de lugar de existência humana. Os santos vêm nos mostrar algo diferente.

Jovens, levantem a cabeça, abram os olhos, um olhar somente para os santos e para o céu azul da beleza, da realidade, da vida! Amém. (31.10.99)

NAS BEM-AVENTURANÇAS, UM NOVO RETRATO DE DEUS (Mt 5,1-12)

Essa página é considerada das mais lindas da história das religiões de todos os tempos. Se perguntássemos, num desses canais de televisão, quais seriam as bem-aventuranças, diriam: “Bem-aventurados os que vencem, bem-aventurados os poderosos, bem-aventurados os ricos, os Bill Gates, com seus sessenta bilhões de dólares. Bem-aventurados os que têm uma Ferrari vermelha último tipo, bem-aventurados os violentos que podem dominar os outros”. Essas bem-aventuranças, conhecemos bem. Bem-aventuradas as beldades maquiadas, que encantam as novelas das noites de pessoas que não têm nada que fazer. Essas são as bem-aventuranças que ouviríamos, se ligássemos, neste momento, qualquer televisão do mundo. São as mesmas bem-aventuranças do sistema capitalista, do neoliberalismo e da pós-modernidade.

Vem Jesus, olha para uma pessoa, vê a sua vida triste, acabrunhada, dolorida, machucada e diz para ela: “Eu estou aqui para consolar-te, por isso tu és também bem-aventurada. Não pelo sofrimento, mas porque tens um ombro divino, onde podes apoiar-te. Por isso tu és bem-aventurada”. Quando olha para a violência desse mundo e vê alguém sereno, tranqüilo, diz: “Tu, sim, és bem-aventurado, porque és manso, não queres a guerra, não queres a violência. Tu constróis a paz. Enquanto fabricam essas armas para jogarem sobre o Iraque e outros países, tu não vives da indústria armamentista, do tráfico de drogas. Vives construindo harmonia na família, na sociedade. Tu és feliz!” Olhando para as pessoas agressivas, duras, que não apóiam ninguém, que fecham portas e janelas das suas casas e, mais ainda, portas e janelas de seus corações, Jesus diz: “Tu não és feliz!” Feliz daquele que abre seu coração para a misericórdia, para a acolhida.

Jesus concordaria com aquele homem chamado Buda, que também ensinou que a misericórdia é uma grande virtude. O mesmo que o Dalai Lama agora repete através de todo o mundo.

Jesus também o disse: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!”. E sobretudo o mais difícil para entendermos. Confesso que é difícil mesmo. Todos nós, quando olhamos a pobreza, ficamos espantados, porque a pobreza é terrível. Ela degrada as pessoas, destrói os valores primordiais. E como é que Jesus diz: “Bem-aventurados os pobres!?” Olhem bem, Jesus não diz “Bem-aventurada a pobreza!” Não é a pobreza que Ele chama de bem-aventurada. Ele chama de bem-aventurados os pobres – é muito diferente! Pobres são as pessoas, são esses que encontramos. E por que são bem-aventurados, se estão numa situação tão ruim, tão diversa, com tantos problemas? Donde vem a bem-aventurança para eles? Vem porque o olhar de Deus é mais propício, é mais carinhoso, mais cheio de força para eles do que

para os outros, que nadam em riquezas. Eles conquistaram o coração de Deus. Mesmo naquela hora de sofrimento, de angústia, de busca, ele pode ter certeza de que nunca perderá totalmente a dignidade, porque dentro dele, ao lado dele, animando, limpando, instigando, cultivando, estimulando está o próprio Cristo. Se tivermos o Infinito dentro de nós, ninguém conseguirá destruir-nos. De fora, vêm as forças, mas dentro há uma coragem única, que faz com que os pobres até hoje resistam. Milhões estão aí em continentes, em regiões enormes, lutando, porque Deus está com eles, para que lutem, para que transformem a realidade, para que haja justiça. Por isso, Jesus diz: “Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça!”

Até aí seria aquilo que diz o Evangelho. Mas eu acho que há algo diferente, e aí está a novidade. Jesus é o único que conhece Deus. Nós imaginamos Deus como queremos. Temos o direito de imaginar, mas quem o conhece mesmo é Jesus. E o trouxemos na cabeça, não sei porque, imaginando um Deus poderoso, forte, destruidor, que parece que se deleita em massacrar os inimigos e sepultá-los no mais profundo do inferno. Pois bem, o retrato que Jesus nos dá de Deus é esse das bem-aventuranças.

Ele é manso, não é violento. Tirem da cabeça qualquer violência de Deus, porque Ele é manso, de mansidão infinita. Manso dessa delicadeza infinita. Ele é misericordioso. Seu coração volta-se para a misericórdia – *misere-cordis* – é para o coração. Portanto, Ele não está para condenar ninguém. Dói-lhe quando nos separamos Dele. Dói-lhe quando o ofendemos. Não por Ele, mas por nós. Somos nós que nos detestamos, nos corroemos, nos autodestruímos, nos frustramos no mais profundo de nós mesmos.

Deus não se alegra com nossa frustração, não se alegra com nossa doença, com nossa morte, mas recolhe no vale infinito de Seu coração todas as nossas lágrimas e todas elas serão gotas de luz na eternidade. Não deixará perder uma dor sequer, não deixará perder um momento sequer de nossa existência, sem que dele se extraia algo de bem. E aquilo que foi negativo em nós, cobrirá com Seu manto infinito de perdão. Essa a novidade de Deus.

O que também me encanta muito é aquela bem-aventurança que diz: “bem-aventurados os puros, porque verão a Deus!” Já repararam como os impuros não vêm? Eles buscam, são sôfregos, correm atrás, mas não vêm. Já repararam, meninas, como o olhar impuro de seus namorados não vê vocês? Vêm corpo, sexo, prazer, mas não vêem vocês. Já repararam isso? Se não repararam são cegas. Só o puro vê, o impuro deseja, mas não vê. Bem-aventurados os puros porque verão a Deus, verão as pessoas, verão as belezas. São eles que são capazes de contemplar um pôr-do-sol, uma lua bonita. São os únicos capazes de contemplar o borbulhar das ondas, o ruído dos mares, a beleza da terra, o verde da floresta. O impuro não vê nada, rasteja pelo chão e, rastejando, não pode ver nada. Como pode alguém ver, metido na lama? Só vê sujeira, só cheira mal. O puro é capaz de ver longe, intuir o coração mais profundo das pessoas.

Jovens, rapazes e moças, namorem jovens puros, porque eles verão seus corações, verão a beleza que vocês têm, muitas vezes escondida, porque não está na transparência física do corpo, nas realidades *xuxais* da existência, mas mergulhada no mistério recôndito do ser de vocês. Muitas vezes vocês escondem belezas diante das quais tantos rapazes passam e não vêem. Quanta menina maravilhosa não é vista! Quanto rapaz maravilhoso não é visto, porque os olhos impuros não vêem! Jesus diz que só os puros vêem. Amém. (03.11.02)

EU ME CONSTRUO NAS MINHAS RELAÇÕES

(Mt 25, 31-46)

Essa página do Evangelho de São Mateus talvez seja das mais revolucionárias da história da humanidade! Tão revolucionária que, depois de dois mil anos, ainda está muito longe de ser vivenciada, tanto nos países cristãos como nos outros.

Sempre a divindade, em todas as religiões, pareceu uma realidade muito distante dos seres humanos. Os seres humanos viam sempre os deuses longe. Assim os romanos, os gregos. Os nossos índios pensavam em Tupã, o deus do trovão, quando pipocavam os trovões. Um deus sempre distante, sempre poderoso, que causava ora fascínio, ora medo. Assim eram todos os seres humanos, até que um dia Deus resolve mudar a sua imagem. Quis nos passar uma idéia diferente e mostrar que Ele não era assim. Não era alguém perdido na solidão infinita, sozinho, reinando, triunfando sobre todas as coisas. Ele diz: “Não. Eu sou e quero estar bem próximo de todos os seres humanos, absolutamente de todos. Mas, de modo mais especial ainda daqueles que são segregados, expulsos, afastados, marginalizados. Aí devo estar!” A humanidade esperou um milhão e quinhentos mil anos para saber disso. Até que veio o próprio Filho – o único que conhece realmente quem é Deus. Nós somente temos uma idéia vaga. Buscamos através das coisas. Olhando as estrelas, as galáxias, podemos imaginar o poder gigantesco de Deus. Mas só aquele que vivia junto dele desde toda a eternidade conhece profundamente o amor e o coração de Deus.

Ele veio. Veio pequeno, pobre. Veio para estar junto de todos nós, mas mais próximo ainda daqueles que estavam largados, desprezados, marginalizados. Houve um momento em que Ele disse: “Isso não serei somente eu. Doravante, valerá para toda a humanidade!” E fez esse grande e maravilhoso sermão que acabamos de ouvir. Algo que nos deixa perplexos, nos deixa realmente pasmados. É o Evangelho que vai causar mais surpresas para nós. Muitas pessoas que imaginávamos longe de Deus, longe da Igreja, estarão cintilando como estrelas belíssimas no céu, no Olimpo (*) de Deus. E outros que talvez ostentavam tantos títulos para serem Igreja, para serem céu, estarão bem longe, porque não conheceram, não amaram o menor, o pobre, o estrangeiro, o faminto, o nu.

Na América Central fez-se uma dramatização muito bonita do Evangelho, e uma das mais bonitas é esta. Eles imaginaram um grande vale, para onde iriam todos os povos: romanos, gregos, medos, persas e também os povos novos. Imaginem que gigantesco vale! Toda a humanidade e, lá em cima, o trono vazio. Era o dia do juízo. No meio da multidão, um mendigo. Ele começa a pedir licença, e as pessoas olham espantadas para aquele mendigo querendo entrar, querendo atravessar a multidão, encaminhando-se em direção ao trono. Todos se espantaram com a ousadia daquele pobre esfarrapado. E ele tentava entrar e foi

andando. Sobe a escadaria e vai-se aproximando do trono. Naquele momento, vai lentamente se aproximando. Aí as pessoas que o olhavam, reconhecem: é ele aquele pobre, que um dia eu ajudei, é ele aquele que um dia eu não aceitei. Jesus entrou ali com todas as faces de todos os seres humanos, e cada um encontrou nele um retrato de sua vida. Não houve juízo porque cada um julgou a si mesmo. Assim será conosco.

Deus não irá julgar ninguém. Seremos nós que nos julgaremos. É interessante, quando lemos esse Evangelho, que é uma palavra simples e direta, e depois vamos ler filósofos mais profundos e complicados, e concluímos que todos batem. Hoje a filosofia moderna insiste muito nisso: o ser humano só é ele, quando se defronta com o outro e com o diferente. Enquanto eu não encontrar alguém diferente, enquanto não encontrar o outro, eu não sei quem eu sou. É isso que Jesus diz. Eu sou na minha relação com os outros. Quando penso que sou sozinho, vivo a maior ilusão, porque aí não sou nada. Porque se o ser humano ficasse algum dia sozinho, voltaria a ser animal.

Os antropólogos já experimentam tirar uma criança dos seus pais e criá-la com os animais. A criança se animaliza radicalmente, porque ela vai construindo a sua humanidade, olhando para o pai, para a mãe, para os irmãos, para as pessoas. Por isso a criança olha tanto. Ela vai criando sua própria identidade. Nós só criamos uma identidade de acolhida, de amor, de fraternidade, de beleza, se o nosso olhar voltar-se para o outro e encontrar no outro essa beleza. É só dessa maneira que nos construímos. Quando nos construímos na rejeição, no ódio, nos transformamos em rejeição, em ódio. Não odiamos as outras pessoas, mas a nós mesmos. Nos destruimos, nos aniquilamos, nos desfazemos. Deus não precisa criar inferno nenhum, não precisa castigar ninguém. Somos nós que nos castigamos pelo ódio, pelo desprezo. Vocês pensam que esses ricos que moram nos grandes palácios, que se enriquecem à custa dos pobres, são felizes? Nunca! São infernos ambulantes. São tristeza, vazio, mágoa, medo.

Quando perguntaram a um desses grandes da cultura brasileira o que pensava de Deus, ele disse ter medo. Medo do Senhor, porque não é capaz de olhar a pequenez de uma criança, não é capaz de olhar a beleza. Nós vamos construindo a nós mesmos. A infelicidade, nós a fazemos. Os outros não a fazem para nós. Isso é uma ilusão. Somos nós que nos fazemos sofrer, porque não somos capazes de fazer isso que o Evangelho diz. Não somos capazes de vestir o nu, não somos capazes de dar um copo d'água ao sedento, um prato de comida ao faminto, visitar um preso, acolher uma criança de rua, sorrir para um desgraçado, dizer uma palavra de consolo para as pessoas que têm lágrimas nas faces. Quantas pessoas não sabem dizer uma palavra de carinho, não sabem dizer uma palavra bonita, não sabem ter um olhar de amor?! São infernos ambulantes.

O inferno verdadeiro é o egoísta para si e para os outros. Amém.
(20.11.99)

(*) referência à morada dos deuses da mitologia grega.

RESPONSABILIDADE CIDADÃ **(Lc 21, 25-28.34-36)**

Esses evangelhos que já começamos a ler costumam assustar as pessoas. Não é para assustar, mas exatamente o contrário. Lucas escreve esse texto depois que o povo de Israel tinha sofrido uma derrota terrível. Os romanos tinham o grande império daquela época e invadiram a Palestina. É como se os Estados Unidos entrassem aqui, com seus tanques, destruíssem essa igreja e as casas de todos vocês, levassem os homens e deixassem as mulheres e crianças desoladas. Assim fizeram os romanos. Foi um fato histórico, concreto. Lucas está dizendo que, mesmo que aconteça isso, não devemos desanimar.

Em cada época acontecem as invasões dos impérios romanos. Hoje, em português moderno, a invasão do império romano se chama globalização, crise das bolsas de Hong-Kong, quebras de bancos. Fatos que vão acontecendo em todas as partes do mundo, de modos diferentes. Esse evangelho é simbólico! Não vai cair sol, estrelas. Sol são as bolsas, os milhões de desempregados que há em São Paulo – chefes de família que não têm como sustentar seus filhos. Toda essa gente dormindo debaixo dos viadutos. É isso que é sol e estrelas caindo.

O que Lucas quer dizer é que temos que acordar. Não podemos ficar dormindo na sociedade, na história. Temos que construí-la com a nossa profissão, com o nosso trabalho, nos nossos problemas diários. É disso que fala São Lucas. Não vamos imaginar coisas fantasmagóricas. Temos que olhar a realidade concreta, cada um de nós, na nossa cidade. Vocês se lembram, no ano passado, daquela enchente terrível? As chuvas estão aí, e o rio também. Ele não mudou de lugar. Se as chuvas vierem novamente, teremos, outra vez, famílias destruídas, chorando, desanimadas. O que estamos fazendo para prevenir as catástrofes? Lucas é realista, concreto. Ele não queria que fôssemos surpreendidos, como somos todos os anos. É impressionante como nós, brasileiros, temos memória curtíssima. Ainda reclamamos de São Pedro, quando chove demais. Entupimos os rios de lixo e, quando as águas sobem, estranhamos. Como dizia, ironicamente, um jornalista: “tapamos toda a terra com asfalto e queremos que a água penetre”. Asfalto não absorve água, bueiros entupidos não deixam a água passar. Haverá enchentes, inundações. É o momento de acordarmos a nossa responsabilidade cívica e de ver que, com a chuva, os barrancos caem. Não é castigo de Deus, nem obra de São Pedro. Como São Judas Tadeu vai segurar os barracos? É a nossa geografia, a nossa geologia, a nossa engenharia que deverão segurá-los.

Também as doenças. Tantas, que já estavam erradicadas, voltaram novamente. Vemos tuberculose, doença de Chagas matando, sem falar as modernas, como a *Aids*. Tantas doenças endêmicas transmitidas por um *mosquitozinho* que já havia sido extinto. Tantas tragédias que poderíamos evitar. O mais trágico em nosso país é que muita gente morre antes do tempo. Não é

porque chegou a hora não. Antecipamos a hora com o nosso descuido, com a nossa irresponsabilidade.

Essa época do Advento é de preparação e esperança, mas arregaçando as mangas, para que possamos construir uma cidade melhor. Sobretudo, começando com as crianças, dando-lhes saúde e educação. Com isso, poderemos construir uma nação. Dói-nos quando passamos nas nossas cidades e vemos uma quantidade de crianças jogadas, como moscas que espantamos. O que será dessas crianças que, com dez, onze anos, já estão cheirando cola, usando droga? Vocês viram o resultado daquela pesquisa com os jovens de Brasília, das classes A e B, cujos pais têm dois, três carros? É de nos deixar estarecidos! Jovens que não têm nenhum idealismo, nenhum compromisso com nada. Não desejam mais nada. Querem apenas dormir, ouvir música e conversar. É bonito fazer isso, mas um país não nasce, não cresce, não resolve seus problemas, ouvindo música. Precisamos de pessoas que, responsabilmente, trabalhem, estudem, procurem encontrar soluções. É para isso que estamos aqui.

O Advento, para o cristão, não é uma época de ficar parado, esperando o Senhor descer das nuvens para terminar a história. Ele já está presente, incentivando cada um de nós a assumir a nossa responsabilidade histórica, concreta de cidadão. É aqui que o Senhor aparece e aqui Ele vem nos visitar. Amém. (29.11.98)

PEQUENAS UTOPIAS (Is 11, 1-10)

A leitura do profeta Isaías é considerada uma das utopias mais bonitas da história da cultura, não apenas da Bíblia. Há pessoas dotadas, como foi Isaías – que não é um só autor, pois há pelo menos três Isaías – que viveram em épocas muito diferentes. Um viveu antes da destruição do cativeiro da Babilônia, outro durante e um terceiro, depois do cativeiro. Houve uma faixa de tempo em que o povo de Israel viveu fora, lá na Mesopotâmia, sendo escravizado mais uma vez. Não apenas no Egito, que foi muito anterior. E os autores que escrevem esse livro, que chamamos Livro de Isaías, são três pessoas diferentes.

Esse homem deveria ser uma pessoa muito inteligente. Deveria ser também muito cheio de esperança. Quando o povo estava desanimado, mais ou menos como essa crise que estamos vivendo – ajuste fiscal, desemprego, drogas, crimes – esse homem pára, chega para o povo e diz o que está vendo. O profeta sempre vê! Ao invés de falar numa linguagem concreta, fala através de imagens, mas imagens da época, imagens do mundo animal. Ele vê um urso junto com um cordeirinho; um boi junto com um leão, que come palha. Vê bichos perigosos passeando com os outros. Vê ainda uma criancinha conduzindo um leão, uma outra brincando com uma cascavel – aquela cobra terrível. Vendo várias dessas realidades, prenuncia que alguém vai nascer. Ele fala da raiz de Jessé, que é o pai de Davi, do qual vem a dinastia de onde nasceria Jesus. Ao falar da raiz de Jessé, fala de alguém que virá de Davi e que será o Messias.

Ele vê esse Homem que nascerá e transformará o mundo. Não é ainda visível para os nossos olhos, porque as violências estão aí. Mas começará a trabalhar a história e a reconciliá-la com Deus. Isso que fala dos animais acontecerá com homens e mulheres, que são os piores animais que existem. Os verdadeiros animais só reagem ao ataque, mas o animal homem constrói armas e pode nos metralhar. É capaz de planejar, fazer seqüestros, violentar e assassinar as pessoas. É esse o animal mais perigoso. Agora virá uma Criança que vai começar lentamente a domar esse animal. Será o grande domador.

Essa Criança nasceu há dois mil anos. Só que os animais homens ainda não melhoraram. A cada Natal que se aproxima, lemos esse texto para sentirmos a que distância estamos do sonho desse profeta, que viveu quatrocentos, quinhentos anos antes de Jesus. Ele já sonhava com a grande utopia da fraternidade, que um dia também, em Paris, na Revolução Francesa, seria proclamada: liberdade, igualdade e fraternidade – essa famosa trilogia! Mas onde está a igualdade, a fraternidade, a liberdade? Liberdade com medo não existe. Fraternidade com luta não existe. Igualdade com esta diferença enorme de rendas também não existe. Todos esses sonhos da humanidade vão surgindo e nascendo, porque somos seres produtores de sonhos. Uma coisa que não se consegue acabar em nós é a capacidade de fantasia. Podemos pensar e imaginar uma realidade maior

– uma realidade utópica.

Hoje o profeta Isaías vem acordar, mais uma vez na nossa sociedade, esta capacidade utópica de construir uma realidade ainda inexistente, mas possível. Temos que começar a pensar, muito concretamente, em pequenas utopias para Vespasiano. Se pensarmos no Brasil todo, não conseguimos nada. Se pensarmos no mundo inteiro, pior ainda. Mas se pensarmos pequeno, para o nosso bairro – diminuir a droga, a violência – poderemos acabar com a droga no nosso pequeno círculo. É possível, mas não queremos. Poderíamos construir uma cidade sem miséria. Falta vontade política, falta acordarmos para isso, falta-nos abrir os nossos braços como águias que voam e não ficarmos como galinhas, ciscando. Temos condições de fazer com que as pessoas tenham água, durmam em casas limpas. Falta-nos capacidade criativa, falta-nos fantasia, falta-nos capacidade de organizar, de mobilizar. Mas se alguém não começa, nada começa. A primeira coisa fundamental para a transformação social é que alguém esteja disposto a começar, na certeza de que atrás de si virão outros.

Que consigamos fazer o que esse profeta fala hoje, traduzindo para esses animais racionais que somos, mais perigosos que qualquer outro. Amém.
(05.12.98)

MARIA IRRADIA O AMOR DE DEUS PAI

(Lc 1, 28-38)

A festa de hoje confunde muitos cristãos, sobretudo por causa do Evangelho, que fala da concepção virginal de Jesus no seio de Maria. Muitos pensam que a festa de hoje é essa, mas não é. Hoje celebramos a concepção de Maria no seio de sua mãe – a Imaculada Conceição. Como não há nenhum relato bíblico sobre a concepção de Maria, lemos esse texto.

Quando Maria foi concebida, Jesus não existia. Ninguém sabia que aquela menina um dia seria Mãe de Deus. Nada foi escrito sobre a sua concepção. A liturgia toma outro Evangelho para dizer que, se Maria foi imaculada na sua concepção, foi pela concepção que ela teria de Jesus.

Para nós isso não é possível. Como podemos, antes de acontecer determinada realidade, fazer com que essa realidade atue em nós? Ninguém pode fazer com que um fato que irá acontecer daqui a dez anos tenha influência em nossa vida hoje. Mas para Deus é diferente. Temos que pensar Deus como alguém que tem diante de si toda a história. Mais ainda: desde toda a eternidade, a Trindade já tinha Jesus Cristo diante de seus olhos. E é diante desses olhos que o mundo foi criado. Há quinze, vinte bilhões de anos, o mundo já foi criado marcado por Cristo, pela sua humanidade. Deus já tinha o seu grande projeto. Os primeiros homens e as primeiras mulheres, também eles foram marcados por Cristo. Todos nós fomos marcados por Cristo. Só que a maneira como cada um foi marcado é diferente. Em nós, essa marca não nos purificou radicalmente. Trouxemos para a nossa história, para as nossas tradições, a marca do mal, que chamamos de pecado original. Já nascemos com uma história imensa, dentro de uma história imensa. Todo o mal cometido antes de nós passa para todos nós.

Mas Deus reservou a Maria uma exceção, uma exceção totalmente humana. Alguém que, de certa maneira, interrompeu o fluxo de pecado que continua até hoje. É como uma mancha que suja a todos nós. Mas Ele separou Maria para que fosse a mãe de seu Filho. Nela não se tocou nada que pudesse manchá-la. Essa é a maneira de Deus demonstrar o seu amor.

Quando queremos demonstrar amor às pessoas, procuramos dar a elas poder, glória. Deus não faz assim. Essa é a sua maneira diferente. Ele não glorifica a quem ama. Jesus viveu simples, humilde, morreu crucificado, foi perseguido. A maneira de Deus mostrar a sua força é amar. Ele ama tanto uma pessoa que ela se transforma num foco de amor. Isso é muito mais do que podemos pedir. Em geral, pedimos emprego, casa, um carro novo. Nada disso é importante. O que é importante é pedir a Deus que Ele nos ame, que o seu amor nos envolva, nos pegue por dentro e, envolvidos nesse amor, possamos irradiá-lo.

Desde o instante em que Maria foi concebida, o amor de Deus a envolveu. Devia ser fascinante encontrar aquela menininha nos seus cinco, seis, dez, vinte

anos. Em qualquer idade em que a encontrássemos, estaria irradiando amor, beleza, paz, porque o amor de Deus a fazia, a constituía. Ela não tinha nada, era uma mulher simples, provavelmente analfabeta, mas irradiava tanto amor, que é a mulher mais maravilhosa que jamais existiu. Amém. (08.12.2000)

AS PRESENCAS DE CRISTO NO NOSSO COTIDIANO (Lc 3, 1-6)

Propositadamente, a liturgia embaralha três vindas de Jesus. Nos domingos anteriores, a liturgia falava da última vinda de Jesus, que não aconteceu ainda – portanto, uma vinda futura. Na próxima semana, o Evangelho vai falar da vinda próxima: o nascimento de Jesus. Hoje fala do Jesus adulto que vai aparecer. Portanto, são três vindas: bem no futuro, gloriosa; outra, o começo da vida pública; ainda outra, no início de sua vida aqui na Terra – o nascimento. Temos que nos perguntar qual dessas é mais importante.

Para a grande História, a mais importante é a chegada de Jesus à Terra. Se não tivesse acontecido, não haveria as outras. Essa é importante, mas já aconteceu. Escolheu o dia, entrou na nossa história e a marcou definitivamente. Não sabemos como acontecerá a última vinda, não sabemos como nos encontraremos, não sabemos que história vamos carregar dentro de nós, quando encontrarmos a luz transparente do Cristo glorioso. Como diz Vieira (*), o grande orador, “a morte tem duas portas: uma pela qual se deixa a Terra e outra pela qual se entra na eternidade”. A porta pela qual se deixa a Terra, nós conhecemos. É isso tudo que estamos vivendo. Mas a porta pela qual entramos na eternidade é extremamente misteriosa, porque ninguém voltou para nos contar. Os espíritas pensam que conhecem alguma coisa, mas não conhecem. Para abrir a porta da eternidade, temos de ter fé e nenhuma ciência. Que essa porta seja para a luz, nenhuma experiência, nenhuma ciência ensina, porque ultrapassa a morte. O médico só é capaz de dar atestado de óbito e termina aí a sua missão. É a porta mais temida para uns e a mais esperada para outros.

Um grande poeta inglês, antes de morrer, disse esta frase: “sou muito feliz, estou muito feliz, serei muito feliz!” Bonito isso. Um poeta, na hora da morte, poder dizer: “eu estou, eu sou, eu serei feliz!” Esse, talvez, vislumbrou, na fé, alguma luz.

Mas essa vinda que lemos hoje no Evangelho é a mais importante para nós, católicos. A primeira, já aconteceu e marcou a História. A última, não sabemos como e nem quando será. Então, esperamos. É uma espécie de horizonte luminoso para que possamos caminhar. Mas a mais importante para cada um de nós é esta que João Batista anunciou: Ele vem para aplainar as estradas, cheias de montanhas; consertar as estradas tortuosas da nossa vida, tirar os pedregulhos dos nossos corações, as colinas orgulhosas das nossas mentes. Ele veio para consertar-nos por dentro, individual e socialmente. Ele está vindo para cada um e, nesta Eucaristia, está aqui, chegando de novo.

Jesus chegou três vezes nesta Eucaristia. Primeiramente, porque nos reunimos: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio

deles”(**). Quando nos reunimos para rezar, Ele está no meio. Está aqui, mais do que nunca, com tanta gente reunida em nome dele. Antes de começar a Eucaristia, já estava presente. Fez-se presente nas leituras. Presença real, verdadeira, não fictícia, não imaginária, não sonhada. Ele está realmente presente, porque nós estamos aqui. Está realmente presente na Palavra proclamada. E estará presente sob o sinal do pão, do vinho, em todo o conjunto dessa celebração. Três grandes presenças!

Mas Ele mostrou outra forma de presença, talvez a mais difícil para nós. Uma presença que acontece em cada pessoa e, sobretudo, naquela mais desprezível. Quando encontrarmos um bêbado, trocando as pernas, caído no chão, sujo, se olharmos com o olhar da fé, Ele estará ali. Quando passarmos pelas ruas obscuras de nossas cidades, também estará lá: naquelas pessoas deprimidas, estragadas, gastas por tanto sexo sem vida, sem carinho, sem ternura. Estará escondido nos velhos que já nem distinguem o dia da noite. Isso é impressionante!

Essa é a única fé que mostra isso. Ele está de muitas maneiras, pedindo a nossa compaixão, pedindo uma palavra firme de nossa parte, de clareza, de clarividência. Não de submissão ou de complacência pelo erro. Temos que aprender a distinguir um juízo forte contra o erro e um carinho imenso para com o que erra. Quem erra merece perdão, o erro não. O crime é crime, a maldade é maldade. Mas a pessoa que a pratica, muitas vezes, age enganada, nas suas buscas desregradas. Ela merece mais compaixão do que julgamento. Também no criminoso está Cristo, escondido em tanta miséria. Ele merece, de nossa parte, compaixão e misericórdia. É isso que João Batista vem dizer.

Diria ainda uma palavra para vocês, jovens e adolescentes. Vocês, filhos dessa geração 90/2000. Uma geração diferente. Nós conhecemos a geração 60, uma geração que pensou transformar o mundo nos mais diversos países. Nos Estados Unidos, que tanto criticamos, toda uma juventude se revoltou contra a guerra do Vietnã e conseguiu acabar com ela. Não foi um míssil que acabou com a guerra, mas a força dos jovens americanos, que mexeu com os Estados Unidos, e o presidente não teve mais moral de conduzir uma guerra vergonhosa. Vocês têm nas mãos a força de transformar esta sociedade alienante e alienada em que vivem. Vocês podem ser o toque que fará a diferença, o toque que incomodará os acomodados. Esta é a missão que João Batista lhes traz: anunciar no meio do povo a presença real e verdadeira do jovem Jesus. Amém. (09.12.2000)

(*) referência ao sacerdote jesuíta, luso-brasileiro, Pe. Antônio Vieira, que viveu no século XVII.

(**) Mt 18,20.

PELA PALAVRA CRIAMOS SOLIDARIEDADE **(Is 35, 1-6a.10/Tg 5, 7-9/Mt 11, 2-11)**

As três leituras de hoje jogam com o que chamamos de sinais. O nosso povo e a nossa cultura atualmente estão cada vez menos ligados aos sinais. Antigamente, os médicos não tinham os aparelhos de hoje e trabalhavam muito com sinais, o que chamamos de sintomas. Atendiam um doente, auscultavam, ouviam os sintomas para chegarem a um diagnóstico. Assim também a Escritura trabalhou muito. Viam alguns sinais externos que apontavam uma outra realidade que os olhos não podiam ver. Vejamos Isaías, depois Tiago e depois Jesus.

Em Isaías, um povo está na escravidão. Foram arrancados de Israel e levados para o cativeiro na Babilônia. Naquela época, os cativos eram violentos, massacravam as pessoas. Ainda não havia os Direitos Humanos, a Anistia Internacional, e o povo estava no desespero. O profeta quer anunciar que o mundo vai melhorar e escolhe o sinal de um cego que vê, de um surdo que ouve, para dizer que alguma coisa será diferente. Os leprosos daquela época eram afastados, portavam uma *campainhazinha*, para que ninguém se aproximasse. Eles imaginavam que a hanseníase era uma doença extremamente contagiosa, e o profeta anuncia que os leprosos serão limpos. Todos esses sinais são para dizer algo maior. As coisas melhorariam. De fato, o povo de Israel deixa o cativeiro da Babilônia e volta para a sua terra. Depois ainda seriam escravizados pelos gregos, pelos romanos. Só em 1947, já bem próximo de nós, foi criado o Estado de Israel. Desde o ano 70 até 1947, esse povo viveu errante pelo mundo inteiro e sofreu todo tipo de perseguição. Tanto na Idade Média até o terrível holocausto de Hitler, na Segunda Guerra Mundial.

Tiago também diz da chuva, símbolo da planta que cresce. Principalmente para o povo de Israel, que vivia num deserto, a chuva era uma festa, porque então haveria alimentos em abundância. Não temos idéia, porque aqui chove muito. Mas para Israel a chuva era sinal de uma mudança da natureza. Tiago imaginava, como todo o povo de Israel, que o fim do mundo chegaria logo. Ele está anunciando que o mundo irá acabar. De fato, o mundo não acabou, porque a vinda de Jesus não é fim de mundo, mas acontece a cada momento da história.

Jesus retoma os mesmos sinais de Isaías e aplica a Ele mesmo, dizendo que, com aqueles sinais, começaria um mundo novo. E para nós? Estamos vivendo 1998 e é hora de perguntar para esta comunidade, para esta Igreja Católica, que sinais ela dá de que alguma coisa nova está acontecendo. Será que é tudo velho? Será que não temos nenhuma novidade para comunicar às pessoas, nenhuma alegria, nenhuma festa, nenhum horizonte melhor ou será que já brota, entre nós, pequenos sinaizinhos, brotos verdes de esperança?

O grande sinal é a fraternidade, porque a característica mais forte da modernidade é o individualismo. A nossa cultura tende a ser cada vez mais

individualista, com os meios eletrônicos, mais ainda. Já citei um fato ocorrido com um juvenzinho que terminara a quarta série e pretendia entrar num desses cursos organizados por empresários. Ele, muito inteligente, passa em todas as provas intelectuais e é reprovado no teste de relações humanas, porque não tinha capacidade de se comunicar com as pessoas. Já cedinho, ligava o computador e aí ficava o dia todo, mas “conversava” com pessoas que não existem. Essa é a marca terrível da nossa sociedade. E que sinal temos que mostrar? A solidariedade, o espírito comunitário. Se não batalharmos neste nível, o risco de a humanidade se destruir é grande, muito mais do que imaginamos. Hoje é muito difícil as pessoas se relacionarem.

Um filósofo dinamarquês – portanto, de um país frio – comparava-nos com um porco espinho. Quando nos aproximamos, nos espetamos. E quando nos afastamos – isso na Dinamarca – morremos de frio. Isso é o símbolo do individualismo. Não se aproximam e morrem na solidão dos invernos terríveis. Nós não temos os invernos frios da atmosfera, mas temos invernos mais rigorosos ainda: da afetividade. Muitas vezes na família, no nosso trabalho, na total incapacidade de nos comunicar. Vemos tantas famílias que almoçam em silêncio, porque não sabem o que falar. Pessoas que viajam juntas e não têm uma palavra para dizer. Não porque não saibam conversar, mas porque o coração não é capaz de exprimir uma palavra. É pelo calor da palavra que criamos solidariedade. Esse é o grande apelo de abertura para nós, no século XXI. Amém. (12.12.98)

PREPARAR PARA A FESTA JÁ É FESTA

(Lc 3, 1-19)

Podemos nos perguntar: por que esse Evangelho bem próximo do Natal? Esse fato aconteceu quando Jesus já era adulto, e nós estamos nos preparando para o seu nascimento. Já lhes disse em outras vezes que a liturgia embaralha três adventos de Jesus.

Em primeiro lugar, vejamos a palavra advento. Vem do verbo *venire* – vir. *Ad* é para junto. Ele vem para junto de nós. No primeiro advento, Ele vem para junto de Maria, de José, dos pastores, depois para os reis magos, para as pessoas que estavam lá. No segundo advento, vem para os adultos, para os quais vai pregar, em sua vida pública. *Adventum* – Ele virá um dia, como Senhor absoluto de toda a história e estará ao lado de cada um de nós, em sua transparência fulgurante. Será o olhar mais límpido que iremos receber na vida. Não de medo, mas um olhar bellissimo. O olhar do Cristo glorioso!

Eu imagino como se fôssemos um cristal que está numa sala escura, onde ninguém se dá conta de nossa existência. De repente, uma lâmpada se acende, a luz entra por dentro do cristal e ele se ilumina por si mesmo. Fica todo banhado, envolto em luz. Nós somos esse cristal: com muita jaça, muita mancha, alguns quebrados. Somos cristais *do Paraguai*. É a nossa história, mas não faz mal, estamos sendo lapidados e, no dia da terceira vinda, esse cristal será iluminado. Então aparecerá bonito, sem nenhuma jaça, sem nenhuma mancha. Até lá, temos as vindas de Jesus a cada dia e a cada momento. E é dessas que o Evangelho está falando.

Fala da vinda de Jesus no cotidiano. Só que, antes de Ele chegar, Deus mandou João Batista para que anunciasse e preparasse a vinda de Jesus. E João é muito realista. Não fazia discursos abstratos, técnicos. Cada pessoa que ouvia o seu sermão percebia que alguma coisa de importante iria acontecer. João Batista anunciou, no horizonte da história daquele povo, um fato fundamental que estava para acontecer. Era a chegada de Jesus adulto. Eles ainda não o conheciam, mas João já havia intuído, já havia percebido. Começa a anunciar e faz comparações entre ele e aquele que viria. Ele já era grande, já impressionava todo mundo. Pregava com coragem e energia, já tinha passado anos no deserto, já tinha-se preparado na oração, no recolhimento, na contemplação. Tinha um olhar fulgurante, que enfrentou o Herodes maior, o velho, e por isso seria assassinado. Ele não tinha medo de ninguém, de tal maneira que as pessoas achavam que já era o Messias.

Mas Ele diz que aquele que viria depois era tão grande, que ele não era digno de abaixar-se e fazer o trabalho do escravo, que é desatar e tirar as sandálias de seus pés. Ele jogava água sobre as cabeças, mas o seu rito não tinha

força. A única força era de quem o recebia, quando queria mudar de vida. O rito que Jesus criaria seria outro batismo. É água, mas uma água tão forte, teria tanta graça, que poderia ser comparada com fogo. Por essa água nós passamos, e, por ela, o Espírito Santo nos embebeu. Que imagem bonita! Ele é alguém que todos nós esperamos.

Aí começam as perguntas: o que devemos fazer? Cada um que chegava perguntava. E João ia dando respostas bem concretas. É como se cada um de nós chegasse diante do Senhor e perguntasse: nesta preparação do Natal, o que devemos fazer? Só nós sabemos responder. Cada um encontrará, no seu mundo, na sua casa, no seu lugar de trabalho, a resposta para essa pergunta. A resposta não é geral, não é genérica, mas é pessoal e concreta. O que será dividir a túnica em duas? Não será tratar bem as pessoas? Será não extorquir dinheiro, como faziam os soldados *daquela época*? A cada um ele dizia uma palavra bem concreta.

Se João Batista estivesse aqui, diria para cada um de vocês que a resposta está em cada coração. Grande gesto já é essa preparação. Preparar para a festa já é festa. Nestes dois domingos que nos separam do Natal, sobretudo nesse ato penitencial da confissão comunitária, procuremos nos limpar, nos lavar, trazer o coração puro, para recebermos nos braços o Jesus que nasce. Talvez por aí, estaremos começando a nossa grande festa. Amém. (13/12/97)

SER PROFETA NO COTIDIANO (Jo 1, 6-8. 19-28)

Quando lemos esse Evangelho, essa narração de João, estamos muito distantes dos acontecimentos históricos, porque João escreveu quando já tinha noventa anos. Já havia os outros evangelhos escritos, e ele tinha uma tese em sua cabeça, como diríamos em linguagem moderna. Para prová-la, vai organizando os acontecimentos. Por isso, modifica bastante o que aconteceu, na sua materialidade, para dar-nos um significado diferente. A figura de João Batista fica um pouco evidente. Jesus, o Messias, e João, o que vai anunciar. Portanto, é uma coisa óbvia que ele fale o que falou. Mas, se nos aproximarmos dos fatos históricos, veremos que a realidade era bem diferente.

Em primeiro lugar, João Batista não sabia bem quem era Jesus. Ele se encontrou diante de várias propostas de messianismo e teve de fazer uma coisa importante. Teve lucidez para ir percebendo por onde caminhava a realidade. Isso é que é ser profeta. Profeta não é aquele vidente, aquele que joga búzios e prevê grandes catástrofes, grandes acidentes. João não adivinhou nada, pois não era nenhum vidente, mas lúcido. A palavra lúcido, em português, tem, em sua etimologia, a palavra luz. Lúcido é quem é iluminado. E, sendo luz, começou a perceber inúmeros caminhos. Os fariseus – legalistas demais – não poderiam ser caminhos de Deus. Também não poderia ser caminho aquele mosteiro lá em Qumran (*), que era muito fechado. Também os nobres, em seus palácios, vestidos de seda, não levariam ao Messias. Ele foi vendo, olhando, discernindo, até que encontrou um homem simples, direto, imediato, livre, transparente, que é Jesus. E conclui que só poderia ser Ele, não outro. Era tão diferente dos fariseus, dos saduceus, dos herodianos, dos legalistas, dos mestres da lei. Tão diferente de todos esses grupos. Só pode ser Ele. E por quê? Porque é Ele que se aproxima do cotidiano das pessoas e começa, a partir do cotidiano de cada pessoa, a indicar o caminho que se deve seguir. Esse é o verdadeiro profeta.

Profeta é o professor que fica bem perto do aluno, capta seus desejos, suas dificuldades, seus problemas e começa a dizer: “Jovem, não vá por aí, mas por aqui!” É o pai ou a mãe que, quando vêem seus filhos crescendo e percebem que eles estão desorientados, dizem: “Meu filho, esse caminho não te leva à felicidade”. Profeta não é só João Batista, não é só Elias. Profeta somos todos nós, desde que tenhamos coragem de dizer a verdade, coragem de saber qual o momento em que devemos sair para que o outro cresça. É necessário que eu desapareça, para que o outro cresça. No momento em que o filho começa a criar asas, já adulto, os pais profetas se retiram para que ele continue o seu caminho. O profeta não pode ficar muito tempo. Deve aparecer e retirar-se, chegar e sair. É esse jogo que João Batista está fazendo. Ele se retirará, e Jesus continuará sua missão. Aí se mostra o verdadeiro profeta: anuncia, mostra, respeita a sua vez. O profeta é do cotidiano, não é de coisas gigantescas.

Mostre que você é cristão, quando dirige um carro, no trato com o

outro, respeitando a convivência, e perceberão que você é diferente. O cristão é aquele que, em seu cotidiano, vai tecendo a coisa mais comum, mas de forma tão diferente, tão original que os outros levarão um susto. Como quando encontramos um médico que acolhe bem o paciente, um funcionário público que atende com solicitude e paciência, que acolhe com um sorriso.

Seremos profetas nesta sociedade, sendo diferentes, e todos perceberão através do nosso abraço, do nosso sorriso, da nossa acolhida, do nosso olhar diferente. Cito uma carta antiga, e seria bom se vocês a conhecessem. Chama-se “Carta a Diogneto”, cujo autor não sabemos quem é. Essa carta diz que naquele momento – provavelmente, no segundo século – os cristãos viviam exatamente como os outros, mas todos tinham um olhar diferente, porque se faziam na diferença. Seremos profetas, se olharmos as pessoas para percebê-las no nosso cotidiano. Que tenhamos, na maneira de tratar, falar, acolher, abraçar, olhar nos olhos das pessoas, um olhar de quem recebe, perdoa, acolhe, que não tem medo, que não rejeita. Sejamos profetas, assim como João Batista. Amém. (14.12.02)

(*) mosteiro existente em Israel, às margens do Mar Morto.

SOMOS TESTEMUNHAS DA LUZ

(Jo 1, 6-8.19-28)

No domingo passado lemos praticamente essa mesma cena, só que descrita por um dos sinóticos. Sinóticos são aqueles três Evangelhos: Marcos, o primeiro, Mateus e Lucas. São chamados sinóticos porque têm uma estrutura semelhante. Sinótico vem de sinopse, de tal maneira que podemos colocar os três Evangelhos, um ao lado do outro e perceber as pequenas diferenças. João tem uma estrutura muito diferente. Não cabe na sinopse, tem outro estilo, outra maneira de pensar, de falar. Primeiro, porque escreveu o seu Evangelho depois que os três estavam escritos. Segundo, porque escreveu bem mais tarde, já com noventa anos de idade. Terceiro, porque escreveu noutro contexto cultural, já com influência grega, da Ásia, por onde andava.

Nesse Evangelho, a idéia principal não é descrever os acontecimentos, como fez Mateus: como João Batista se vestia, onde esteve, o que comia. Ele deixa tudo isso de lado. O que interessa para João é a Teologia. Ele é teólogo por excelência e, por isso, quer saber qual a idéia mais importante que temos que colher desse acontecimento. A idéia que fale de Deus: quem é Deus, quem é Jesus e quem somos nós. Isso é Teologia! São as três perguntas que a Teologia responde e João quer também respondê-las.

Ele coloca grandes imagens: gosta da luz e da água, as duas grandes idéias que atravessam todo o seu Evangelho. Ele é fascinado pela luz! Para os antigos, a luz era das imagens mais fortes. Hoje temos luz elétrica e, praticamente, não sabemos que coisa é escuridão. Só quem viveu na roça pode compreender o que é escuridão. Quando o sol se punha e vinha a noite, sem luz elétrica, a escuridão fechava tudo. A luz tinha, então, uma importância enorme. Quando estamos num lugar escuro, a luz diz de orientação, por onde podemos caminhar. É força, é alegria, é esperança.

Pois bem, é nesse contexto bem antigo, sem luz elétrica, que João vai falar de luz. E joga com duas idéias: quem é a luz verdadeira e quem vai dar testemunho da luz. A luz é Jesus, e sobre isso João não tem dúvidas. Não quer que ninguém saia com outra idéia da cabeça. Ele coloca do início ao fim que Jesus é a luz. Enquanto houver luz, poderemos caminhar. Se ela acabar, cairemos num buraco. João é fascinado por essa idéia: se não tivermos fé, se não tivermos Jesus em nossa vida, caminharemos na escuridão. Seremos cegos, cegos de nascença – como naquele Evangelho (*), um dos símbolos mais bonitos de João. Ele não está descrevendo nenhum milagre, mas colocando quem somos nós: cegos de nascença.

Quando a escuridão oprimia a humanidade, aparece João Batista. Agora já não é mais um profeta, como falava Mateus. João Batista vai significar quase nada, porque o que interessa é Jesus. Ele existe, como um pequenino que tinha

um dedo em riste, apontando para Jesus. Toda a idéia do Evangelho é de que tudo converge para que João Batista aponte e mostre quem é Jesus. João Batista somos todos nós aqui. Isto é o que João, o evangelista, escreve para nós: que nós, cristãos, temos a vocação de ser João Batista! A nossa única vocação na Terra, a maior vocação que temos é apontarmos Jesus para os nossos filhos, apontarmos Jesus para alguém. Nesse momento, descobriremos a nossa vocação. Talvez muitos cristãos atravessem toda a vida sem nunca terem digitado Deus, a não ser nos computadores. Sem nunca terem mostrado, com o seu dedo, quem é Deus, quem é Jesus aos seus irmãos. Esqueceram-se da sua vocação fundamental. Esse João Batista, do Evangelho segundo João, o evangelista, é aquele que nós devemos ser para a comunidade.

Que cada cristão, cada pessoa, cada cidadão, nos vendo, percebam que somos João Batista, apontando para quem é Jesus. Nós somos testemunhas da luz, não somos luz. Somos muito escuros, mas somos da luz. Nossa vocação é, como diz o próprio João Batista, que Ele cresça e nós diminuamos. E João Batista, no Evangelho de João Evangelista, é essa figura de despojamento, que não quer poder nenhum. É o grande modelo dos padres, que querem ser poderosos e mandões. Não, sumam e deixem que Cristo apareça! É um chamado de Deus para todos nós. João Batista não quis ser nada. Quis ser apenas a voz que clama, uma voz que passa. O clamor tem importância não pelo clamor, mas pela realidade pela qual ele clama. Nós clamamos pelo Senhor. É para isso que falamos. Nesse Evangelho, João Batista é um modelo para nós, cristãos. Amém. (18.12.99)

(*) Jo 9, 1-41.

DEUS PREFERE O SILÊNCIO DA NOITE

(Is 9, 1-6/Lc 2, 1-14)

Será que Deus poderia ter encontrado outra maneira mais maravilhosa e, por outro lado, tão simples, para nos revelar quem Ele é? Se fôssemos Deus, talvez tivéssemos encontrado outros meios, porque os seres humanos gostam de pompa, glória, barulho, movimento. Deus escolheu a forma mais simples, mais inocente, menor: uma criança! Ele escolheu a noite!

Vocês já repararam que as duas grandes festas do Cristianismo – a festa que começa e a festa que encerra a vida de Jesus – aconteceram à noite? Nasceu numa noite e ressuscitou numa noite. Deus escolheu a noite para se revelar porque prefere o silêncio, a contemplação, a profundidade, a tranquilidade. Ele gosta muito dos sonhos, gosta muito das pessoas que são capazes de pensar, de imaginar uma coisa maior. A noite é o momento da meditação. Os monges, sobretudo os mais severos em sua disciplina, se levantam todas as noites, vão para os seus templos e lá passam horas rezando. Há congregações, como das Clarissas, que em todas as noites, ininterruptamente, existe uma irmã rezando, passando toda uma noite em contemplação. Enquanto a maioria da humanidade dorme, existem lâmpadas acesas de fé, de oração, rezando por todos nós. Deus tem uma paixão imensa pela noite.

E que meditação mais linda fizeram aquelas duas pessoas, depois de Jesus, as pessoas mais maravilhosas que conhecemos: Maria e José! Não podemos imaginar Maria, a não ser naquele êxtase maravilhoso, olhando para aquela criança, que era mais que uma criança. Como dizia o profeta Isaías: “Emanuel, Deus Conosco!” Quando Maria olhou para aquela criança pequena, ela viu o infinito lá dentro. Foi a primeira que adorou Deus na fragilidade da carne. E eu acho que aí está o maior mistério: Deus escolheu entrar na nossa história, na coordenada tempo/espaco e não quis ser exceção em nada. Jesus não quis nenhum privilégio para si. Submeteu-se à lei do imperador romano. Aquele homem, lá de Roma, dá uma ordem, para que todos os homens se recenseassem em sua terra. Maria obedece. Jesus, dentro de Maria, obedece.

Maria e José não protestaram. Não disseram que traziam o rei, o Filho de Deus, e que não precisariam obedecer ao imperador. Fazem uma viagem dura, durante o inverno, atravessando regiões inóspitas, até chegar a uma cidade, em que não sabiam onde passar a noite. Também não tiveram privilégio, nenhum automóvel para conduzi-los, nenhum hotel de cinco estrelas, nenhuma banda de música tocando, nenhuma faixa para saudá-lo. Tiveram que bater de porta em porta e receberem um não depois do outro. Maria e José se olhavam, naquela agonia terrível, se perguntando onde iria nascer o Filho de Deus, se nenhuma casa se abria? E lembrem-se que José era daquela região. Deveria ter parentes por lá, e nem eles os receberam.

João diz, logo no início de seu Evangelho: “Ele veio aos seus e os seus não o receberam” (*). Os seus podem ser os judeus, pode ser a humanidade, pode ser também a sua família, que deveria estar presente em Belém, porque de lá era José. As portas foram-se fechando. Eles não tinham dinheiro, não poderiam pagar muito, e o momento era ótimo para o comércio. Tinha muita gente, e poderiam cobrar mais pela hospedagem. Eles receberam o que recebem todos os pobres, que não podem pagar: um grande não e a porta fechada. Jesus não foi exceção. Dentro de Maria, já foi rejeitado.

Quando nasce, também não recebe nada. O que teria Maria para oferecer? Pedacos de pano. Dizem que ele foi envolvido em trapos. Cama, casa, quarto? Não. Submeteu-se à lei da História. Esse é o mistério do Verbo. Não vai ser exceção em nenhum momento da vida. Assim irá crescer até a idade adulta e assim irá morrer. Quando é condenado à morte, nenhum anjo desce do céu. Esses anjos, que o evangelista colocou, não são anjos que vieram amparar Jesus. Os anjos somos nós, hoje. Quando o anjo diz que o céu se alegrou, é uma belíssima maneira de o evangelista dizer que todos nós somos os grandes anjos, que estamos cantando. Pois, certamente, o nascimento de Jesus foi no silêncio, no choro, no frio, no abandono. Esse é o seu nascimento real. Mas o nascimento que hoje queremos para Ele é esse que o evangelista nos descreve: com os coros angélicos, os pastores vindo. Os pastores, que somos nós.

A grande lição desse Evangelho é um Deus tão perto de nós e nós, tão longe de Deus. Amém. (24.12.99)

(*) Jo, 1, 10-11.

A SACRALIDADE DA FAMÍLIA (Eclo 3, 2-6.12-14/Cl 3, 12-21)

Hoje é o domingo da família. É um tema que preocupa muito a sociedade e a Igreja. Dele se ouviu falar muito, e foi abordado nesse encontro que houve no Rio de Janeiro (*), em que um grupo de teólogos e cientistas sociais estudaram a família. O papa veio, de certa maneira, dar apoio a esse grande encontro mundial.

Um filósofo latino – Marco Túlio Cícero – escreveu uma frase que ficou célebre. Dizia que “a história é mestra da vida”. Isto é, lendo a história, nós aprendemos. Por isso, o povo que não faz história não guarda a história, e as pessoas que não estudam história cometem muitos erros, porque repetem os erros dos outros.

Um historiador resolveu fazer uma pesquisa para entender porque o Império Romano, que era tão grande e poderoso, de repente, desabou sob a invasão dos bárbaros. Os romanos eram muito mais cultos, tinham muito mais poder que os bárbaros, que vinham das regiões nórdicas, pouco civilizadas, ainda nem usavam roupa direito. Pois eles entraram em Roma e a destruíram, derrubando o Império.

Uma das razões da queda do Império Romano e também das quedas dos nossos *impérios*, que também desabarão se não aprendermos com a história, é que a família romana foi perdendo os seus lares. Daí vem a palavra portuguesa “lar”. Os lares eram as divindades que presidiam a família. Cada família tinha uma espécie de *altarzinho*, onde cultuavam seus deuses e esses eram muito próximos. Estavam ali, acompanhando esposos, filhos e havia uma certa intimidade com eles. Isso dava às famílias uma solidez, uma sacralidade, uma força muito grande. Pouco a pouco, o Império Romano foi tornando-se poderoso e arrancando os deuses dos lares. Começaram a levá-los para as cidades, portanto, um pouco mais distante, até estabelecer os deuses do Império. Quem for a Roma poderá ver o *Pantheon*, onde colocaram todos os deuses, já distantes das famílias. A família começa a perder a sua sacralidade, a presença divina em seu interior. Começa a desarticular-se, desatar-se, desunir-se e, lentamente, o Império Romano desaba.

Ontem eu citava um país europeu que estava para desaparecer: a Dinamarca. Os demógrafos previam que, em décadas, o país iria desaparecer, porque não nascia ninguém. As famílias não se constituíam e, praticamente, só havia estrangeiros chegando e ocupando o país. Mas, recentemente, houve uma guinada. O governo acordou para esse fato, para a gravidade de não se ter filhos. Começaram uma campanha gigantesca. Como é um país rico, tentou e conseguiu incentivar os casais a gerarem filhos, através de concessão de grandes privilégios.

Mas, o mais importante não é a constituição orgânica, porque os animais

também procriam e não constituem família. A família se constitui pelos laços e relações. O que a estabiliza é a sacralidade. Quero voltar novamente ao Império Romano. Eles tinham seus deuses. O Cristianismo chegou e acabou de liquidar o Império Romano, ao trazer o seu único Deus Trindade que, de certa maneira, era distante da concepção de muita gente. A família ficou sem sacralidade. Mas a Igreja é inteligente e percebeu que precisava de uma sacralidade próxima. Aí trouxe os santos, os anjos-da-guarda, as orações, e essa sacralidade conservou a família, de certa maneira, grudada, e ela foi atravessando séculos.

Nas últimas décadas houve uma violenta secularização, isto é, a perda do sentido do sagrado de todas as realidades e, principalmente, da sacralidade da família. Quando isso acontece, a família perde o seu ponto de referência fundamental. Aí não há mais respeito entre ninguém, porque falta o valor que ultrapassa o capricho de cada um de seus membros. Toda vez que não temos uma referência maior que nós, pela qual orientamos as nossas ações, que são critérios de juízo de nossas ações, somos levados a uma rápida decadência. No momento em que a família perde essa sacralidade, perde o valor. O pai não é mais autoridade.

Peço licença à etimologia para dizer que a palavra autoridade vem de *auctoritas*, em latim. Vem do verbo *augére*, que significa crescer. Autoridade é aquilo que faz alguém crescer, porque tem uma força que é maior. Portanto, uma força sagrada. O pai e a mãe, na família, são autoridades indeclináveis e dela não podem renunciar. Se renunciarem, pensando que é democracia, ficando iguaizinhos aos filhos, destruirão a família. Tiram deles o necessário ponto de referência. Os filhos viram moluscos, amebas. Ficam moles, porque não houve uma estrutura que os organizou por dentro. Eles precisam conhecer, ao mesmo tempo, a imensa ternura dos pais, mas também a sua imensa força. Se a criança não encontra pais firmes, que cedem a qualquer bombom, que são comprados pelos desejos da criança, essa criança será destruída e os pais se esquecem disso.

Conversava com um lojista – olhem a sabedoria desse lojista! – e ele me dizia que as pessoas que dão os presentes mais caros não são os mais ricos. São os pais e mães separados. Dão presentes maiores, na tentativa de suprir a presença com presentes. A coisa comprada é o braço esticado da falta da presença, da falta do amor. Se numa sociedade o presente de Natal, de aniversário, substitui o carinho, a presença, estamos caminhando para a pura decadência, porque a coisa nunca substitui a pessoa. É muito mais importante que os pais encontrem e conversem com os seus filhos e digam: “Meu filho, o presente será pequeno, mas será dado com todo o carinho”. Isso vale muito mais que um pacote enorme que chega pelo correio, sem que, ao menos, o pai apareça em casa para levar o presente. A criança fica feliz por alguns instantes, com aquele presente enorme, talvez vindo do exterior, pelo correio, mas o vazio, o tédio enorme daquele pai ausente, corta-lhe o coração.

Temos que voltar a descobrir a imensa sacralidade, a autoridade do pai e da mãe, que não é nem autoritarismo, nem arbitrariedade, nem capricho. Não é o pai impor o que ele quer. É conversar, é explicar. Como diz Freud, é colocar diante da criança o princípio da realidade. Nada educa mais que o princípio da realidade.

Outro dia, assisti a uma cena belíssima. Era uma mocinha universitária carioca, portanto, da cidade mais liberada do Brasil. Estava hospedada na casa onde eu estava, participando de um congresso de arquitetura. Apareceu uma carona para ir de São Paulo ao Rio. Telefona para os pais e diz que voltaria com um amigo, de carona. O pai lhe diz: “Não, você não vai voltar com esse rapaz. Não sabemos quem ele é. A sua vida é muito preciosa. Nós a amamos demais para entregá-la a qualquer desconhecido”. Não foi autoritarismo nem capricho, mas amor. A vida da filha é que importava. Não é o pai, a mãe que, simplesmente, proíbem. Ela toma o ônibus na rodoviária e os pais a encontram no dia seguinte. Qualquer pai *banana* acharia ótimo que a filha encontrasse uma carona com um colega, que poderia se espatifar, depois de se embebedar pelo caminho. Depois chorariam a tristeza e o vazio pelo resto da vida. Os pais dessa família carioca, de classe média, professores universitários, passaram-me uma consciência clara da autoridade deles. Disseram não para uma filha, que não era nenhuma criança, mas deram razões para a negativa e, nessas razões, mostraram autoridade. Não foi um simples “não quero”. Não quero não é argumento. O argumento deve ser racional e ter a verdade como lógica. A única coisa que nos liberta é a verdade. A mentira nos destrói. Quando os pais mentem para os filhos, ao invés de fazerem bem, destroem. A verdade, o princípio da realidade é que educa. Pais que abdicam de sua autoridade fazem mais mal a seus filhos, não resolvendo aquele carinho frouxo que pensam que têm. Amém. (28.12.97)

(*) referência à terceira e última visita do papa João Paulo II ao Brasil, em outubro de 1997.

FÉ E RELIGIÃO NO TERCEIRO MILÊNIO (*)

Na Itália, mais exatamente na ilha de Capri, os filósofos italianos organizavam uma semana de estudos sobre temas importantes. Acharam que a Itália era pequena, principalmente agora, com a União Européia, e quiseram fazer um fórum europeu. Encarregaram dois filósofos de organizá-lo. Um italiano, Gianni Vattimo, considerado um dos mais importantes da pós-modernidade e um francês, Jacques Derrida, também muito conhecido. O italiano, quando recebeu essa incumbência, pensou com seus botões que a religião seria o primeiro tema a ser proposto. Não disse nada a ninguém e procurou saber do filósofo francês que tema ele proporia. A resposta coincidiu: religião. Sem se comunicarem, sem fazer nenhuma consulta, dois filósofos pós-modernos, completamente desligados da religião, de repente, têm a mesma idéia. Isso é sinal dos tempos, sinal de que estamos vivendo uma outra atmosfera.

Outro dado, só para iniciar. Harvey Cox, um filósofo e teólogo americano, já que estamos recordando a triste aventura do dia onze, professor de Harvard, escreveu na década de 70 um livro que ficou muito famoso: *A cidade secular*, onde anunciava que o mundo se tornaria secular. Agora, no final do milênio, escreveu outro livro: *Fogo do céu*. O que se passou entre 70 e 90 para que, alguém que escreveu um livro sobre a cidade secular, agora diga que a grande novidade é o fogo descido do céu? E diz nesse livro que, para ele, o maior fenômeno cultural dessa virada de milênio e de século é religioso. Ele prevê um terceiro milênio profundamente religioso.

Os americanos são muito bons em pesquisas de opinião, por isso nós copiamos e fazemos esta quantidade de pesquisas eleitorais. Fizeram uma imensa pesquisa e publicaram num livro chamado *As grandes tendências*. Marcaram dez tendências e uma delas é de que vai crescer o fenômeno religioso.

Malraux, um filósofo francês agnóstico, tinha muita reserva a todo o mundo cristão. Conversando com Frossard, um filósofo convertido, falecido há pouco tempo, disse-lhe que o próximo século seria um século muito religioso.

Como é que homens tão diferentes, tão alheios ao mundo da religião, de repente, começam a perceber alguma coisa no ar? É isso que sentimos hoje e sobre esse tema vamos conversar. Só que vou começar pelo oposto, isto é, como os autores que terminaram o século XIX achavam que fôssemos partir para uma sociedade absolutamente secular, sem nenhum traço religioso, sem nenhuma força religiosa?

Friedrich Nietzsche, famoso filósofo alemão que viveu no século XIX, tem uma belíssima parábola, no sentido literário. Fala de um jovem de trinta e poucos anos que sobe a montanha, passa um tempo lá e, quando desce, encontra um velho da floresta, cantando hinos. Ele pensa consigo que o pobre velho não sabe que Deus morreu e sai gargalhando. Heidegger, o grande filósofo alemão,

diz: “o nosso coração está cheio, pleno de compaixão, pois é o próprio velho Javé que se prepara para a morte. Não escutais o repicar dos sinos? De joelhos, levam-se os sacramentos ao Deus que morre”. Isso falavam no século XIX.

Estávamos nisso. Mais tocante até é o testemunho de D. Bonhoeffer. Foi muito falado na Alemanha, e também no Brasil. Era um pastor luterano alemão. Olhando para a Alemanha de Hitler, viu que não havia solução para o país. Fizeram um pacto com o exército e acharam que a única solução era assassinar Hitler. Tiraram sorte sobre quem armaria a sua morte. Conseguiram colocar uma bomba sob a sua mesa. A bomba explodiu, mas Hitler saiu ileso. A Gestapo identificou todos os que estavam no grupo e assassinou-os. Mas o mais impressionante é que, na prisão, ele escreveu uma carta, já no final do regime nazista. E dizia que iríamos viver uma era totalmente secular. Estava espantando como a consciência do mundo era insensível aos gigantescos crimes que o Nazismo cometia, conduzindo milhões e milhões de judeus aos campos de concentração para serem assassinados. Esse homem achava que não era possível que o ser humano fosse, *a priori*, religioso. Era um pastor, acreditava que pudesse falar à dimensão religiosa das pessoas e chega à conclusão de que elas não tinham essa dimensão. Só nos restaria caminhar para uma sociedade secular. Esses anúncios nos deixam perplexos.

Por outro lado, havia pessoas que anunciavam esse surto religioso, como estamos vendo hoje. Explodem em todas as partes sinais religiosos, começando pelo fundamentalismo, que nos amedronta. Li um artigo muito interessante, por ocasião da derrubada das torres (1), onde se falava sobre os três fundamentalismos: dos judeus como estamos vendo o que está acontecendo em Israel, dos islâmicos chegando a ponto de derrubar as torres, e o mesmo artigo falava também do fundamentalismo cristão, que foi a resposta americana. Comenta-se que foi toda uma linguagem religiosa. Se alguém observar os discursos feitos por Bush, logo depois dos atentados, verá que ele usava metáforas do Evangelho: “quem não estiver comigo, está contra mim!” Esse discurso do bem e do mal é extremamente apocalíptico. Podemos encontrar no Apocalipse, em Daniel e em tantos outros livros da Bíblia. Aí o fundamentalismo emerge com toda a sua força.

Se olharmos os sinais brasileiros, veremos que o IBGE (2) fez pesquisas sobre o cenário religioso. Diz que no Estado do Rio de Janeiro, a cada semana, criam-se pelo menos duas ou três novas igrejas. Não é uma mesma igreja que cria uma filial, são novas igrejas. Vivemos rodeados de milhares de diferentes igrejas, autônomas e independentes, que têm sua própria identidade. Isso apenas no Estado do Rio de Janeiro. E oitenta por cento delas são nativas, não são mais importadas. O fenômeno está pegando todo este povo brasileiro. Até mesmo manifestações exóticas, como das escolas de samba, querem trazer essa realidade para as ruas: estátuas do Cristo Redentor no sambódromo, mulheres vestidas como Nossa Senhora. Esse clima era impensável tempos atrás, e agora acontece natural e espontaneamente, sem maldade, sem perversidade. É o espírito do

tempo, que está entre o aleatório, que hoje as ciências exatas estão descobrindo. Também, na própria Biologia, já se fala em acaso e necessidade e nas pessoas clássicas da harmonia pré-estabelecida. Tudo isso está muito metido na nossa cabeça e sempre pensamos que é destino.

Eu digo que isso que está acontecendo não é nem aleatório nem determinístico, mas algo que eclode de dentro, e aí as pessoas vão procurar encontrar causas, tentar explicar. Eu ainda diria que esse fenômeno se manifesta, de modo bem forte, naquilo que chamamos de novos movimentos religiosos. Não vou tecer muitos detalhes porque não conheço o horizonte religioso de quem está me ouvindo. Se estivesse falando numa igreja poderia falar de vários *times*: temos o Neocatecumenato, a Renovação Carismática Católica, uma quantidade enorme de movimentos que estão crescendo. Essa é uma visão carismática, no sentido mais fiel do termo. Por isso eu não quero afirmar que esse fenômeno se identifica com o que chamamos de Renovação Carismática. É algo muito maior, porque esse fenômeno, que eu chamo carismático, afeta a economia, a política, a cultura e a religião.

Por exemplo, a economia. Veja a diferença entre o fordismo (3) e agora as fábricas modernas, com muito mais criatividade. Há empresas onde os funcionários quando se cansam, param, vão a uma sessão de ginástica e depois voltam ao trabalho. Isso não é terrorismo, não é fordismo, não é disciplina. Nada disso. É espontaneidade. Nas fábricas do Japão, as pessoas começam o dia com *tai-chi-chuam*, e com isso se distendem. Outros fazem exercícios respiratórios. Estão no trabalho e tudo isso é rotina.

Li recentemente um livro de um autor italiano, Domenico De Masi, chamado *O ócio criativo*. Numa entrevista, lhe foi perguntado sobre a sua idéia de onde uma sociedade de uma economia muito mais viva, muito mais carismática poderia se realizar. Não respondeu Itália, muito menos Inglaterra, menos ainda Estados Unidos. Mas lembrou-se da Bahia, onde tinha estado e gostado muito. Um pensador italiano preocupar-se e achar maravilhoso esse viver baiano é sinal de outros tempos. O que antes era considerado vagabundo, sem vergonha agora é positivo. Há vários especialistas que estão estudando novas maneiras de fazer a triagem das pessoas. Vem um técnico com um currículo maravilhoso, mas totalmente fechado. Vem outro muito menos *Harvard* (4), e o escolhido é ele. Preferem o mais comunicativo. É isso que eu chamo de novo espírito do tempo.

Soube de uma entrevista para escolha de funcionários, começando bem cedo. A primeira pergunta feita aos candidatos era sobre quem já havia lido os jornais do dia. Um ou dois ou três pessoas se manifestaram e foram convidadas a continuar. As demais foram dispensadas. O que tem a ver o fato de ler jornal como pré-requisito para trabalhar com uma máquina? Quem lê o jornal logo de manhã é alguém mais *antenado*, mais interessado, mais carismático. Quando isso chega à cultura e quando entra na religião, explode. É esse o fenômeno que vamos analisar rapidamente.

Vamos ver então, como esse fenômeno se multiplica. Na política, vamos tomar os showmícios. Comparem a militância de 89 com o terno *Armani*, com a barba bem feita, com a *plasticazinha* na esposa, e verão a diferença (5). O que é o *marketing*, senão o carisma entrando na política? O *marketing* não é tecnologia, no sentido primeiro. É a escolha do gosto, da beleza, do que toca as pessoas, os sentimentos. Isso não é *enquadrável*, mas intuição. Os grandes *marqueteiros* não estudaram no sentido técnico, e por isso dizem que esse momento é muito mais feminino que masculino. Com isso, os homens ficam até mais femininos. Reparem no modo de os rapazes se vestirem – calças largas, camisas coloridas, brincos, anéis. Tudo isso é espírito do tempo. Não dá para se fazer análises minuciosas. É preciso captar.

Acabei de ler um livrinho muito simpático de um autor francês, Edgar Morin, em que ele começa a dizer que há dois tipos de cientistas. Uns acumulam cada vez mais sabedoria, ciência, conhecimento, de um objeto cada vez menor. Há especialistas na metade do figado. No fim, vamos saber tudo de um nada. Contrapondo, ele fala dos generalistas, que são pessoas mais comuns, que tentam captar o conjunto, os sinais. Entendem e captam as realidades humanas e conseguem então unificar, articular, relacionar os diferentes conhecimentos. Começa a tomar importância hoje a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade. Quer dizer que, de repente, um objeto qualquer – o corpo humano, por exemplo – pode ser olhado com o olhar do antropólogo, do psicólogo, de um artista. O mesmo ser humano pode ser visto em diferentes aspectos. Começamos a perceber que não dá mais para esfacelarmos.

O grande símbolo do pensar científico era a anatomia. Um jovenzinho entrava para uma escola de medicina e recebia um bisturi e um cadáver. O objetivo era dissecar o máximo possível. De que adianta dissecar, se eu não conheço a totalidade da pessoa? Hoje se interessa muito mais pelo lado afetivo. Estava outro dia visitando uma família, e a filha, recém-formada em odontologia, contava que um cliente queixava-se de dor de dente, e ela diagnosticou carência afetiva. Ele procurava-a para ser ouvido. Qualquer especialista podia abrir-lhe o dente e não acharia nada. O mal está na alma, no espírito. Exatamente essa realidade consegue penetrar todos os interstícios.

É essa a noção de religião: ela entra nos lugares mais escusos do nosso coração, dos nossos desejos e não nos damos conta. E quando não entra diretamente, entra camufladamente. Se pararem para observar, irão encontrar temas e toques religiosos na propaganda mais civil, mais laica, mais secular. Só para dar um exemplo: há coisa mais secular que uma lata de óleo? Uma coisa cotidiana, banal. Pois bem, uma propaganda mostrava uma multidão reunida. Chega uma pessoa, levanta a lata e ao fundo toca um acorde de Bach (6), que lembra a elevação da hóstia. Não precisou dizer nada, mas todos olhavam para aquela latinha com o mesmo olhar que as senhoras do Apostolado da Oração olham para a hóstia consagrada. A mesma devoção, descobrindo Jesus lá dentro.

Mexe com o nosso inconsciente, diria mais, com o nosso imaginário. Não nos damos conta de como o nosso imaginário religioso é forte. É como a famosa frase: “graças a Deus, eu sou ateu”, dita por um líder soviético, Kruschov. Para compor a palavra ateu, temos que colocar Deus. Ateu é não Deus. O nosso imaginário está impregnado e por várias razões.

Para mim, uma grande razão foi o vazio gigantesco deixado pelo Socialismo que foi a maior religião secular do século passado, com bilhões de seguidores. Era extremamente religioso. Frei Betto (7), bem jovenzinho, escreveu uma *apostilha*, onde tomava diversos conceitos marxistas, que ele conhecia bem, pois passou quatro anos fazendo *pós-doutorado* na cadeia. Lá ele viveu entre esse grupinho bem de esquerda, marxistas e leninistas que tinham sido presos com ele. Ele diz que a idéia fundamental do marxismo era um messianismo. O proletário era um messias, com a chave da luta de classe. Portanto, com o Evangelho na mão, podia interpretar o passado.

A luta de classe era uma chave hermenêutica, com a qual o Marxismo abria todo o passado, interpretava o presente e anunciava o futuro. Isso é evangélico. Queriam construir o paraíso. Enchiam os corações de toques religiosos. Não eram seres materialistas, ateus. Isso é ilusão de ótica. Marx era judeu, inteligente, conhecia bem o Antigo Testamento. Trabalhou toda a expectativa que o povo de Israel viveu quando Jesus chegou. E Jesus falou de Reino de Deus, como Marx vai falar de reino e Hitler vai criar o *Reich*, também reino. Só que o reino de Hitler vai durar de 1933 a 1945. E, quando caiu, deixou um imenso vazio, por onde a onda religiosa entrou. Por isso, na Rússia, os templos se enchem. Os primeiros natais depois da queda do Comunismo foram maravilhosos. Como um povo doutrinado *ateisticamente*, em todas as escolas, em todas as universidades de 1917 a 1989, formando várias gerações, de repente, de onde acorda essa religião? De repente, damos conta de uma realidade que aparece e se manifesta em formas históricas, concretas e diferentes e, por isso, nos enganam e nos dificultam perceber. É como se tivéssemos um olhar e percebêssemos os subsolos, as camadas geológicas. Conversando com um senhor lá no Paraná, ele me dizia que estávamos sobre uma imensa massa de água, das maiores reservas do mundo. São os lençóis freáticos que atravessam a humanidade toda e ficam escondidos.

Um pensador francês, Denis Lecompte, tentando explicar este fenômeno atual, diz que o paganismo era forte até o terceiro século, quando apareceu o Cristianismo. No quarto século, Constantino converte, à força, todo o Império Romano para o cristianismo. Com isso transforma radicalmente esse magma religioso. Simplesmente batiza todos os pagãos, cria a festa do Natal, substituindo a festa do sol invicto, que era uma festa pagã. Essa camada pagã continuou a existir por baixo do Cristianismo, que se colocou como uma única religião, fortaleceu-se ao longo da Idade Média e na Idade Moderna.

Os pensadores mais críticos da Idade Moderna, que são do século XIX

– Nietzsche, Freud, Marx – começam a demolir essa camada cristã. A própria religião, de certa maneira, se seculariza. Usando uma imagem geológica, o magma quebra e os vulcões religiosos explodem de todas as maneiras. E esses vulcões têm muito de toques pagãos. Por isso, estamos vendo, de certa maneira, uma festa religiosa de todas as cores. Essa farândola religiosa de todas as formas.

O que mais chama a atenção são as possibilidades religiosas que temos hoje. Em Campinas se construiu um *shopping center* de mais de um quilômetro, em todas as partes temos *shoppings* religiosos de centenas de quilômetros, onde podemos encontrar todas as manifestações religiosas possíveis e diferentes. Com todas as formas, ritos, cultos, vestes, *fumacinhas*. Enfim, tudo o que quiserem. Tudo está à disposição de qualquer um de nós.

Não sei se sabem de um pormenor brasileiro. Em Campina Grande, na Paraíba, o prefeito decidiu que o carnaval não será mais carnaval profano, mas religioso. Transformou a cidade num centro religioso. Estive lá há uns três anos. Numa grande escola, todas as salas de aula são transformadas em pequenos mostruários religiosos. Qualquer denominação religiosa, qualquer culto esotérico, hermético, sincrético, o que quiserem, pode expor sua religião. Também há as manifestações alternativas. Passam-se os dias todos naquele universo: Santo Daime, União do Vegetal, *Hare Krishna*. É bom saber que isso acontece no Brasil. E durante as tardes e noites há mesas redondas. Participei de uma com sete denominações religiosas diferentes: africana, bahaista, oriental, todos conversando como bons amigos. Pessoas de todas as idades, inclusive muitos jovens. As caras mais estranhas que se pode imaginar. Mas em tudo, o toque religioso.

Tudo isso acontece em decorrência do vazio e desprestígio das grandes ideologias, o vazio e desprestígio da política, o desprestígio das ciências. A razão científica entrou gravemente em crise. Primeiramente, por uma razão científica. Para o Círculo de Viena (8), a realidade era aquilo que observávamos, após muitas certezas e evidências. De repente, o cientista diz que o objeto depende do observador. *Dá nó* em qualquer cabeça. Ninguém mais entende uma cidade pela distância. Tudo isso fez com que a ciência perdesse a segurança. Já não interessa quantos quilômetros você percorre para ir ao trabalho. Tudo depende do tempo, do horário, de outras condições externas. A matemática já não basta. A ciência, acostumada a marcar todas as coisas germanicamente, prussianamente, de repente, se perde. O que tem, então, leveza e flexibilidade, senão a religião?

Há outras razões mais fortes ainda. Quem construiu a bomba atômica? Terá sido um arcanjo que trouxe do céu pedaços de estrelas e tochas de fogo? Ou foram inteligências humanas, científicas, prêmios Nobel de ciências que fizeram a bomba atômica? Não são cientistas que fabricam bombas que matam pessoas inocentes? Que ciência é essa, que mata, que assassina? Pessoas limpas, assépticas, todas de batas brancas, intocáveis, trabalhando em seus laboratórios e planejando a morte de milhares de pessoas. Essa ciência, essa inteligência, essa

razão deve ser revista. Como posso confiar numa ciência que fabrica armas para matar? Tudo isso provoca o desprestígio da ciência, da política, da economia. Ou melhor, uma flexibilização da economia. Vem toda uma quantidade imensa de miséria. Que recurso de salvação, que saída têm as pessoas nas duas situações tão comuns hoje, aqui no Brasil – na dor e na miséria?

Por que a Igreja Universal do Reino de Deus cresce assustadoramente? Porque é lá que as pessoas encontram vida, encontram respeito, encontram dignidade e se tornam gente. A quantidade de homens bêbados, que batiam nas esposas, entra na Igreja Universal e logo está de terno e *gravatinha*. São homens que já não batem nas mulheres, tomam banho, não gastam com bebida. É claro que melhoram de vida. Quem ressuscitou esses seres humanos? É disso que não estamos dando conta. De dar uma nova dignidade às pessoas. Com os nossos olhos críticos, vamos dizer que eles exploram. Não nego isso, mas prefiro olhar de baixo. Essas pessoas buscam o milagre porque a sociedade não lhes dá nada e elas precisam buscar forças. Não é só alienação, mas algo muito ligado à dignidade do ser humano. Falta-nos entender o homem em sua totalidade e esse homem que vai à Igreja é uma totalidade. Ele é recebido na porta pelo pastor que também vai à sua casa. Dizem, que até prostitutas pouco vestidas, eles acolhem. E de repente, aquela mulher que sempre foi desclassificada, desprezada, é acolhida num templo. Imaginem a alegria dessa mulher!

Vivemos uma crise terrível: viver sem ter sentido, viver sem saber para quê! Quem responde à pergunta da morte? Quem responde à pergunta do sofrimento? Que ciência pode nos dar respostas? A única resposta vem da religião. As pessoas angustiadas buscam qualquer religião. Elas vão atrás. Sejam aquelas pessoas metidas na miséria ou aquelas que a sociedade marginaliza. Se não buscarem na religião, buscarão na droga, que as farão *viajar*. São como experiências semi-religiosas.

A. Greeley, um sociólogo americano, que tem um artigo luminoso chamado *Psicodelismo sagrado*, mostra a convivência, a proximidade entre a experiência psicodélica, isto é, que envolve sons, *rock-and-roll*, com a experiência do sagrado. Não digo o sagrado cristão – Deus, Trindade, Jesus Cristo, mas sagrado. E nessa confusão geral, vive o povo. É uma pergunta que todos deveríamos fazer: o que a fé, a religião, podem acordar em nós neste momento? Eu diria que a religião é a única força que defende os pobres. Não digo a Igreja Católica não, mas a religião. E onde buscamos forças maiores para ir além de nós mesmos? Há um filósofo francês – Luc Ferry – que eu aprecio muito, que fala da transcendência e da imanência e não quer citar Deus. Mas ao lermos seus escritos, percebemos claramente um salto que só pode ser Deus. Reconhece a transcendência, mas na imanência. A imanência não dá conta, então recorre à transcendência, que é a única que satisfaz. E o que nos dá isso é a religião. Nós nunca vamos entender sem essa dimensão religiosa. Esse é o grande erro da civilização ocidental. Ela esqueceu a antropologia, de onde

viemos, onde estamos e para onde vamos. Esqueceu onde nasce a Filosofia. O início da Filosofia é Platão, buscando a alma imortal, o mundo das idéias e o mundo divino. Daí vem toda a filosofia do ocidente. E como podemos esvaziar dois mil e tantos anos? Como se fosse uma *anestesiuzinha*, que nos possibilitasse tomar um bisturi e simplesmente cortar?

O ateísmo é extremamente religioso. Todos os filósofos mais violentos, os mais ateus, de vez em quando dão um salto. Por mais que falem, no fundo percebemos que são pessoas que se debatem violentamente. É por isso que aflora, principalmente nos momentos de crises maiores da consciência e da civilização, o sentimento religioso. Alguns filósofos acham que estamos, não numa crise cultural, mas numa crise civilizacional. Portanto, se tudo o que construímos em dois mil e seiscentos anos, desde os pré-socráticos até hoje, entrou em crise, é de se esperar uma explosão da maior força que a humanidade tem, que é a religiosa.

ESPAÇO ABERTO PARA PERGUNTAS:

ECUMENISMO, ÉTICA E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Nós, da Teologia, usamos o termo ecumenismo somente para o diálogo entre as Igrejas cristãs. Sem dúvida, é fundamental o ecumenismo, mas nós ganhamos, para além dele, o diálogo inter-religioso, portanto, entre todas as religiões. E também o diálogo ético e humanitário. São três círculos. Num círculo maior, o diálogo ecumênico. Há ainda um círculo menor, onde entram todas as religiões, e um diálogo mais amplo, eu diria um diálogo ético e humanitário. O que está em crise é toda a humanidade, é a vida do planeta. Não basta a religião, que é uma força. H. Küng, um autor suíço que está trabalhando muito isso, está elaborando uma ética global e acha que, para construí-la, a religião é uma das forças mais importantes. É um pouco como um motor, a motivação, a força interior. Mas o nosso horizonte vai além da Igreja. Temos de colocar nesse horizonte as bombas, as destruições, os conflitos e todas essas coisas. Tudo isso entra nesse grande diálogo. A própria natureza está redescobrendo uma sacralidade radical e reagindo contra a maneira como o mundo industrial, a tecnologia, a razão instrumental tratou a natureza como um objeto. Nós como sujeitos e a natureza como objeto. Usaríamos a natureza tanto quanto precisássemos, para os nossos luxos. É essa mentalidade que está em crise na civilização ocidental, porque ela fez da natureza uma realidade infinita, como se pudesse explorá-la sempre, que ela sempre seria a mãe generosa.

FÉ E PRÁTICA RELIGIOSA

A leitura que fazemos do sentimento religioso vai além. Quem nos constitui com esse sentido religioso é a própria Trindade. Este Deus, que é trino, nos chama para uma relação pessoal com Ele que só se realiza plenamente no

momento em que assumirmos em clareza e explicitação essa relação. Se eu falo para um auditório onde eu conheço o nível de fé, posso falar aquilo que K. Rahner chama “o cristão anônimo”. Quem vive uma dimensão religiosa, mesmo não tendo fé, vive uma fé anônima. A dimensão religiosa só é real se é relação com o mistério, com a transcendência. E só há transcendência em Deus. Mesmo para quem não sabe que Ele é trino, mesmo para quem não sabe o que é Igreja. É um só e com Ele eu me relaciono, mesmo que eu não saiba. Portanto, a dimensão de fé atravessa tudo. Só que não atravessa com a palavra fé. Quando uso a palavra fé, preciso de uma instância de revelação que me diga, me nomeie essa realidade. A revelação nomeia essa realidade. E para isso diz Santo Agostinho: “Inquieto está o nosso coração, Senhor, até que descanse em ti!” Essa inquietude está em todos. Quando ele era jovem, buscava, desvairado, todas as belezas. No fundo, buscava fora o que estava dentro. E ele continua: “Oh, Beleza Infinita, tarde te amei! Eu te procurei em todas as coisas fora de mim. Tu és o mais interior e sublime de mim mesmo”.

FUNDAMENTALISMO E GUERRAS RELIGIOSAS

As guerras religiosas são as mais violentas. Ensanguentaram a Europa e, agora, temos o fundamentalismo. Mas a única saída para o fundamentalismo é a própria religião. Só que ela precisa ser interpretada de outra maneira. Não saímos da guerra religiosa pela singularidade. A saída é a crítica do fundamentalismo religioso, que se faz através da própria religião e, se quiserem, a partir da fé. O único Deus que existe é o Deus do perdão, da acolhida, do amor e da paz. Podem abrir o Evangelho, *de cabo a rabo*. Um autor, que não é cristão, Sponville, é autor daquele bellissimo livro *O Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. No último capítulo, quando fala do amor, ele fala do amor *ágape*. Na Terra, com um pouco de boa vontade, talvez seja o amor de mãe. Mas, no geral, o único capaz de ter o amor *ágape* foi o Cristo, ao perdoar os inimigos na cruz – “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!” O perdão é uma realidade que não existe no mundo social e político. Estou no Tribunal de Justiça e posso perguntar para qualquer juiz se ele perdoa. O juiz absolve, mas não perdoa. Perdão não entra na categoria jurídica. O comércio não perdoa. O famoso perdão das dívidas nunca foi perdão. Perdão é uma dimensão religiosa. Só a religião, e eu diria mais, só a religião cristã tem a força única de mover perdão. Só uma leitura religiosa teologal da religião pode evitar o fundamentalismo. O fundamentalismo nasce de uma leitura deturpada e animal que fazemos de Deus. Animal, porque é ele que reage violentamente. Se açularmos um cão, ele ataca. Nós somos animais e a religião é a realidade que mais nos humaniza, portanto, que nos leva à categoria mais sublime do ser humano. Seremos mais sublimes como seres humanos quando perdoarmos. O fundamentalismo não sabe o que é perdão, e talvez não saiba o que é religião. Simplesmente usa e manipula a religião e os sentimentos religiosos, mas não atinge a raiz última do sentido religioso.

A FUNÇÃO DA IGREJA E A MULHER NO MINISTÉRIO SACERDOTAL

Quando falamos de perspectiva, ela pode ser analítica, ideológica ou projetada. Se penso analiticamente, tenho que dizer que as instituições tendem a perder força, como tal. As pessoas frequentam as instituições, não por causa das instituições, mas porque desejam alguma coisa e, enquanto as satisfizerem, continuarão. No momento em que não mais as satisfizerem, deixam a instituição, seja a Igreja Católica, ou qualquer outra. A instituição não é mais aquela que rege, enquanto instituição. Ela está fazendo tudo o que pode para oferecer o melhor para que as pessoas se satisfaçam lá dentro. A Igreja Católica está embarcando, em parte, nesta onda. Há fenômenos que todos conhecem, onde há uma *igreja marketing*. Ela se apresenta bonita, festiva, com cantos e danças e coloca um milhão de pessoas em estádios. Essa é uma tendência. Todas as religiões, se quiserem, podem embarcar nesse tipo de expectativa de demanda das pessoas. As pessoas demandam experiências religiosas. Não demandam religião como instituição. Isso é análise.

Ideologicamente, eu falaria em nome da Instituição. Há duas ou mais tendências que gostaria de esclarecer. Uma tendência de manter as exigências, não importando se os fiéis diminuem ou não. É a posição de Ratzinger (9). Pode haver todo tipo de reclamações e reações, mas não se abre mão do que se considera essencial e fundamental para a nossa religião. Outra parte da instituição responde diferentemente. Temos que ouvir os sinais dos tempos, ouvir o que acontece, porque Deus fala nos acontecimentos. Não é só o demônio que fala na realidade. E precisamos entrar num processo de interpretação, de *refazimento*, seja da instituição, seja das nossas teorias e teologias.

Passemos agora para o problema da mulher na Igreja. Há duas grandes leituras. Uma, que todos aceitamos: as vontades expressas de Jesus e sobre as quais não temos poder. Aquilo que Jesus nos deixou, como elemento fundamental para a compreensão de Deus Pai, da salvação, não depende de nós. Agora perguntemos: será que esse fato de Jesus não ter escolhido nenhuma mulher como apóstola é expressão da vontade dele ou é um dado cultural da época? Portanto, valeria para aquela época e não para hoje. Essa é a posição de muitos teólogos. A instituição ainda não aceita, no momento, essa fundamentação. Há correntes que acham que é vontade de Jesus e outras que dizem que é um dado cultural. Só que essa segunda leitura a instituição ainda não aceita. Só a História poderá nos dizer. Eu posso colocar em dúvida, porque muitas coisas importantes foram modificadas. Posso dar um exemplo bem recente: até a década de cinquenta, dizer que o início da humanidade é um conjunto de casais era inaceitável para a fé católica. Hoje não há nenhum teólogo sensato que não aceite. Ainda que agora os cientistas estejam chegando à conclusão de que todos viemos de uma única mulher (10).

Não são dados da fé, mas da ciência. Há muitas posições importantíssimas, seriíssimas, gravíssimas que mudamos, porque culturalmente, percebemos que havia uma leitura científica superada. Aqui há uma lição antropológica. É a antropologia judaica que, naquele momento, nunca poderia aceitar a mulher em qualquer função. Mas terá Jesus assumido a antropologia judaica como uma antropologia definitiva para todos os tempos? Isso não parece verídico.

FÉ E RAZÃO

Interessante é que João Paulo II começa a sua encíclica *Fides et ratio* com uma comparação semelhante. As duas asas: da ciência e da religião. Eu creio que estamos neste momento em que a ruptura violenta entre fé e religião, por desinteligência de ambas as partes, já não é problema para o diálogo de grandes cientistas e teólogos inteligentes. Não há mais lugar para uma fé que não entenda a ciência e também para uma ciência que não chega tão junto, para conhecer o ser humano. Como posso falar de pecado se eu não conheço Psicologia? Também dizer que com a Psicanálise eu resolvo o perdão é não entender a fé.

- (1) referência ao atentado às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos.
 - (2) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
 - (3) referência a Henry Ford, precursor da indústria automobilística americana.
 - (4) referência a uma grande universidade americana.
 - (5) aspectos da campanha eleitoral de 2002.
 - (6) grande músico alemão.
 - (7) Carlos Alberto Libânio Christo, frade dominicano.
 - (8) Movimento filosófico iniciado nas duas primeiras décadas do século XX, responsável pela criação de uma corrente de pensamento intitulada positivismo lógico. Esse movimento surgiu na Áustria, como reação à filosofia idealista e especulativa que prevalecia nas universidades alemãs.
 - (9) cardeal alemão, que seria eleito papa em 2005.
 - (10) referência à descoberta de um esqueleto de mulher, na região de Lagoa Santa – MG, a quem se deu o nome de Luzia, considerada a ossada mais antiga das Américas.
- (*) palestra proferida no Tribunal de Justiça de Minas Gerais, no projeto *Pensa TJ*, em 12.09.02.

QUAL O FUTURO DO CRISTIANISMO?(*)

Quando eu fiz essa pergunta, uma pessoa telefonou-me escandalizada: “Como o senhor coloca uma interrogação se o Cristianismo tem futuro? O senhor duvida disso?” E eu lhe disse que, se lermos atentamente os evangelhos, perceberemos que há duas tradições, não opostas, mas pelo menos antitéticas, isto é, estão em tensão. Há aquela passagem no final de Marcos e Mateus, quando Jesus diz: “Eu estarei convosco até o final dos tempos”. Parece, portanto, que o Cristianismo tem uma garantia. Mas em Lc 18,8 há uma frase intrigante. Podemos ler o Evangelho mil vezes, mas um dia tomamos uma frase e nos assustamos, ainda que não tenhamos percebidos nas outras novecentos e noventa e nove. Em Lucas há uma interrogação:... “mas quando vier o Filho do Homem, acaso achará fé sobre a Terra?” É Palavra do Senhor. Foi Jesus que colocou a interrogação, não eu. Então é problema dele. Foi o que eu disse à senhora que se escandalizou.

De fato, comecei a pensar: será possível que o Cristianismo desapareça? É possível. Resolvi fazer uma distinção entre quatro categorias. Uma coisa que sempre gosto de fazer, porque considero didática, é distinção. Na velha Escolástica, havia uma frase famosa: *in distinciones salus* – na distinção está a salvação. Quando estamos *embrulhados* numa aula, fazemos uma distinção e escapamos. Portanto, eu distingo Jesus Cristo, Cristianismo, Igreja e ser cristão. Vamos fazer, portanto, quatro perguntas: Jesus Cristo tem futuro? O Cristianismo tem futuro? A Igreja tem futuro? Ser cristão tem futuro? Eu acho que as respostas não são as mesmas. Essa é a nossa reflexão de hoje. Um pouco diferente do livro, pois ele vocês já leram. Tentarei fazer uma reflexão diferente para que possamos começar a pensar.

Jesus Cristo tem futuro? Outra coisa que aprendi em didática é sempre responder sim e não, nunca apenas sim, nunca apenas não, porque nenhuma realidade humana é apenas sim ou apenas não. Sempre é sim e não. Vamos ver então sob que aspecto Jesus Cristo tem futuro e sob que aspecto não tem. Primeiro, temos que lembrar que, quando falo em Jesus Cristo, quero referir-me àquela pessoa histórica, que viveu na Palestina, que teve um corpo como o nosso, nascido de uma mulher chamada Maria. Oficialmente, o seu pai conhecido era José, porque ninguém sabia do mistério da concepção de Maria.

Há outro fenômeno interessante, porque há uma tradição muito forte no Novo Testamento, que afirma que Jesus tinha irmãos e irmãs. São tradições diferentes. Os exegetas – eu não sou exegeta, mas aprendo com eles – dizem que, quando uma idéia vem de tradições independentes, é sinal de que é coisa muito mais séria. Quando há uma só tradição, um copiando do outro, vale uma só. Mas, quando há tradições totalmente independentes referindo-se ao mesmo fato, é mais provável que o fato seja histórico. Essa é uma lei básica de exegese. E sobre Jesus ter irmãos há várias tradições. Fala-se de Tiago, o irmão de Jesus,

que os irmãos de Jesus não acreditavam nele. Aí começamos a imaginar o que pode significar isso. Embora eu só tenha estado em Nazaré uma vez, e não tive oportunidade de perguntar a Nossa Senhora, nem tampouco a Jesus, eu elaborei uma hipótese. Naquelas culturas antigas, as famílias tinham certa precariedade – seja de saúde, política, economia – e não raro, faltando pai ou mãe, os tios acolhiam seus sobrinhos e, muitas vezes, numa mesma casa, moravam juntos. Para o judeu primo ou irmão era linguagem muito próxima. Não havia os conceitos que temos hoje. O mais provável é que, de fato, Jesus tenha vivido numa casa com mais pessoas. Não aquele casal bonitinho das gravuras: Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus lourinho. Provavelmente, Ele morou com muitos irmãos e irmãs.

E é bom saber que, quando Jesus era criança, lá pelos doze anos mais ou menos, a capital do Estado – a Belo Horizonte deles – foi destruída pelos romanos. Era Séforis, que ficava a mais ou menos uns dezoito quilômetros de Nazaré, portanto, uma distância alcançável a pé. Lá, muitos de Nazaré iam buscar trabalho. A destruição dessa cidade terá arruinado muitas famílias, sobrando, provavelmente, muitas crianças.

É esse Homem, que viveu numa família, que é Jesus Cristo. E, quando conviveu com as pessoas, elas não atinavam quem Ele era. Só começaram a entendê-lo depois da morte e ressurreição – isso parece muito claro. Portanto, quando falamos Cristo já nos referimos à percepção de Jesus após a ressurreição. Quando falamos apenas de Jesus, nos referimos àquele que era conhecido como homem dotado. Esse sim, deveria ser uma pessoa muito dotada, que deveria ter um carisma muito grande, a ponto de impactar as pessoas. Várias passagens comprovam isso. Por exemplo, João, com noventa anos, se lembrava da hora em que encontrara Jesus. E eu brinco muito quando falo aos esposos e lhes pergunto se se lembram do dia e hora em que se viram pela primeira vez. Alguns dizem sim, outros não. E deixo a vocês esta pergunta: vocês se lembram do dia e hora em que viram, pela primeira vez, aquele que seria seu esposo ou esposa? Tantos não se lembram. Talvez num baile, num carnaval, em meio a tantos e tantas. Mas se houve um grande impacto, nunca se esquecerá. João guardou a hora exata – quatro horas da tarde – em que, pela primeira vez, viu Jesus, o que quer dizer que aquele Homem causava um impacto muito grande. Isso é Jesus!

Depois, a Teologia vai construir toda uma reflexão ao longo de séculos, não de um dia para outro. Só no quarto século, vai-se ter uma clareza de que esse Homem é da mesma natureza de Deus Pai. Antes disso, Paulo também havia intuído que esse Jesus glorioso, de certa maneira, influenciara até na criação. Portanto, se eu perguntar por Jesus, a Teologia vai dizer, com absoluta certeza, que esse Jesus tem futuro porque todas as realidades criadas foram marcadas por Ele. Saibam ou não saibam, queiram ou não queiram, tomem ou não consciência. Assim, o futuro de Jesus não depende, de certa maneira, de nossa espontânea e livre consciência e adesão. Jesus sempre será. Esse é um dado fundamental.

Sobre a pessoa de Jesus não há questionamento.

Teilhard de Chardin, um grande pensador francês, na década de vinte do século passado, já escrevia coisas que lemos hoje e achamos muito avançadas. Ele já via todo o processo evolutivo, desde aquele início, de quinze bilhões de anos com o *big bang*, todo ele marcado pela pessoa de Jesus Cristo. É o ponto ômega. O processo evolutivo caminha para Ele. Enquanto houver evolução, criação, gente nascendo, todo esse processo caminha para Ele. Portanto, podemos falar em futuro. A história física, material desse grande cosmo, desses bilhões de galáxias, tende para Ele. Rahner (*) vai dizer uma coisa fantástica: que o momento da criação já traz incutido, inserido nesse processo, o próprio mistério da ressurreição, e vai mais longe ainda, dizendo que todas as coisas um dia ressuscitarão em Cristo, porque já estão, embrionariamente, ressuscitadas. Portanto, não há dúvida de que Jesus Cristo tenha futuro. É só deixar o processo caminhar para onde nós quisermos. As coisas, os animais, as plantas, todas as realidades serão assumidas pelo mistério da ressurreição.

O Concílio Vaticano II chega a afirmar, de maneira um pouco delicada, que nós encontraremos todas essas mesmas coisas aqui da Terra livres de sua fragilidade. Quer dizer que as coisas – não apenas os espíritos, os seres humanos – também participarão da ressurreição. O cosmo participará da glorificação – as galáxias, as estrelas, os sóis, tudo isso marcado pelo mistério de Jesus. Não vou colocar em questão a realidade de Jesus Cristo.

Cristianismo já é diferente. Reparem bem que a palavra é cristianismo, não *jesuanismo*. O Cristianismo só irá nascer a partir do movimento de Jesus depois da morte. Ele não existia enquanto Jesus vivia. Jesus sim, mas o Cristianismo não. Podemos dizer que certo *jesuanismo* existia, mas não o Cristianismo. E vocês podem perceber que, em português, geralmente, a terminação **ismo** tem certa tonalidade de dúvida, certa negatividade em relação ao substantivo principal. Falamos comum/comunismo; social/socialismo. O **ismo** traz sempre uma tonalidade de ironia, de suspeita sobre ela. De Cristo, não temos dúvidas, mas cristianismo dá idéia de que esse movimento, ao entrar na história, de certa maneira adquire uma independência, uma autonomia em relação à sua origem. Por mais limpo e puro que seja, o movimento começa a assumir certa identidade. Nesse momento ele corre o risco de todos os desvios possíveis da história. Também o Cristianismo vai passar por todas as peripécias e conjunturas históricas e não terá a mesma garantia da pessoa de Cristo, de Jesus.

O Cristianismo é, pois, o movimento histórico de Jesus, que continua depois da sua morte, através daqueles seguidores. Atravessará dois mil anos até hoje. É anterior à divisão das igrejas, por isso se distingue Cristianismo e Igreja. Quando falo em Cristianismo, não penso em protestante, nem católico, nem ortodoxo. É uma realidade que antecede, precede essas divisões que, depois, vamos chamar de Igrejas. A Igreja já será um cristianismo que, de certo modo, se divide, se rompe e de onde começam a surgir Igrejas que se dizem cristãs

– no plural, e cristianismo não tem plural, é singular. Só há um Cristianismo, enquanto há muitas Igrejas cristãs.

Daí vem a pergunta: e **o cristianismo tem futuro?** Essa pergunta é meio complicada.

Se fôssemos um puro e frio historiador, que olhasse a história e estivesse escrevendo o início do movimento de Jesus, que começou com Ele ainda vivo e só depois será chamado de Cristianismo, teríamos visto que esse movimento não tem a mínima possibilidade de continuar existindo. Eu fecharia o livro e terminariam minhas preocupações. Se observarmos, veremos que na época de Jesus havia muitos movimentos semelhantes de judeus que queriam libertar o povo de Israel da dominação romana, de certa opressão legal. Eram muitos movimentos: saduceus, essênios, vários movimentos revolucionários. O próprio Barrabás não foi ladrão coisa nenhuma, mas um homem metido na política, que queria libertar o povo de Israel da dominação romana. Queriam matá-lo como subversivo, mas ele acabou escapando vivo.

Todos os movimentos, sem exceção, cujo líder foi assassinado, desapareceram com a morte desse líder, exceto o movimento de Jesus. Essa é a coisa mais intrigante: o líder foi executado e o movimento continuou. Portanto, sem nenhuma probabilidade histórica. É um enigma histórico, mesmo que, para quem crê, seja outra coisa. Os historiadores, esbarrando com o cristianismo, que nasce de um movimento de Jesus, vão dizer que realmente o improvável aconteceu. O quase impossível aconteceu, porque todos os outros movimentos desapareceram.

E por que o Cristianismo não desapareceu, desaparecendo o Cristo? Se eu fosse um teólogo tradicional e piedoso, diria que é obra do Espírito Santo e acabava o assunto. Mas isso não responde, porque o Espírito Santo age historicamente, e precisamos de razões históricas.

Eu começaria dizendo que o Cristianismo teve algumas *jogadas* perfeitas. Consegui descobrir um *colégio eleitoral* muito bom para eleger-se presidente. Qual foi o trunfo do Cristianismo, que o fez continuar historicamente? Um político e um cultural. Naquele momento, a linguagem falada pelos apóstolos, eu diria que era um português da roça – o aramaico. Não tinha futuro nenhum. Imaginem meia dúzia de caipiras do interior de Minas pretenderem conquistar os Estados Unidos?! A língua aramaica e mesmo a hebraica não teriam chance de continuidade. Mas o Cristianismo teve uma chance histórica enorme ao conseguir exprimir-se na língua grega, chamada *koiné*, isso é, a língua comum. Escolheu o veículo cultural. E um dos fatos únicos da história é que os romanos eram dominadores, mas a cultura grega dominou os dominadores. A língua não era o latim, mas o grego. São Paulo escreveu aos romanos em grego. Em Roma, a grande camada popular falava grego, enquanto a elite falava latim. Uma grande elite aristocrática, como Cícero, em suas *Catilinárias*, falava latim, mas o povo, em Roma, falava grego. O Cristianismo vai adotar não o grego clássico, mas o

grego popular, e aí teve a primeira grande chance de espalhar-se. E o lugar onde terá mais sucesso será naquelas cidades judaicas helenizadas, já influenciadas pela cultura grega. Então ele teve uma chance de entrar nessa cultura e, de fato, entrou.

O segundo fator é cultural. Conseguiu uma façanha muito difícil, talvez a única acontecida na história. Mesmo dois mil anos depois, ainda não se conseguiu fazer, nem com a China, nem com a Índia, com os índios, nem com os africanos. É o que chamaríamos de inculturação. Hoje sabemos isso, mas, naquela época, ninguém sabia. O Cristianismo foi capaz não só de falar a língua grega, mas de traduzir as suas principais verdades naquelas idéias, categorias, conceitos que o homem grego entendia. Foi o que não fizemos com os índios, por exemplo. Também não fizemos na Índia, na China.

A China tem mais de um bilhão de habitantes e lá existem três ou quatro milhões de cristãos, porque o Cristianismo não conseguiu falar – não a língua verbal, que poderia ser traduzida – e traduzir o Cristianismo em categorias e mentalidades acessíveis ao chinês. Por isso, o chinês não se converteu. Também nos países da América Latina não conseguiu isso, mas impôs, liquidou. Falamos português e espanhol, mas não temos cultura indígena. Portanto, não houve nenhuma experiência profunda de inculturação, o que aconteceu na cultura grega. E por isso ele se espalhou.

Lembro-me de uma aula de Teologia, quando eu era aluno. Tínhamos um professor alemão, muito frio, mas um dia saiu de sua frieza e teve um momento de animação quando disse que, no Concílio de Nicéia, os padres, os teólogos e bispos daquela época – todos santos – tentaram dizer que Jesus era o Filho enviado do Pai – o Messias, que é palavra hebraica. Traduziram por uma palavra grega: **homousius** – **homo** é semelhante, **ousius** é essência. O Filho é da mesma essência que o Pai. Parece uma coisa boba para nós hoje, que nem entendemos bem, mas isso foi um gigantesco salto qualitativo. O grego começou a entender que Jesus era como o Pai, da mesma natureza, da mesma essência. Era a cultura deles e eles começaram a entender o que significava. Se falassem que era Enviado, Messias, era categoria bíblica, judaica e o grego não entenderia. Dizer que Jesus era Filho de Deus não lhes diria nada, porque havia uma quantidade imensa de filhos de Deus, inclusive o imperador. Hoje achamos que dizer Filho de Deus é um grande título, mas naquela época não seria. Era um título comum. Dizer que Jesus era Filho de Deus para um romano, por exemplo, não acrescentava muita coisa. Mas dizer que era **homousius to patri** – da mesma natureza de Deus Pai, mostrava que Ele tinha uma originalidade única. E isso o Cristianismo conseguiu ao atingir a cultura grega, o que fez com que ele continuasse a existir.

E há uma terceira razão. Os romanos tinham criado toda uma estrutura de estradas e tinham feito o que o Exército quer fazer em São Paulo: evitar que o PCC (***) afunde os navios. Então, o Mediterrâneo, que era um mar muito perigoso, de certa maneira começou a ser custodiado pelos romanos,

possibilitando que os cristãos pudessem viajar sem serem assaltados. Assim, os romanos criaram as condições materiais, militares, políticas com as grandes estradas, que sobrevivem até hoje, para que o cristianismo se expandisse. Em questão de um século atingiu toda a Europa, toda a região da Ásia Menor, todas as ilhas do Mar Mediterrâneo.

Basta imaginar um caipira como Pedro, que certamente era analfabeto, chegando a Roma. É algo espantoso! Como pode um pescador de um *lagozinho*, de uma cidadezinha, uma *biboca* chegar a Roma? E todos aqueles homens viajaram por todos aqueles países, permitindo que o movimento se expandisse. Esse conjunto de circunstâncias permitiu que o cristianismo continuasse.

E por que o Cristianismo teve chance? Além de entrar na cultura grega, aproveitar da estrutura romana, respondeu a um momento cultural de crise do Império Romano, que sofria certa decadência. Nesse contexto, o Cristianismo começa a aparecer como uma esperança, uma novidade. As pessoas começam a buscar nele aquela resposta que esperavam e acontece, talvez, o momento mais importante.

Quando o Império Romano estava já para desabar, Constantino foi suficientemente inteligente e se perguntou como poderia dar novamente uma novidade aquele Império. As religiões romanas dividiam, não tinham possibilidade de coesão. Eram muitas e os romanos eram muito tolerantes. Tinham o *Pantheon*, para onde traziam os deuses de todos os países. Os romanos não perseguiam religiosamente, pois eram altamente tolerantes. Se Jesus fosse um deus a mais, não teria problema nenhum para os romanos. Lá estaria Jesus no meio de Apolo, Hércules e todos os deuses. Mas os cristãos não aceitaram os outros deuses, pois queriam um único Deus, que era o dos judeus, mas tinha um Filho, Jesus – o Messias. Nesse momento, Constantino – por isso duvida-se que ele tenha mesmo se convertido – percebeu que essa religião era capaz de unificar o Império Romano, desde que se proibisse a pluralidade das religiões pagãs. E tem início uma perseguição forte a essas religiões, estabelecendo o Cristianismo. Teodósio dá prosseguimento a essa implantação e faz do Cristianismo a Igreja oficial do Império Romano, o que lhe dá fôlego para muitos séculos. Todas essas circunstâncias históricas permitiram que o movimento de Jesus continuasse ao longo da história.

Mesmo quando o Império Romano verdadeiramente desaba, o Cristianismo já tinha uma base tão sólida, que consegue converter os bárbaros, dando início a um longo período que é a Idade Média. O Cristianismo continuará como única religião, transformando, principalmente pela ação dos monges, a força bárbara que invadia a Europa.

Hoje os historiadores mais detalhistas percebem que, de fato, o Cristianismo foi mais um verniz na Idade Média do que uma religião que atingia em profundidade. As pessoas que moravam, sobretudo, no campo, eram os mais pagãos. Os urbanos eram os mais cristãos. Justamente o contrário do que temos

hoje. O Cristianismo não será muito profundo no campo, mas sim no mundo urbano, onde mais tarde surgirão as grandes universidades, os grandes teólogos, como Tomás de Aquino, entre outros. Conseguirá ser um grande movimento que vai manter-se. Terá uma *rupturazinha* com a Igreja Ortodoxa, lá pelo século XI, mas que não causou impacto de abalar a Igreja do Ocidente. A verdadeira quebra virá com a modernidade, quando todo o processo começa a ruir. Daí vem a pergunta: será que resistirá ao impacto da modernidade e da pós-modernidade? E por que a modernidade quebrou o Cristianismo?

Vocês poderão entender muito bem a guerra entre Israel e Líbano. Quando o Cristianismo se rompe no Ocidente, com a Reforma Luterana, e começam as guerras religiosas, talvez a maior tragédia do Cristianismo tenha sido esse momento em que os cristãos começam a lutar armadamente entre si. Católicos, huguenotes, calvinistas começam a dividir a Europa sangrentamente no final do século XVI, XVII. Em meio a toda uma tremenda guerra, o Cristianismo não pode mais ser um princípio de coesão. Se a fé divide até levar à guerra, temos que deixá-la de lado e tomar a única coisa que nos une. E o que nos une acima da fé é a razão. Assim começa a modernidade, deixando o Cristianismo de lado. Já que houve guerra, a revelação não é fonte de unidade, pois se transformou em fonte de divisão e de guerra. Começa aí a grande crise do Cristianismo. Voltamo-nos para a razão para recobrar a unidade: buscamos os direitos humanos, a racionalidade, o estado laico. Tem início o processo que chamaremos de secularização, laicização da cultura. E, naturalmente, começará nos países onde a guerra foi mais violenta. É hora de se perguntar se o Cristianismo tem ou não futuro. Numa sociedade em que a razão começa a dominar, o Cristianismo, que apela para a Revelação, tem ou não tem futuro?

A pergunta mudou. Até então, o Cristianismo estava, de certa maneira, amalgamado com a cultura. Não havia uma identidade fora de ser cristão. Ser cristão e ser cidadão era a mesma identidade. Um medieval não poderia ser ateu. Quando Santo Tomás escreve a suma contra os gentios, referia-se aos muçulmanos, pois ateu mesmo não existia, porque civilidade e religião eram a mesma coisa. Isso só deixará de acontecer quando a religião produzir dentro de si uma divisão beligerante, que levará à busca de uma instância superior, que era a razão. Daí podemos perceber a gravidade de uma guerra religiosa. Hoje, percebemos a responsabilidade daqueles homens que fizeram aquelas guerras. Foram eles que possibilitaram que o Cristianismo perdesse sua plausibilidade como única religião mundial. Em outros países que não foram atingidos, suas crenças originárias continuaram: China, Índia, Japão. Essa reflexão é basicamente para o Ocidente, onde o Cristianismo não é mais a grande força de unidade, e sim a razão.

Começa aí o grande problema do Cristianismo: a luta entre razão e fé, que se travará até o Vaticano II. De um lado a razão moderna condena a fé, do outro a fé condena a razão. Pio IX, que foi papa no final do século XIX, disse esta

frase: “Se alguém disser que o papa deve reconciliar-se com a razão moderna, está errado”. O papa não poderia aceitar a modernidade, pois essa era incompatível com o pensamento cristão. Só que já se podia chamar de Igreja, porque já havia uma divisão. Não se podia mais falar simplesmente de um cristianismo, mas sim de Igrejas Evangélicas, Ortodoxas, Católicas, que começam a se distinguir pelas instituições, pelas práticas, pelas doutrinas que começam a se diferenciar. Entramos num certo pluralismo e esfacelamento do Cristianismo que, como instituição, já não existia e, sobre certo sentido, verdadeiramente morreu. Não há mais Cristianismo, mas Igrejas que se dizem cristãs.

Daí, posso passar a uma terceira pergunta sobre o destino das Igrejas. O destino do Cristianismo como unidade já parece impossível, porque ele se fracionou, se dividiu. A grande unidade já não existe mais, e sim Igrejas mais ou menos fiéis ao Cristianismo, cada uma querendo ser mais fiel que a outra. As disputas começam, porque já não há mais um único Cristianismo. Existem Igrejas que remontam a essa fonte única e primeira, mas plural, interpretando culturalmente, conforme as circunstâncias do país, entre outros fatos. Nesse momento é que nós entramos.

Como isso é o que mais nos interessa, vou deter-me mais no destino da **Igreja Católica**, perguntando se ela tem futuro. Eu diria que ela passa por três grandes crises no momento atual e, conforme conseguir trabalhar essas crises, poderá ou não ter futuro.

Começo perguntando se a Igreja Católica pode acabar e respondo que sim. Ninguém pode garantir que ela vá continuar. E onde ficaria a promessa de Jesus? A Igreja Católica pode acabar porque a promessa de Jesus não é mágica nem mecânica. Temos que ter sempre isso na cabeça. Não existe nenhuma graça de Deus que seja mágica, mecânica, e que atue como antibiótico. Ela sempre passará pela liberdade e pela responsabilidade, e nós podemos ser irresponsáveis. Diria uma frase até um pouco perigosa: o único que pode frustrar Deus é o ser humano livre. Nós somos os únicos que podemos frustrar o projeto de Deus, porque Ele nunca vai forçar a liberdade de ninguém. Portanto, é possível. Mas é melhor imaginar que não faremos isso. Essa é a esperança! Nós não vivemos de certezas, no sentido de evidências, mas de esperanças, o que é muito diferente. Temos esperança de que o Cristianismo não desapareça.

Mudando um pouco o assunto, apenas para fazer uma comparação. Há um teólogo alemão, até meio conservador, que, ao ser questionado se existia inferno, respondeu que a existência do inferno pertence à fé, mas ele esperava que estivesse vazio. A esperança é uma virtude diferente da fé. Então a continuidade, o futuro do cristianismo não pertence ao mundo da previsibilidade matemática, mas ao mundo da esperança, que também é uma virtude teologal. Mas o que eu gostaria de tirar da cabeça de todos nós, a começar da minha, é essa idéia de que o Espírito Santo atua independentemente. E se nós falharmos? Esse é o problema!

Vou dar dois exemplos trágicos para provar isso. Matteo Ricci era um missionário jesuíta que foi à China e, chegando lá, percebeu que o culto aos mortos era um dado fundamental para o chinês. Refletindo profundamente, achou que isso não era incompatível com a fé cristã e que, portanto, poderia batizar aqueles chineses que cultuavam os mortos. Não era nenhuma idolatria e sim uma maneira cultural, popular de se relacionarem com seus antepassados. Se essa posição tivesse sido aceita pela Igreja, talvez grande parte da China estivesse convertida. Acontece que essa hipótese foi condenada e continuaram não batizando aqueles chineses que cultuavam os mortos, e eles não se tornaram cristãos. Cabeças pequenas! As burrices de hoje ainda não conhecemos. Daqui a uns cem anos saberão das burrices que nós estamos fazendo hoje. As que os antigos fizeram já sabemos. Esse é um dos fatos mais escandalosos.

Um outro fato é menos conhecido. Um pouco antes de Lutero, havia uma grande decadência na Igreja Católica – lembremos que ainda não havia separação, sobretudo no clero. Esses *mensalõezinhos* seriam pecados veniais comparados com os cometidos naquela época. Talvez a Igreja nunca tenha estado tão decadente quanto na época do Renascimento. Eram papas que iam fazer caça ao invés de cuidar da Igreja, que faziam bacanais no Vaticano. A Igreja estava numa imensa decadência moral, pessoal, apostólica. Para se ter uma idéia, na cidade de Milão, que não é tão longe de Roma, passaram-se oitenta anos sem que um bispo aparecesse por lá, pois eles preferiam as farras de Roma. Um grande castelo que ainda existe nos arredores de Roma, com mais de duzentos quartos, era de um cardeal. Obviamente não moraria sozinho em duzentos quartos. Era uma coisa escandalosa. E, nesse contexto, a Igreja sentiu necessidade de uma renovação e convocou o V Concílio de Latrão. Mas os homens que estavam na *gandaia* não quiseram fazer nada. Limitaram-se a uns decretinhos sem importância, e, poucos anos depois, vem Lutero e divide a Igreja. Se o Concílio de Trento tivesse acontecido na época do de Latrão, dificilmente haveria a Reforma. Mas falharam, veio a Reforma, e com ela uma fissura grande e dolorosa na Igreja Católica. Não levaram a sério a necessária renovação da Igreja naquele momento. O que poderia fazer o Espírito Santo diante dos ouvidos entupidos? Eu acredito que Ele está agindo continuamente, mas com nossas orelhas cheias, não ouvimos. Aqueles homens não ouviram, o Concílio fracassou e a Igreja não fez a reforma. Teve que fazer depois a fórceps, porque Lutero já havia feito a divisão. Como dizemos: *tarde piastes*. Já era tarde!

Voltemos ao que estávamos falando sobre as três grandes crises que vejo neste momento na Igreja Católica.

A primeira grande crise é a seguinte: Weber, um sociólogo alemão, daqueles que gostam de pensar naqueles longos invernos, dizia que havia uma tensão entre carisma e instituição. Carisma é esse lado criativo, mais original, motivador de uma realidade humana qualquer. Pode ser de uma empresa, uma escola, como também da Igreja. É o que inspira uma vida religiosa. Essa

inspiração evidentemente encontra necessária institucionalização, caso contrário, ela morre. O PT nasceu carismático, depois foi aparecendo diretor, presidente, secretário, dinheiro prá cá, dinheiro prá lá, e deu no que deu. O carisma do tempo das bandeiradas, das greves, das diretas já se esvaiu. Assim também a Igreja. Ela tem o carisma do Evangelho, que é forte, que tem um frescor único, é como se tivesse uma bomba-relógio dentro. É a força do Evangelho, da pessoa, da prática de Jesus. Ele morreu jovem, crucificado, não de infarto. Um exemplo que abala qualquer pessoa. Chegamos ao Vaticano e nos deparamos com aquele palácio imenso, onde se anda o dia todo sem chegar ao fim. E o papa fica preso lá dentro. Não estou criticando, apenas mostrando o que é uma institucionalização.

A crise da Igreja hoje é ter uma institucionalização gigantesca, de certa maneira, afogando o Espírito e impedindo-o de explodir porque a instituição é forte. No início o Cristianismo tinha muito carisma e pouca instituição. Também corria o risco de acabar. Hoje o excesso de instituição abafa o carisma, sendo necessário fazer eclodir de dentro da Igreja a força do Evangelho. Assim, ao longo da história vão aparecer pessoas e grupos que tentarão fazer isso. Essa é a grande esperança que temos. Aqui em Belo Horizonte temos um Tio Maurício, é uma pessoa que impressiona pela radicalidade de vida, pela entrega no trabalho com os meninos de rua. Vamos também encontrar em Teresa de Calcutá e em movimentos como o Toca de Assis. Eles acolhem um bêbado, não têm chave na porta de casa. São certas experiências carismáticas fundamentais, e a Igreja sempre terá isso. É a grande vantagem, embora a instituição seja muito forte. Essa é a crise. O Vaticano II foi uma tentativa carismática. Acelerou o carro, mas logo começou a frear drasticamente. Hoje temos muitos querendo acelerar, mas sempre há um freio de mão puxado. É um pouco a crise que estamos vivendo, principalmente depois da morte de João Paulo II, que tinha um grande aspecto carismático, embora, por outro lado, tinha uma fôrma onde colocava todos. Assim a Igreja viveu uma tensão muito forte.

Uma segunda crise é entre o ser e o fazer. Quando começo a me perguntar quem eu sou como indivíduo, como ser humano, posso dizer que sou livre, consciente, sou uma pessoa responsável. Mas posso agir inconscientemente, irresponsavelmente. Percebem a diferença entre o ser e o fazer? O ser é a tomada de consciência da minha constituição como ser humano. A Igreja também tem uma consciência de si, e muito bonita. Por exemplo, a *Lumen Gentium*, que é um documento do Vaticano II, é uma tomada de consciência de toda a Igreja, do seu papel, da importância do leigo, da mulher, da importância da participação, da partilha; que somos todos irmãos, iguais pelo batismo. Isso sabemos. E quando aparece um padre dizendo: “Eu sou o padre daqui e sou eu que mando!”? Fica claro que o ser é uma coisa e o fazer é outra. As pessoas estão mais conscientes dessa ruptura, e a crise tende a acentuar-se porque a clareza do ser ainda é menor, possibilitando o distanciamento maior entre o ser e o fazer. É isso que estamos vivendo dolorosamente. Muito do que somos não conseguimos realizar.

Traduzindo em termos políticos, um pouco a crise do PT foi essa. Era um partido ético, que vinha trazer uma novidade, não era como os outros, não era fisiológico. Tinha uma compreensão política própria e depois, na hora do fazer, vocês pensem e vejam a diferença. Não me toca falar de política aqui. Mas apenas para mostrar que esse problema ataca todas as esferas, assim como ataca também a Igreja, cortando-a por dentro. Na medida em que aproximarmos ter e ser superaremos a crise. No momento em que a instituição for mais carismatizada, resolveremos a primeira crise. Podemos resolver a segunda crise aproximando o ser do fazer. A primeira crise, aproximando a instituição do carisma, tornando-a mais leve, através de um carisma que encontre canais para se realizar.

A terceira crise, bem mais pesada, é que não dá mais para pensarmos o Cristianismo, as Igrejas, a não ser dentro de uma ampla compreensão de um diálogo inter-religioso. As grandes tradições religiosas – budista, xintoísta, taoísta, indígena, afro-brasileira – todas elas hoje pertencem ao nosso grande horizonte religioso. O Cristianismo não pode mais ser pensado a não ser em relação com essas grandes tradições. É preciso entender que sua identidade contribui para essas grandes religiões, mas terá que aprender também com elas, uma coisa que nós nunca imaginamos. Uma mãe-de-santo pode nos ensinar como ser cristão, não como ser mãe-de-santo. Um budista pode ensinar a um cristão como se comportar diante das coisas, da liberdade, das coisas materiais. Isso podemos aprender com um budista, que nos ensina o cuidado, que é muito cristão. Mas para eu perceber esse cuidado, preciso aprender de um budista, e não de um cristão.

Teríamos que começar a pensar que a nossa fé cristã será purificada, o que nos é muito difícil. Ela será purificada não por nós, mas por outras religiões, que não são cristãs. Isso é algo gigantesco! Admitir que um Dalai Lama possa ser um mestre de espiritualidade para nós. Thomas Merton (***) morre fazendo essa experiência. Era um grande trapista que descobre o Budismo, indo ao Oriente. Ele descobriu que não podemos ser cristãos sem captar, sem nos deixar questionar, enriquecer-nos, fecundar-nos pelo conjunto de todas as religiões. E no Brasil, através dos afro-brasileiros; em outros países, com as religiões indígenas. Essas culturas terão muito que nos ensinar, nos humanizar e nos cristianizar. Saber que o cristão aprende de outra religião parece um desafio gigantesco e, parece que hoje é o caminho, embora haja uma reação imensa.

Uma última ideiazinha sobre o que é **ser cristão**. Aqui eu faria novamente uma distinção. Ser cristão de uma maneira consciente, explícita, tematizada, e ser cristão pela práxis, embora não tematizando. Vou explicar essas palavrinhas feias. Quando eu sou uma coisa e digo que sou, percebo que sou, chamo isso de tematizar. É o que o psicanalista faz com os traumas, que temos, saibamos ou não. Quando fazemos análise, os nomeamos, damos nomes aos traumas: “Eu estou neurótico!” Antes eu já era assim, mas não sabia que era neurótico. Eu aprendo a dizer, dar o tema, o conteúdo àquele nariz torcido que eu sempre tive.

Não foi a neurose que me fez torcer o nariz, mas o torcer o nariz me fez entender que coisa é neurose. Ter o trauma é o ser, não falado, não tematizado. Quando eu explico, e Freud achava que essa é uma das maneiras de superar os problemas, eu tematizo. Assim também é o ser cristão.

Rahner (*) criou uma expressão dizendo que todo ser humano que vive seriamente, honestamente a ética, é cristão, mas anônimo. Ele não se chama, não se diz, não nomeia, mas é. Então ser cristão terá o sucesso da ética. Nesse sentido anônimo, ser cristão e ser ético se equivaleria, se identificaria. A consciência ética está crescendo, pois mesmo que as pessoas não sejam éticas, estão preocupadas com isso. Eu tive a alegria de pertencer, durante uns três a quatro anos, ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG. Participei e vi a preocupação dos professores com a ética. Isso é o que eu chamaria de cristão anônimo. Portanto, ser cristão tem um futuro enorme, o mesmo futuro que tem a consciência ética batendo em todos os lugares, talvez pela falta de ética que anda acontecendo.

Ser cristão tematizado é mais, porque no momento em que eu falo que sou, eu aprofundo e por isso faço análise. Sou capaz de superar melhor, porque quanto mais eu souber tematizar, explicitar, nomear, dar palavras, aprofundar uma realidade que já estou vivendo, isso me ajuda a viver melhor ainda essa realidade. O Cristianismo nomeado é importante, e ele vai depender do esforço que fizermos – e esse é um exercício que estamos fazendo aqui – de nomearmos a nossa fé. O que eu sinto que falta muito no Brasil não é falta de fé, nem de cristãos. Existe muita gente honesta, mas falta nomear *cristãmente* a sua fé, e essa talvez seja uma tarefa nossa, que somos explícitos: ajudar as pessoas a nomear aquilo que já vivem. Mostrar que elas já vivem essa realidade. Assim, eu posso ajudar outras pessoas a viverem em maior profundidade.

Tenho impressão de que ser cristão tem mais futuro ainda, porque todos nós, sem exceção, somos chamados a ser cristãos anônimos pela ética, e ser cristãos explícitos pela maneira de formular, tematizar e explicitar essa maneira ética de viver. Boa noite! (14/07/06)

(*) Karl Rahner, grande teólogo alemão, falecido em 1984.

(**) Primeiro Comando da Capital: organização criminosa criada em S.Paulo na década de 90.

(***) Monge trapista francês, radicado nos Estados Unidos e falecido em 1968.

(*) palestra sobre o livro homônimo, proferida no CES do Colégio Loyola, em Belo Horizonte - MG

Índice Remissivo

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Espiritualidade Inaciana		IV	143
Juventude – Memória e Sonho		I	14
Deus Pai		IV	156
A Arte de Formar-se		IV	123
Qual o Futuro do Cristianismo?		V	118
Refletindo a Vida		V	59
Fé e Religião no Terceiro Milênio		V	107
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	1Cor 7,29-31	II	25
A Beleza na Diversidade	1Cor 12, 4-11	IV	14
Nosso Valor Está na Singularidade	1Cor 12,12-30	III	25
Amar a Face Escura	1Cor 12,31-13,3	I	20
A Verdadeira Experiência do Amor	1Cor 13,1-8	I	22
Nossa Vocação é Criar as Relações	1Cor 15,1-11	I	24
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	1Cor 15,20-27	IV	72
Só Descobrimos o que Já Temos	1Rs 3, 5.7-12	IV	65
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	1Rs 19, 4-8	IV	70
Barcas ao Mar	1Rs 19,9.11-13	III	97
A Grande e Total Presença	1Rs 19,9a.11-13a	II	148
O Chamado que Desacomoda	1Sm 3, 3-10,19	II	20
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	2Mc 7, 1-2.9-14	IV	104
O Amor Reconstrói por Dentro	2Sm 12, 7-10,13	I	104
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	2Tm 4, 6-8.17-18	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	2Tm 4, 6-8.17-18	III	80
Autoridade x Poder	Am 7,12-15	II	86
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Ap 7,2-4.9-14	III	132
Cordeiros e Pastores	Ap 9,14b-17	I	94
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Ap 12, 1-5.13.15-16	V	76
Ascensão é o Mistério da Ausência	At 1, 1-11	IV	43
Nós Precisamos de Tempo	At 1, 1-11	I	78
Babel x Pentecostes	At 2, 1-11	I	85
Um Outro Pentecostes	At 2, 1-11	I	83
A Vida Sem o Espírito Santo	At 2, 1-11	V	26
Locomotiva, Trilho e Destino	At 2, 1-11	II	57
Pentecostes: História e Limite	At 2, 1-11	I	81
Pentecostes Cria Comunidade	At 2, 1-11	IV	46

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Jesus Não Deu Conta	At 2, 1-11	IV	37
Pedro e Paulo	At 12, 1-11	I	106
Percebendo o Anjo em Nossas Vidas	At 12, 1-11	I	98
Quem Eu Sou Perante Deus	At 12, 1-11	III	80
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	At 12, 1-11	II	77
Igreja Plural	At 15,1-2.22-29	III	72
A Sacralidade da Família	Cl 3,12-21	V	104
A Importância da Família	Cl 3,12-21	I	130
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Cl 3,12-21	III	154
Alegria se Celebra com Alegria	Dt 5,12-15	III	43
A Felicidade Nas Coisas Simples	Ecl 1, 2,2,21-23	V	46
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Eclo 3,2-6.12-14	III	154
A Igreja Começa na Família	Eclo 3,2-6.12-14	III	152
A Sacralidade da Família	Eclo 3,2-6.12-14	V	104
A Família Precisa de Ritos	Eclo 3,3-7,14-17a	II	144
Fé e Razão	Ef 3, 2-6	III	15
A Quem Iremos?	Ef 5,21-32	II	81
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Est 5, 1-2; 7,2-3	V	76
Deus Age Através de Nossas Ações	Ex 3, 1-8a,13-15	V	23
Um Nome Não É Simplesmente Um Nome	Ex 3, 1-8a,13-15	I	39
A Pergunta que Nos Move	Ex 17, 8-13	II	114
Jesus Revela o Coração de Deus	Ex 19,2-6a	III	74
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Ex 22,20-26	III	125
Deus Ouve o Grito dos Excluídos	Ex 22,20-26	IV	96
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Ex 34, 4-6.8-9	IV	40
Responsabilidade Ética	Ez 33, 7-9	IV	80
Lidando Com as Perdas	Gl 3,26-29	IV	52
O Bem e o Mal: Tentações	Gn 2,15-24	I	52
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Gn 2,18-24	V	72
Uma Caminhada de Conversão	Gn 9,8-15	III	53
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Gn 9,8-15	III	51
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Gn 18, 1-10a	IV	60
Marta e Maria	Gn 18, 1-10a	I	112
Pedir é Abrir-se	Gn 18,20-32	III	86
Nós Somos a Vinha do Senhor	Is 6, 1-7	V	70
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Is 8,23-9,3	II	23
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Is 9, 1-6	V	102

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Is 11, 1-10	II	134
Pequenas Utopias	Is 11, 1-10	V	88
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Is 35, 1-6a.10	V	94
Buscando Sinais que Nos Unam	Is 55,1-3	III	88
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Is 56, 1.6-7	V	50
Fé e Razão	Is 60, 1-6	III	15
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Jn 3, 1-5.10	II	25
A Força do Olhar de Jesus	Jo 1, 1-18	III	150
Natal – Valeu a Pena Criar (Um Diálogo Trinitário)	Jo 1, 1-18	I	127
Ser Profeta no Cotidiano	Jo 1, 6-8.19-28	V	98
Somos Testemunhas da Luz	Jo 1, 6-8.19-28	V	100
A Novidade da Fé	Jo 1,19-28	III	27
O Chamado que Desacomoda	Jo 1,35-42	II	20
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Jo 2, 1-11	V	76
O Sagrado é Inegociável	Jo 2,13-22	II	45
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Jo 3,16-18	IV	40
Amar É o Verbo de Deus	Jo 3,16-18	II	63
Crescemos na Reciprocidade	Jo 3,16-18	V	29
Água: Sinal e Símbolo	Jo 4, 1-26	I	55
Multiplicando por Palavras	Jo 6, 1-15	II	90
O Pão da Convivência	Jo 6,30-50	III	90
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	Jo 6,41-51	IV	70
Nossa Alegria É a Alegria de Deus	Jo 6,51-58	II	66
Buscando Força Interior	Jo 6,60-69	IV	74
A Quem Iremos?	Jo 6,60-69	II	81
A Originalidade do Perdão de Deus	Jo 8, 1-11	V	19
A Grande Lição de Paciência e Esperança	Jo 8, 1-11	IV	27
As Cegueiras em Nosso Dia-a-Dia	Jo 9, 1-41	III	48
Luz: A Caminhada da Fé	Jo 9, 1-41	I	57
Razão se Faz com Lama e Luz na Medida Certa	Jo 9, 1-41	II	37
Somos Pastores na Igualdade	Jo 10, 1-10	II	49
Nós Temos Sede de Infinito	Jo 10, 1-10	IV	31
Mães Para Todas as Estações	Jo 10,11-21	II	54
Cordeiros e Pastores	Jo 10,27-30	I	94
Vida é Movimento de Dentro	Jo 11, 1-44	I	59
Lázaro: Milagre por Amor	Jo 11, 1-44	I	61
Sinais de Morte e Ressurreição no Amor	Jo 11, 1-45	II	39

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Deus É, Deus Ama	Jo 11, 1-45	II	150
Jesus Assumiu na Liberdade	Jo 12,12-19	I	63
O Grão que Cai na Terra	Jo 12,20-33	III	58
É Noite!	Jo 13,21-33	I	65
Mães	Jo 13,31-33a,34,35	I	96
Amar é Desejar a Vida Para Todos	Jo 13,31-35	IV	34
Construindo Eternidade	Jo 14, 1-12	III	65
Caminho, Verdade e Vida	Jo 14, 1-14	I	29
O Amor se Faz na Acolhida do Diferente	Jo 14,15-21	III	69
A Presença Que é Certeza e União	Jo 14,15-21	V	25
A Paz que Vem de Cristo	Jo 14,23-29	I	76
Nó de Relações	Jo 15, 1-8	II	60
Deus Nos Revela o Mistério Trinitário	Jo 16,12-15	V	33
O Sentido da Morte na Morte de Jesus	Jo 18,1-19,42	I	69
Deus Pai Entrega Seu Filho à História	Jo 18,1-19.42	V	21
A Realeza que Recebemos no Batismo	Jo 18,33-37	IV	113
Entendendo a Ressurreição	Jo 20, 1-9	I	70
Jesus Não Deu Conta	Jo 20,19-23	IV	37
A Vida Sem o Espírito Santo	Jo 20,19-23	V	26
Tomé – O Crucificado é o Ressuscitado	Jo 20,19-31	I	72
Tomé – O Amor é Incondicional	Jo 20,19-31	I	74
A Identidade do Ressuscitado	Jo 20,19-31	II	52
Amar a Face Escura	Jr 1,4-5/17-19	I	20
A Quem Iremos?	Js 24, 1-2.15-18	II	81
Buscando Força Interior	Js 24, 1-2.15-18	IV	74
O Ser Humano Como Lugar de Deus	Lc 1,26-38	III	148
Maria Irradia o Amor de Deus Pai	Lc 1,28-38	V	90
As Três Dimensões da Assunção	Lc 1,39-45	III	95
Noite Silenciosa	Lc 1,39-45	I	126
Assunção: A Festa da Esperança	Lc 1,39-56	II	98
Na Assunção, A Totalidade de Maria	Lc 1,39-56	V	52
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	Lc 1,39-56	IV	72
Assunção – Fé Pretensiosa	Lc 1,39-56	I	122
João Batista: Tradição e Profecia	Lc 1,57-66.80	II	75
A Transformação da História Começa no Mistério do Coração de Deus	Lc 2, 1-14	IV	120
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Lc 2, 1-14	V	102
Natal é Mergulhar no Mistério de Deus	Lc 2, 1-14	II	140

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
As Três Fogueiras	Lc 2,16-21	II	13
A Renovação Que Um Ano Novo Nos Oferece	Lc 2,16-21	V	9
Ano Novo – Portas Abertas para o Ser	Lc 2,16-21	I	11
Deus Pai nos Propõe o Ano da Misericórdia	Lc 2,16-21	IV	9
Um Dia Diferente	Lc 2,16-21	II	146
Entrando Num Novo Milênio com Cristo	Lc 2,41-52	III	11
Preparar Para a Festa Já é Festa	Lc 3, 1-19	V	96
Advento é Tempo de Confiança	Lc 3, 1-6	IV	116
As Presenças de Cristo no Nosso Cotidiano	Lc 3, 1-6	V	92
Batismo é Compromisso Com o Futuro	Lc 3,15-16.21-22	IV	11
Nós Somos o Limite de Deus	Lc 4, 1-13	IV	22
Tentações em Lucas	Lc 4, 1-13	I	50
Nossa Vocação é Criar as Relações	Lc 5, 1-11	I	24
Avançar para Águas mais Profundas	Lc 5, 1-11	I	26
Bem-Aventuranças em Lucas	Lc 6,17-26	I	43
Jesus Responde à Grande Pergunta	Lc 6,17.20-26	III	127
A Proposta Cristã para a Vida Além da Morte	Lc 6,17.20-26	III	129
Ser Cristão é Mais que Ser Ético	Lc 6,27-36	I	35
Gratuidade x Reciprocidade	Lc 6,27-36	IV	16
O Amor Reconstrói por Dentro	Lc 7,36-8,3	I	104
Jesus Quer Mais que Rito e Rotina. Ele Quer Amor	Lc 7,36-8,3	I	102
Alegrear-se Com Todas as Alegrias	Lc 9,18-24	V	44
Lidando Com as Perdas	Lc 9,18-24	IV	52
Transfiguração – A Festa Contínua	Lc 9,28-36	I	47
O Jesus do Cotidiano e da Glória	Lc 9,28b-36	V	17
Transfigurações no Nosso Dia-a-Dia	Lc 9,29-36	II	42
Transfiguração: Força para o Sofrimento	Lc 9,29-36	I	49
Ser Livre Para Amar, Amar Para Ser Livre	Lc 9,51-62	I	108
Todas as Leis se Calam Diante do Amor	Lc 10,25-37	IV	57
Abrindo a Janela Interior	Lc 10,25-37	I	114
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Lc 10,38-42	IV	60
Servir e Contemplar	Lc 10,38-42	I	110
Marta e Maria	Lc 10,38-42	I	112
Pedir é Abrir-se	Lc 11,1-13	III	86
O Nada se Veste	Lc 12,13-21	II	94
A Felicidade Nas Coisas Simples	Lc 12,13-21	V	46
Somos o Que Amamos	Lc 12,16-21	I	116
Pai, Referência Fundamental	Lc 12,32-48	I	119

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Serviço de Ser Pai	Lc 12,32-48	III	93
Pais da Transcendência	Lc 12,32-48	II	96
Deus Age Através de Nossas Ações	Lc 13, 1-9	V	23
A Porta Estreita	Lc 13,22-30	V	55
Nós Construimos a Salvação	Lc 13,22-30	III	102
Abrir-se para Acolher	Lc 13,22-30	III	100
Nós Existimos para Deus	Lc 14,1.7-14	III	104
A Felicidade que Deus Espera para Nós	Lc 14,25-33	III	108
A Busca da Interioridade	Lc 14,26-33	II	104
A Parábola do Pai Misericordioso	Lc 15,1-3,11-32	I	28
Jesus nos Apresenta o Deus da Acolhida	Lc 15,1-32	III	111
A Parábola dos Inversos	Lc 16,19-31	II	108
No Cotidiano se Faz Eternidade	Lc 16,19-31	III	117
O Horizonte do Amor É o Infinito	Lc 17, 5-10	II	110
A Pergunta que Nos Move	Lc 18, 1-8	II	114
Deus é Contínua Doação	Lc 18, 1-8	IV	94
Justiça e Misericórdia	Lc 18, 9-14	I	100
A Dimensão da Verdadeira Glória	Lc 18, 9-14	II	120
Somos Iguais na Radicalidade	Lc 18, 9-14	IV	98
A Caminhada de Zaqueu	Lc 19, 1-10	II	123
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	Lc 20,27-38	IV	104
Só Restará o que For Construído por Dentro	Lc 21, 5-19	II	129
O Fim do Mundo a Cada Dia	Lc 21, 5-19	III	135
Responsabilidade Cidadã	Lc 21,25-28.34-36	V	86
A Paixão em Lucas	Lc 22,14-23,56	I	67
Nós Não Damos Conta do Amor	Lc 22,14-23.56	IV	29
A Realeza pelo Olhar	Lc 23,35-43	III	138
A Originalidade da Realeza de Jesus	Lc 23,35-43	II	131
Ser de Luz	Lc 24,13-35	I	91
Emaús x Jerusalém	Lc 24,13-35	I	92
A Grande Caminhada para Jerusalém	Lc 24,13-35	III	60
Na Ascensão, A Nossa Ressurreição	Lc 24,46-53	I	80
O Sentido do Silêncio Messiânico	Lv 13, 1-2.44-46	IV	20
Quando o Céu se Abre	Mc 1, 1-8	III	146
Os Vários Sentidos de Batismo	Mc 1, 6-11	III	23
Vozes de Nossa Vocação	Mc 1, 7-11	III	21
Uma Caminhada de Conversão	Mc 1,12-15	III	53
O Reino de Deus Aqui e Agora	Mc 1,12-15	IV	25

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Mc 1,12-15	III	51
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mc 1,14-20	I	124
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Mc 1,14-20	II	25
O Cotidiano de Jesus	Mc 1,29-39	III	31
Construindo Solidariedade	Mc 1,29-39	V	13
A Acolhida pela Pele	Mc 1,40-45	III	39
O Sentido do Silêncio Messiânico	Mc 1,40-45	IV	20
O Invisível no Visível	Mc 2, 1-12	IV	18
Alegria se Celebra com Alegria	Mc 2,23-3,6	III	43
Os Batismos na Vida de Jesus	Mc 3,13-17	II	17
Valemos Pelo Que Somos	Mc 3,20-35	V	31
Só Crescemos na Verdade de Nós Mesmos	Mc 4,35-41	V	37
A Outra Margem	Mc 4,35-41	IV	55
Oração, Esmola e Jejum	Mc 6, 1-6,16-18	III	45
Autoridade x Poder	Mc 6, 7-13	II	86
Jesus Se Mostra Divino Na Extrema Humanidade	Mc 9,2-10	V	48
Antecipando a Ressurreição	Mc 9,2-10	III	55
O Batismo Nos Faz Profetas	Mc 9,38-43.45.47-48	IV	89
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Mc 9,38-48	IV	87
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Mc 10, 2-16	V	72
Consciência e Liberdade	Mc 13,33-37	II	133
Humanidade e Divindade Fazem a Realeza de Jesus	Mc 14,1-15,47	III	62
Ascensão é o Mistério da Ausência	Mc 16,15-20	IV	43
A Força da Mulher na Transformação do Mundo	Mt 1,18-24	II	136
Uma Fé Aberta para a História	Mt 1,18-25	II	138
A Estrela Que Nos Conduz à Verdade do Menino	Mt 2, 1-12	V	11
A Noite que Antecede a Aurora	Mt 2, 1-12	III	13
Magos – Dois Olhares	Mt 2, 1-12	I	17
Magos: Diálogo Inter-Religioso	Mt 2, 1-12	II	15
Fé e Razão	Mt 2, 1-12	III	15
A Universalidade de Jesus	Mt 2, 1-12	III	18
Coragem para Buscar Libertação	Mt 2,13-15,19-23	II	142
Como João Batista Esperava Jesus	Mt 3, 1-12	I	41
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Mt 3, 1-12	II	134
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mt 3, 1-12	I	124

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Atravessando o Rio Jordão	Mt 3,13-17	IV	118
O Bem e o Mal: Tentações	Mt 4, 1-11	I	52
Nossa Tentação em Ver um Jesus Diferente	Mt 4, 1-11	II	35
Jesus Vai à Frente	Mt 4,12-13a,17-22	III	29
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Mt 4,12-17	II	23
Pérolas de Eternidade	Mt 5, 1-12	II	28
Nas Bem-Aventuranças, Um Novo Retrato de Deus	Mt 5, 1-12	V	81
Bem-Aventuranças em Mateus	Mt 5, 1-12	I	45
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Mt 5, 1-12	III	132
Os Verdadeiros Modelos Para os Jovens	Mt 5, 1-12	V	78
Bem-Aventuranças: A Felicidade que Ninguém nos Tira	Mt 5, 1-12a	IV	107
Sabedoria é Saber com Sabor	Mt 5,13-16	II	30
Sabedoria e Luz	Mt 5,13-16	III	34
Nova Visão da Lei e Valor do Lazer	Mt 5,21-47	I	37
Deus Esqueceu-se de Ir Embora	Mt 5,43-48	I	31
O Mistério se Encontra no Silêncio	Mt 6, 1-6.16-18	III	36
Três Dimensões de Abertura	Mt 6, 1-6.16-18	II	32
Transparências e Limites	Mt 7,21-27	II	68
Deus Age nas Coincidências	Mt 9, 9-13	II	71
O Símbolo Traduz o Amor	Mt 9,36-10,8	IV	49
Medos	Mt 10,26-31	II	73
O Tribunal da Consciência	Mt 10,26-33	V	35
Deus Potencializa os Nossos Amores	Mt 10,37-42	III	77
Um Amor que Estrutura os Nossos Amores	Mt 10,37-42	V	40
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Mt 11, 2-11	V	94
Abba: Um Deus Próximo	Mt 11,25-30	II	79
O Poder da Palavra	Mt 12,33-37	I	33
Ser Terra para Acolher e Produzir Frutos	Mt 13, 1-23	II	84
O Longo Trabalho de Fazer Crescer a Semente	Mt 13, 1-23	V	42
As Palavras Carregam Experiências	Mt 13, 1-23	III	83
Um Outro Pentecostes	Mt 13, 1-23	I	83
Trindade: Realidade Cotidiana	Mt 13,24-30	I	87
A Semente de Trigo que Guarda a Nossa Esperança	Mt 13,24-43	IV	62
Joio e Trigo Coexistem Dentro de Nós	Mt 13,24-43	II	88
Só Descobrimos o que Já Temos	Mt 13,44-46	IV	65
A Grande Rede que Procura Bondade	Mt 13,44-52	IV	68
Buscando Sinais que Nos Unam	Mt 14,13-21	III	88

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Mt 14,22-33	V	50
Barcas ao Mar	Mt 14,22-33	III	97
A Grande e Total Presença	Mt 14,22-33	II	148
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	Mt 16,13-19	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	Mt 16,13-19	III	80
Pedro e Paulo	Mt 16,13-19	I	106
Tu És Pedra	Mt 16,13-20	II	100
Respeito à Individualidade	Mt 16,21-23	II	102
Vencer a Acomodação Buscando Horizontes Mais Amplos	Mt 16,21-27	V	57
Dom Helder: O Mensageiro da Esperança	Mt 16,21-27	IV	77
Transfiguração é a Nossa Reserva de Luz	Mt 17,1-9	III	41
Transfigurar-se é Renunciar ao Comodismo	Mt 17,1-9	V	15
As Ovelhas Amadas de Deus Pai	Mt 18,12-14	III	143
A Gratuidade do Perdão	Mt 18,15-18	III	106
Responsabilidade Ética	Mt 18,15-20	IV	80
Deus Nos Criou Para Sermos Eternos	Mt 18,21-35	V	61
O Perdão Que Nos Reconstrói	Mt 18,21-35	IV	84
A Dimensão Cristã do Perdão	Mt 18,21-35	V	63
A Lógica de Deus	Mt 20, 1-16	II	106
O Tempo Não Faz o Amor	Mt 20, 1-16	V	66
O Julgamento Misericordioso de Deus	Mt 20, 1-16	III	113
O Tempo de Deus é Outro	Mt 20, 1-16	III	115
O Valor de Quem se Gasta Pelo Reino de Deus	Mt 21,28-32	V	68
Nós Somos a Vinha do Senhor	Mt 21,33-43	V	70
A Nova Vinha	Mt 21,33-43	III	120
Uma Matemática Diferente	Mt 21,33-45	II	112
Deus nos Convida ao Banquete da Vida Plena	Mt 22, 1-10	IV	91
Nossa Resposta Aos Convites de Deus	Mt 22, 1-14	V	74
Deus Está Presente em Todos os Amores	Mt 22,15-22	II	116
A Ação de Deus Depende de Nossa Liberdade	Mt 22,15-22	II	118
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Mt 22,34-40	III	125
Religião: Símbolo, Doutrina e Práxis	Mt 23,1-12	III	122
Estamos Preparados?	Mt 24,37-44	III	140
O Noivo do Dia Seguinte	Mt 25, 1-13	IV	101
O Noivo É a Realidade	Mt 25, 1-13	II	125
Pontos de Transcendência	Mt 25,14-30	IV	110
A Felicidade de Repartir	Mt 25,14-30	II	127
Eu Me Construo Nas Minhas Relações	Mt 25,31-46	V	84

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Trindade: Unidade na Diversidade	Mt 28,16-20	I	89
Jesus Revela o Coração de Deus	Mt 9,36-10,8	III	74
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Nm 11,25-29	IV	87
O Batismo Nos Faz Profetas	Nm 11,25-29	IV	89
Buscando Sinais que Nos Unam	Rm 8,35.37-39	III	88
Somente o Ser Humano é Instrumento de Paz	Sl 137/136	II	47
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Tg 5, 7-9	V	94

